

MELISSA MENDES SERRÃO CAPUTO

Universidade Católica de Santos

Mestrado em Educação

*Eunice Caldas – uma voz feminina
no silêncio da História
(1879 – 1967)*

Santos
2008

MELISSA MENDES SERRÃO CAPUTO

Universidade Católica de Santos

Mestrado em Educação

*Eunice Caldas – uma voz feminina
no silêncio da História
(1879 – 1967)*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Franco Pereira

Santos
2008

Dados Internacionais de Catalogação
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos – UNISANTOS
SibiU

C255e Caputo, Melissa Mendes Serrão
Eunice Caldas – uma voz feminina no silêncio da História (1879 –
1967)/Melissa Mendes Serrão Caputo – Santos:
[s.n.] 2008.
100 f.; 30 cm. (Dissertação de Mestrado – Universidade Católica
de Santos, Programa em Educação)

I. Caputo, Melissa Mendes Serrão. II. Título.

CDU 37(043.3)

COMISSÃO JULGADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Santos, ____/____/2008.

Assinatura: _____

Este projeto de pesquisa recebeu o apoio da CAPES, via bolsa de estudos disponibilizada pela Universidade Católica de Santos.

*Aos meus pais,
Giovanni e Marise,
pelo apoio incondicional.*

AGRADECIMENTOS

*A Cida Franco, minha orientadora intelectual de tempos atrás,
por reconhecer minha paixão pela Eunice, iluminar os meus passos e
vibrar a cada conquista deste trabalho.*

*Às professoras da banca examinadora
Dr.^a Diana Gonçalves Vidal e Dr.^a. Maria Zilda da Cruz,
pelas análises sensíveis e sugestões pertinentes.*

*A Rosa Maria Esteves Migotto,
por ter-me confiado a Tia Nicinha e pelo empenho em se aventurar comigo na pesquisa.*

*Ao Lael Vital Brazil,
pela gentileza com que me recebeu e por disponibilizar as obras de Eunice.*

*A Anna Glória Thereza Teixeira de Carvalho Nogueira Santos,
por apresentar o universo de sua avó Anna Galheto e preencher determinadas lacunas.*

*A Dea Vilella Peckolt,
por abrir-me as portas do acervo do Liceu Santista e pelas informações esclarecedoras.*

*A Eliane de Christo Oliveira,
pelo compartilhamento fraternal da pesquisa em relação a Anália Franco.*

*Aos funcionários da UniSantos,
do Instituto de Pesquisa em Educação “Prof. Sud Menucci”;
do setor de Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade;
do Centro de Referência em Educação Mário Covas;
e das Academias Brasileira e Paulista de Letras, pela acolhida.*

*Ao meu irmão, Fabrício,
por emprestar o seu talento ao tratamento gráfico desta dissertação,
dentre outras minúcias.*

*A Sandra Regina P. de Meneses,
pela contribuição na construção de um novo olhar sobre mim mesma.*

*À família Scarpelli Marcantonio,
principalmente às primas Elaine e Marina,
por me concederem um segundo lar em São Paulo enquanto realizava as pesquisas.*

*E, finalmente, aos amigos essenciais neste percurso acadêmico,
Eliane, Márcio, Janete, Danielle e Janaína,
irmãos de ideais por uma Educação mais justa e coerente.*

Cântico II

*Não sejas o de hoje.
Não suspires por ontens...
não queiras ser o de amanhã.
Faze-te sem limites no tempo.
Vê a tua vida em todas as origens.
Em todas as existências.
Em todas as mortes.
E sabes que serás assim para sempre.
Não queiras marcar a tua passagem.
Ela prossegue:
É a passagem que se continua.
É a tua eternidade.
És tu.*

Cecília Meirelles

RESUMO

CAPUTO, Melissa Mendes Serrão. **Eunice Caldas – uma voz feminina no silêncio da História** (1879-1967). 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica de Santos.

O ramo da historiografia dedicado à Educação – e seus desdobramentos através das questões de gênero, de literatura e das práticas e culturas escolares – tem fomentado inúmeros trabalhos acadêmicos comprometidos com o reescrever da história do magistério, principalmente do século XIX em diante. Neste contexto, a presente pesquisa visa à recuperação de uma história de pioneirismo na educação, marcada pela atuação da professora Eunice Peregrina de Caldas (1879-1967) no magistério e refletida na literatura, através de suas obras publicadas. Fundadora, em 1902, da sucursal santista da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo, criada pela professora Anália Franco Bastos, para a elevação cultural da mulher; diretora, no mesmo ano, do 1º Grupo Escolar de Santos “Dr. Cesário Bastos”, Eunice Caldas legou uma vasta obra literária que abrange desde peças teatrais, poesias e livros infantis a publicações de cunho didático. Este estudo teve o apoio, principalmente do acervo documental do Liceu Feminino Santista, do Museu Vital Brazil e de acervo particular de Rosa Esteves e Anna Glória; das obras dos grandes historiadores da educação brasileira (Diana G. Vidal, Luciano Mendes Faria Filho, Rosa Fátima de Souza, Jane Soares de Almeida); das especialistas em literatura feminina e infantil, como Maria de Lourdes Eleutério, Nelly Coelho, Marisa Lajollo, Maria Thereza C. C. Bernardes, entre outras; dos estudos de gênero e educação, como Susan Besse, Maria Clementina P. Cunha, Maria Christina S. de Souza Campos. Esta pesquisa foi completada com entrevistas orais abertas. Investigando a articulação de Eunice Caldas pelos círculos literários femininos de sua época e analisando as idéias de educação e de concepção da mulher desenvolvidas em seus livros, principalmente “Scenas Domesticas” e “Inezilha Braz”, conseguimos alcançar grande parte dos objetivos desta pesquisa, considerando o pensamento euniciano sobre educação consoante com algumas das diversas idéias difundidas na Primeira República.

PALAVRAS-CHAVE: Primeira República – Educação feminina – Mulheres de letras – Romances pedagógicos

ABSTRACT

The branch of historiography devoted to education - and their developments through the issues of gender, literature and practices and cultures school - has fostered numerous scholarly works committed to rewrite the history of teaching, mainly from the 19th century onward. In this context, this research seeks to recover from a history of pioneers in education, marked by the performance of Eunice Peregrina de Caldas (1879-1967) in teaching and literature, through her writings. She founded, in 1902, the local branch of the Feminine Beneficent Association of Instruction from São Paulo, created by Anália Franco, for women's cultural elevation. Was nominated director, on the same year, of the 1st School Group of Santos "Dr. Cesário Bastos". Eunice Caldas produced a wide literary work that ranges from plays, poetry and children's books to didactic publications. This study was supported by the documentary collections of Liceu Feminino Santista, Vital Brazil's Museum and private archive from Rosa Esteves and Anna Gloria; by the works of the great Brazilian historians of education (Diana G. Vidal, Luciano Mendes de Faria Filho, Rosa Fátima de Souza, Jane Soares de Almeida); by the specialists in women and children's literature, as Maria de Lourdes Eleutério, Nelly Coelho, Marisa Lajollo, Maria Thereza C. C. Bernardes, among others; by the studies on gender and education, as Susan Besse, Maria Clementina P. Cunha, Maria Christina S. de Souza Campos. This survey was supplemented by opened oral interviews. We managed to accomplish some purposes from this research, through the investigation of Eunice Caldas' literary circles e the analysis of her pedagogic books - mainly "Household Scenes" and "Inezilha Braz" - that were in accordance with many ideas spreads in Brazilian's First Republic.

KEYWORDS: Brazilian First Republic – Feminine Education – Literary Women – Pedagogic Novels

SUMÁRIO

Introdução.....	14	
Capítulo I – “Irmã de sala” e não “de cozinha”		
1. Eunice Caldas, uma intelectual no seu tempo.....	25	
2. Associação Feminina Santista: uma obra centenária para elevação da mulher.....	59	
Capítulo II – Literatura e educação: vozes femininas na Primeira República		
1. As mulheres de letras e o “Espírito Feminino”.....	81	
2. “Estes secretos hinários de minha alma”.....	92	
Capítulo III – Literatura de formação: os romances pedagógicos eunicianos.....		111
Considerações finais.....	134	
Apêndices e anexos.....	140	
Fontes e referências bibliográficas.....	175	

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – Eunice Caldas aos 14 anos.....	26
Fig. 2 – Família de Eunice em 1892.....	29
Fig. 3 – Matrícula de Eunice na Escola Normal.....	33
Fig. 4 – Anúncio do “Espírito Feminino”	36
Fig. 5 – Página do livro de registro de diploma de Eunice.....	37
Fig. 6 – Edifício do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos.....	38
Fig. 7 – Eunice Caldas como normalista no Anuário de Ensino.....	41
Fig. 8 – Anúncio de matrícula do Colégio Eunice Caldas.....	42
Fig. 9 – Citação de Eunice no Anuário de Ensino.....	44
Fig. 10 – Eunice em Paris (1912).....	46
Fig. 11 – Fotocartão de Eunice e Vitalina.....	47
Fig. 12 – Foto da família Galheto.....	48
Fig. 13 – Anna Galheto e Eunice Caldas em Santos.....	49
Fig. 14 – Notícia da viagem da ABE.....	53
Fig. 15 – Notícia do regresso da comitiva da ABE.....	53
Fig. 16 – Reportagem sobre viagem da ABE.....	55
Fig. 17 – Capa de “Instituto Maria Braz”.....	63
Fig. 18 – Emblemas da Associação Feminina Santista e da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo.....	66
Fig. 19 – Capa do Relatório e Regimento Interno das Escolas da AFS.....	68
Fig. 20 – Documento de desligamento da AFS da AFBI de São Paulo.....	69
Fig. 21 – Corpo Docente do Liceu Feminino Santista.....	75
Fig. 22 – Documento de desligamento de Eunice da AFS.....	76

Fig. 23 – Nota de falecimento de Eunice em “A Tribuna”.....	78
Fig. 24 – Jazigo da família de Oscar Americano.....	78
Fig. 25 – “Tia Nicinha” e as sobrinhas.....	85
Fig. 26 – Rede de sociabilidade de Eunice.....	89
Fig. 27 – Verso da página de rosto de “Inezilha Braz”.....	96
Fig. 28 – Carta recebida de Saul de Navarro no livro "Paiz Fulgurante".....	98
Fig. 29 – Índice do conteúdo de “Brazil”.....	99
Fig. 30 – Eunice e Anna Galheto em viagem.....	102
Fig. 31 – Eunice e Anna Galheto (abril de 1924).....	103
Fig. 32 – Eunice e Anna Galheto (abril de 1924).....	103
Fig. 33 – Ilustração da versão euniciana “A Pequena Sensitiva”.....	109
Fig. 34 – Ilustração de R. Birch para “Little Lord Fauntleroy”.....	109
Fig. 35 - Página de aprovação do romance “Inezilha Braz” pelo governo do Estado de São Paulo.....	114
Fig. 36 – Capa de “Inezilha Braz”.....	116

LISTA DE TABELAS

Tab. 1 – Conteúdo programático da Sessão Feminina da Escola Normal da Praça.....	34
Tab. 2 – Quadro de disciplinas para as séries maternas da AFBI de São Paulo.....	72
Tab. 3 – Quadro de disciplinas e horários da Associação Feminina Santista.....	74
Tab. 4 – Obras publicadas de Eunice Caldas.....	93
Tab. 5 – Obras inéditas de Eunice Caldas.....	94

INTRODUÇÃO

O interesse pela vida e obra da professora Eunice Caldas (1879 - 1967) surgiu desde os meus tempos de aluna do Liceu Santista, nome atual do Liceu Feminino da Associação Feminina Santista fundado por Eunice em 1902. Desde os catorze anos quando ingressei nessa escola, deparei-me pela primeira vez com o retrato de sua fundadora pairando sobre o antigo gabinete que continha livros de atas e relatórios, álbuns de fotos e troféus de outrora. Isso despertou em mim a curiosidade de saber sobre quem fora essa mulher. Na graduação em História, levei esse meu interesse para o Trabalho de Conclusão de Curso, também orientado pela Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Franco Pereira.

Os valores dessa educadora permaneceram vivos neste colégio que já completou 106 anos de existência, tornando-se um dos mais antigos e tradicionais da cidade de Santos. Os ideais de educação desenvolvidos por Eunice em suas obras podem servir de reflexão para os dias atuais.

As questões de gênero, a história cultural e da educação vêm consolidando como temas a educação feminina e a produção literária das “mulheres letradas” no Brasil, desde meados do século XIX. Embora Eunice tenha uma vasta produção literária, ela não é uma “mulher de letras” conhecida pelas especialistas no assunto. A tentativa de criar uma rede de sociabilidade envolvendo Eunice e as mulheres notáveis do seu tempo (feministas, escritoras e educadoras), desencadeou no estabelecimento da minha própria rede, ao entrar em contato com as estudiosas das diversas áreas que concernem sua história de vida. Foram consultadas, através de correspondência eletrônica, as pesquisadoras Heloísa Buarque de Holanda, Nelly Novaes Coelho, Maria de Lourdes Eleutério, Miriam L. Moreira Leite, Rosa Maria de Carvalho Gens, Marisa Lajolo e Maria Clementina Pereira Cunha. Portanto, um estudo sobre essa autora deverá vir a enriquecer a historiografia da Educação Brasileira. Dentro deste

contexto, o presente trabalho torna-se original ao reconstituir a história de Eunice Caldas, por tanto tempo alienada dos meios acadêmicos, e que merece o seu desvelamento.

O tema deste projeto é realizar um estudo sobre Eunice Caldas, desvendando sua carreira enquanto educadora, fundadora de escolas e escritora. Quais seriam suas idéias a respeito da educação e de que forma pensou a condição feminina no contexto histórico da Primeira República?

De forma geral, pretende-se conhecer o seu pensamento, inserindo-a na categoria de intelectual, sem contudo “engessá-la” num tipo ideal feminino, e elucidar os caminhos de sua formação e carreira de magistério.

Num âmbito mais específico, objetiva-se:

- a) Investigar a articulação de Eunice Caldas pelos círculos literários de mulheres escritoras de sua época e evidenciar suas relações com a educadora Anália Franco.
- b) Analisar as idéias de educação e de concepção da mulher desenvolvidas nas suas principais obras.
- c) Buscar a projeção de Eunice como educadora e escritora.

Dissertar sobre Eunice Caldas requer um contundente alicerce nos recentes estudos acerca das questões de gênero e da história da educação. Tais estudos surgem como produto de uma revolução historiográfica promovida pelo movimento francês conhecido como Escola dos Annales⁷, mais precisamente a partir da década de 70, com a consolidação da História Cultural, que não repudiou a história do pensamento, a análise do cotidiano e tampouco a aproximação com as outras ciências humanas, mas foi além com o advento da micro-história

⁷ BURKE, Peter. **Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1997.

de Carlo Ginzburg e Jacques Revel⁸ e as categorias de apropriação e representação de Roger Chartier para definir a cultura enquanto prática, que veremos mais adiante.

Participando dessa vertente historiográfica, as questões de gênero emergem com novas pesquisas sobre a alteridade, a identidade e a diversidade do masculino e do feminino, aprofundando também esses três elementos sob o aspecto étnico-cultural. Surge, então, uma reflexão sistematizada e científica acerca dos movimentos feministas e da condição da mulher. Sobre a produção desse conhecimento, além dos estudos pioneiros de Scott e Perrot, destaco *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1930)*, de Susan K. Besse (1996), no qual é traçado um panorama do Brasil na entrada da era industrial que provocou grandes e rápidas mudanças na vida cotidiana, hábitos e comportamentos sociais dos principais centros urbanos. A autora analisa, dentro deste contexto, a inserção feminina nas escolas e no mercado de trabalho, focalizando a luta das mulheres pela conquista da igualdade de gênero. Besse observou que embora o movimento feminista tenha contribuído para a conquista de direitos, ele não garantiu de fato a verdadeira igualdade, apenas modernizou as desigualdades. Ainda, nesta questão, apresento *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea* (1997), (Eni de Mesquita Sâmara, Rachel Soihet e Maria Izilda S. de Matos) e a obra *Gênero, sexualidade e educação* (1997), de Guacira L. Louro, que contribuem com a elaboração de um histórico das ondas feministas desde o início do séc. XIX até meados do séc. XX e revisitam trabalhos onde o gênero configura-se como categoria de análise. Em especial, esta autora explora os campos da construção escolar das diferenças, da feminização do magistério e das práticas educativas femininas, assuntos estes que tiveram a preferência de Eunice.

Entremeadas ainda nas questões de gênero, as pesquisas realizadas sobre a condição feminina e as mulheres de letras⁹ mesclam-se entre si, sob a perspectiva de que a alienação

⁸ REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

social, política e cultural da mulher são oriundas principalmente das relações de poder que restringiram seu acesso à educação. Para Foucault¹⁰ (1997), o poder está em todas as partes e uma pessoa que está atravessada por relações de poder não pode ser considerada independente delas. O poder não somente reprime, mas também produz efeitos de veracidade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Desse ponto de vista, como nossa autora teve passagens por hospitais psiquiátricos, é importante mencionar o trabalho de Maria Clementina P. Cunha (1989) que ancorou a loucura ao gênero feminino, buscando compreender nos enunciados clínicos a representação da mulher enquanto ser normalizado e higienizado.

Pioneira no campo das ciências sociais foi Maria Tereza C. Crescenti Bernardes com a obra *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – séc. XIX*, em que realiza uma análise da representação feminina do ponto de vista masculino através da literatura. Nesse sentido, Bernardes traça um perfil social da mulher e suas complexidades, formando um panorama da educação elitista e doméstica até a manifestação da imprensa feminina, que condenava a passividade da maioria das mulheres desse período.

Também nos estudos realizados por Jane Soares de Almeida (1998), principalmente em *Mulher e educação: paixão pelo possível*, e em alguns de seus artigos, pode-se perceber a articulação feminina na luta por seus direitos, como também pelo seu reconhecimento profissional no magistério, assunto também amplamente abordado na coletânea organizada por Maria Christina S. de S. Campos e Vera Lúcia G. da Silva (2002), *Feminização do magistério: vestígios do passado que marcam o presente*, onde se realiza uma reflexão sobre o processo histórico que levou ao grande aumento do número de professoras no Brasil no início do século XX. A mulher educada, para ser boa mãe, esposa e mais apta ao ofício de educar crianças, aparece ainda, em muitas obras publicadas e periódicos especializados como os das autoras Maria Cândida D. Reis, Fúlvia Rosemberg, Eliane Marta T. Lopes. Essa

⁹ Entende-se aqui por mulheres de letras aquelas que escreveram obras nos mais diversos gêneros literários, publicadas ou não.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. **A mulher/os rapazes**: da história da sexualidade. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

temática da mulher instruída e educada está relacionada ao positivismo que fez parte do projeto republicano para a educação, assunto claramente abordado por Etelvina Maria de Castro Trindade em *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República* (1996).

Se educar é também despertar talento, o acesso à leitura e instrução liberou as mulheres no sentido criativo, colocando suas penas a serviço das lutas pelos direitos femininos à educação, ao trabalho e à cultura. Para Constância L. Duarte¹¹, esta separação entre educação e emancipação marca a posição ambígua da mulher brasileira, do séc. XIX até o início do XX: a mulher admite e empreende o movimento de luta pela educação sem permitir mudança nos papéis sociais tradicionais femininos enquanto “mãe” e “rainha do lar”. Sobre as primeiras manifestações de emancipação através do periodismo feminino, as autoras Nádya B. Gotlib, Heloisa Buarque de Holanda, Maria de Lourdes Eleutério e, novamente, Maria Tereza C. Crescenti Bernardes versam sobre a criação dos jornais destinados às mulheres em São Paulo e no Rio de Janeiro, dentre eles. Tais periódicos possuíam características distintas: valorizavam a educação, reivindicavam o voto feminino, protestavam contra a escravidão, lutavam pelo direito ao divórcio etc. Sobre este cenário insurgente – a mulher libertando-se de seu gineceu -, o livro *Vidas de Romance*, de Maria de Lourdes Eleutério (2005) é de primordial importância, tornando-se fonte elucidativa dos modos de viver e respirar a literatura dessas escritoras. Sob que condições escreviam, o que produziam, que emoções ditavam o curso de suas palavras é o interesse do seu trabalho, que busca principalmente descortinar as obras de tais mulheres à sombra de irmãos, pais e maridos ilustres, como Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Os salões e saraus literários, assim como as agremiações femininas - lideradas por Eunice e sua irmã Iracema - transformam-se em relevantes centros de socialização da intelectualidade da mulher, aspergindo no ar um espírito

¹¹ DUARTE, C. L. (Org.). **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**: Nísia Floresta. São Paulo: Cortez, 1989.

feminino de renovação. Para uma consulta mais historiográfica há, ainda, o *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, de Nelly N. Coelho, que abrange três séculos de literatura e 1400 verbetes de autoras das mais diversas obras literárias.

As mulheres de letras produziam além de peças de teatro, antologias poéticas, artigos para revistas e contos, até romances didáticos consoantes à moral positivista vigente na Primeira República. A onda de “otimismo pedagógico” disseminada nos entresséculos evidenciada por Jorge Nagle (1976), através do livro *Educação e sociedade na Primeira República*, promove o desvelamento desse panorama histórico. Destaque para o entusiasmo pela educação com o advento da passagem do Império para a República, que vai prevalecer até meados do séc. XX, e é um momento fértil que implicou em inúmeros trabalhos na linha da História da Educação. *A Educação e a Ilusão liberal* (1981) de Casemiro dos Reis Filho revela-se de suma importância para a compreensão da educação na Primeira República. Nesse contexto, fazia-se necessário modernizar o Brasil, em consonância com a ideologia positivista da ordem para o progresso. Urbanizar, higienizar e civilizar a população, princípios fundamentais nos discursos dos “missionários do progresso”, aparecem em José Gonçalves Gondra, *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial*. É o momento de inserção das teorias pedagógicas americana, francesa e alemã; da necessidade de se organizar o ensino no país e criar escolas. Tal assunto também é amplamente explorado na coleção organizada por Maria Stephanou e Maria Helena C. Bastos (2005), *Histórias e memórias da educação no Brasil séc. XVIII, XIX e XX*, abrindo caminho para outro campo do conhecimento: a cultura e as práticas escolares.

A História da Educação tem se preocupado com o estudo do ensino no Brasil e das tendências e teorias pedagógicas que aqui vigoraram. Mais recentemente, um novo olhar, agora sobre a cultura e as práticas escolares vem sendo desenvolvido na compreensão desse processo. Nesse sentido, Diana Gonçalves Vidal (2005) é precursora com a obra *Culturas*

Escolares, em que privilegia as práticas sem negligenciar os contextos institucionais e sociais em que se assentam. Em parceria com Luciano Mendes de Faria Filho (2005), publicou *As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil*. Utilizando-se da metáfora da lupa, os autores deslocam as lentes da história sobre as reformas educativas da década de 1920 no Rio de Janeiro – à época Distrito Federal – e em Minas Gerais, sobre os tempos e os espaços da escola elementar nos séculos XIX e XX e sobre a historiografia educacional desse período. Em tempo de vital relevância acerca da cultura escolar, contribuiu Rosa Fátima de Souza (1998), com *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*, em que o perfil dos grupos escolares é ricamente traçado, abrangendo desde a sua arquitetura, passando pelo currículo escolar, festas e rituais até a formação de professores e seleção de diretores – os “apóstolos da civilização”.

Examinar a História da Educação é também refletir sobre os intelectuais que com ela colaboram e participaram organicamente ou não, tema do estudo realizado por Antonio Carlos Maximo (2000) em *Os intelectuais e a Educação das Massas*. Neste trabalho, o autor reúne diversas acepções de intelectual para os mais divergentes filósofos (tais como Sartre, Ortega y Gasset, Gramsci), procurando discutir a questão do engajamento político e como isso interfere no contexto social por eles vivenciado. Relacionando os intelectuais à historiografia educacional, merece destaque a coletânea organizada por Luciano M. Faria Filho (2005), *Pensadores Sociais e a história da educação*, com o objetivo de revisitar autores consagrados, chamo a atenção para Hannah Arendt e os modos de apropriação realizados pelos historiadores da educação contemporânea. Também é importante mencionar os trabalhos acerca da *intelligentsia* e os intelectuais de Carlos Eduardo Vieira.

Para realização desse estudo utilizei o método historiográfico, que compreende a pesquisa bibliográfica-documental e as entrevistas abertas que se fizeram necessárias para

reconstituir a trajetória de Eunice enquanto educadora e para compreender o contexto em que ela se desenvolveu.

A polissêmica representação de Eunice nos leva a buscar fontes e informações nos mais dispersos acervos e a angariar vários aliados (as) pesquisadores nesta eterna busca que é a construção do conhecimento. As fontes utilizadas para reconstruir a história de vida de Eunice não foram encontradas facilmente, pois ela não é uma mulher de letras conhecida pelas especialistas no assunto. Eunice aparece como contista em um verbete do primeiro volume da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, publicada em 2001. Os autores indicam como referência a obra de Antônio Simões dos Reis, *Bibliografia da crítica literária em 1907*. Cumpre destacar o complicado acesso a arquivos importantes, no caso da sede da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, no interior de São Paulo, que, por motivos judiciais, não permite a incursão de pesquisadores. Dificulta, também, o fato de o acervo do Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo “Eduardo Carvalho Monteiro” ainda não estar organizado para nos receber, onde poderíamos encontrar as obras publicadas por Anália Franco e fazer a conexão com as obras eunicianas.

A ausência de mentalidade histórica e cultural de preservação, somada ao desconhecimento da sociedade brasileira em geral sobre o valor histórico em torno do acervo pessoal e individual (correspondências, manuscritos, fotografias, bibliotecas etc.), levou-nos a uma literal “queima de arquivo” no que se refere a Eunice. O patrimônio documental da sobrinha pianista Vitalina Vital Brazil¹², onde possivelmente encontraríamos alguma pista, foi descartado logo após sua morte. Ainda uma série de cartas e manuscritos encontrados na última residência da amiga Anna Amália de Vilallobos Galheto em São Paulo, já contaminados por cupins, foi incinerada em 2004, logo após o falecimento de sua filha Flávia

¹² Vitalina Vital Brazil (1º/05/1894 - 10/04/1983), filha de Vital Brazil em primeiras núpcias com Maria da Conceição Philipina Magalhães (26/05/1877 - 08/03/1913). Segundo Lael, “pianista exímia, intérprete de renome, apresentou-se inúmeras vezes no Brasil e no exterior, alcançando grande sucesso”.

Galheto Teixeira de Carvalho, ex-pupila de Eunice. O impedimento de acesso e o despreparo dos órgãos públicos no tratamento de arquivos também prejudicaram nossa tentativa de traçar sua trajetória profissional enquanto professora e diretora no Estado de São Paulo. Tal conjuntura de pesquisa contribui para reforçar a imagem de mulher apagada na história da educação, contra a qual lutamos ao realizar este trabalho.

É fundamental referenciar o acervo do colégio Liceu Santista, gentilmente disponibilizado pela Direção na figura da ex-aluna e funcionária aposentada D. Déa Vilella Peckolt, onde pude encontrar atas, relatórios e ofícios da Associação Feminina Santista desde a sua fundação. Os relatos de D. Déa foram fundamentais na reconstituição de uma cultura escolar do passado, baseada nos ecos que Eunice deixou na memória dos que viveram na instituição.

As entrevistas orais constituíram-se como dínamo para o desenrolar da pesquisa histórica de documentos oficiais e pessoais. O contato com o sobrinho de “Tia Nicinha”, Lael Vital Brazil, foi muito importante pois providenciou fotocópias de quatro obras eunicianas arquivadas no Museu Vital Brazil em Campanha, Minas Gerais, além de fornecer algumas pistas sobre a trajetória pessoal e profissional de sua tia. Rosa Maria Esteves Migotto, sobrinha de Lael, artista plástica e mestre em Museologia, tornou-se aliada fundamental no resgate da história de vida de Eunice. Com seu auxílio, foram localizadas “Scenas domésticas” e “Inezilha Braz”, primeira e última partes da trilogia sobre educação no lar; o registro de diploma de Eunice na Escola Normal Caetano de Campos e as notícias de jornal sobre a comitiva da ABE nos Estados Unidos, da qual sua tia-avó fez parte.

Como as informações sobre Eunice não se encontravam centralizadas apenas nos dois acervos do Liceu e de Campanha, fez-se necessário um trabalho de garimpagem, quase que arqueológico: procurar Eunice nas entrelinhas dos documentos, nos mais possíveis tipos de arquivos, tais como a Secretaria da Educação de São Paulo, diversas bibliotecas e até, o

próprio Cemitério da Consolação, em São Paulo, onde foi sepultada. O corpo de Eunice está sepultado junto de seus pais no jazigo da família de Oscar Americano de Caldas e, infelizmente, não conta com qualquer homenagem ou placa indicativa de seu nome.

Num extenuante ofício de investigação, atravessando as dificuldades de se morar em Santos e só dispor de maiores acervos na capital, consegui localizar no CRE Mario Covas, integrando a Coleção da Biblioteca Infantil da Escola Normal, a obra “A pequena Sensitiva”. As pesquisas paralelas de minha orientadora, que estuda as mulheres presidentes a partir de Eunice na Associação Feminina Santista, revelaram algumas notas de jornal sobre o “Espírito Feminino” e o “Colégio Eunice Caldas”. Foi também através dela que conheci a neta de Anna Galheto, Anna Glória Thereza Teixeira de Carvalho Nogueira Santos, importante fonte sobre a fase de preceptoria de Eunice.

A dissertação foi dividida em três tempos. No primeiro, além do histórico familiar, apresenta-se um panorama do contexto que levou a feminização do magistério, do qual Eunice fez parte. Ainda, desvelamos sua relação com Anália Franco que culminou na fundação da Associação Feminina Santista. No segundo capítulo, um olhar sobre as mulheres letradas do período do final do século XIX e início do XX e sobre a atuação de Eunice enquanto escritora de livros dos mais variados gêneros. Finalmente, na terceira parte, procuramos mostrar a intelectualidade eunicianiana na educação, analisando duas de suas obras pedagógicas, revelando seu pensamento sobre o papel da mulher na sociedade e na educação.

Espero, assim, com este projeto de pesquisa, estar contribuindo com uma centelha de luz nas reflexões sobre a pluralidade da identidade feminina no período do entresséculos e pleitear para Eunice um lugar de visibilidade na História da Educação Brasileira.

Capítulo I

“Irmã de sala” e não “de cozinha”

A vida nos é dada como um que-fazer.

Ortega y Gasset

1. EUNICE CALDAS, UMA INTELLECTUAL DO SEU TEMPO

Fazer uma representação de Eunice, isto é, transformar o ausente em presente (CHARTIER, 1991, p. 184) é trazer à tona uma história de vida dedicada à educação. Segundo Roger Chartier, as relações de representações podem ser definidas como o elo entre a imagem presente e um objeto ausente, valendo uma pelo outro, porque lhes são equivalentes, acautelando-se em tomar os símbolos enquanto verdade absoluta de uma realidade. Eunice é uma personagem ausente na história da educação brasileira e também quase não aparece nas redes de sociabilidade das mulheres letradas do período conhecido como Primeira República no Brasil. Para introduzir essa educadora à comunidade acadêmica, destacamos Michel de Certeau (1982, p. 56):

[...] o discurso sobre o passado tem como estatuto ser o discurso do morto. O objeto que nele circula não é senão o ausente, enquanto que o seu sentido é o de ser uma linguagem entre o narrador e os seus leitores, quer dizer, entre presentes. A coisa comunicada opera a comunicação de um grupo com ele mesmo pelo *remetimento ao terceiro ausente* que é o seu passado. O morto é a figura objetiva de uma troca entre vivos. Ele é o enunciado do discurso que o transporta como um objeto, mas em função de uma interlocução remetida para fora do discurso, no *não-dito*.

Buscamos, então, reconciliar Eunice com o passado e contar a história da qual ela se tornou heroína, pois só “podemos saber quem um homem foi se conhecermos a história da qual ele é o herói¹³ - sua biografia” (ARENDRT, 1983, p. 199). Realizar uma biografia implica em expectativas perante o indivíduo e se espera que suas ações reflitam códigos e normas sociais. Numa primeira abordagem, procuramos conhecer Eunice como pessoa, bem como seu universo familiar e a sociedade da qual emergiu. Os estudiosos da escrita biográfica indicam “dificuldades de se entender a relação entre o contexto e comportamentos particulares na busca de diferentes significados dos acontecimentos sociais”. É na relação dos dados

⁷ Herói é entendido aqui como sujeito, protagonista excepcional.

biográficos com os significados sociais que reside o valor desse tipo de abordagem. A idéia de “trajetória vital” (que implica os conceitos de tempo, processo e contexto) é importante para o estudo da construção biográfica, assim como o binômio *tempo histórico* e *tempo de vida* (XAVIER, 2000, p. 167). Essa mesma idéia permite

interpretar as transições individuais e familiares como parte de um processo contínuo e interativo de mudança social, vinculando a biografia do indivíduo a seu comportamento coletivo, como parte de um contínuo constante de mudança histórica. (AZEVEDO, 2000, p. 135).

Outrossim, a questão de gênero, aqui neste estudo, evita situar a mulher como vítima ou heroína, mas procura estabelecer o percurso histórico de Eunice dentro da realidade específica em que viveu. No fazer da escrita biográfica, não pretendemos usar o conceito de gênero como engessamento de uma categoria e, sim, fazer com que Eunice apareça com todas as suas idiossincrasias e pluralidades, apresentando-a não a partir de modelos, mas construtora de sua própria trama social (ibid., p. 136). Faz-se necessário aqui adotar um viés pós-estruturalista sobre os estudos de gênero, que nos permita pensar o sujeito como plural e heterogêneo, evitando,



Fig. 1 – Eunice, a “Nicinha”, aos 14 anos. Lê-se “A Benica [a irmã Fileta Camponesa de Caldas] oferece a Nicinha, 7-5-94”. Acervo de Rosa Esteves.

assim, o jogo de exclusão e inclusão, conforme pregou Joan Scott (1999, p. 203). Portanto, não procuramos delinear a identidade de Eunice ajustando-a numa determinada categoria.

Era mulher de letras, professora, escritora, fundadora de escolas e associações femininas, padecia de transtornos psiquiátricos e optou por uma vida afetiva não convencional para a época. Eunice viveu as contradições de ser mulher no início da modernidade no Brasil.

A história de Nicinha, como era chamada pelos familiares, é envolta em penumbras e lacunas silenciosas. Resgatar qualquer dos seus passos através da pesquisa tornou-se uma missão arqueológica de paciência, empenho e colaboração. A história da vida de nossa educadora foi construída peça por peça, como um quebra-cabeça, e muitas destas peças estavam espalhadas nos mais diversos núcleos e lugares. Como não é nosso objetivo reconstituir linear e completamente sua história de vida, o quebra-cabeça do retrato de Eunice ainda deixa alguns vazios – peças que ainda não foram descobertas...

Eunice era definitivamente uma “irmã de sala”, segundo o grande cientista Vital Brazil¹⁴, seu irmão, pois se dedicou aos estudos e assumiu uma carreira profissional pioneira para a época. Era assim que ele distinguia suas seis irmãs: as de “sala” (Judith Parasita de Caldas, Iracema Ema do Vale do Sapucahy e Eunice Peregrina de Caldas) eram as professoras, ao passo que as de “cozinha” seriam as que simplesmente se casaram e se dedicaram à família (Maria Gabriela do Vale do Sapucahy, Fileta Camponeza de Caldas e Acácia Sensitiva Indígena de Caldas). De certa forma, ela cresceu num ambiente intelectualizado, próxima das irmãs professoras e dos irmãos (além de Vital Brazil, havia Oscar Americano de Caldas, importante empreendedor na São Paulo da modernidade).

Observamos que a nomenclatura de família é extremamente peculiar, obedecendo a uma regra geral: o local de nascimento. Para cada batismo, uma história, uma justificativa e, ao mesmo tempo, certa exclusividade e independência familiares que, segundo Lael Vital

¹⁴ Vital Brazil Mineiro da Campanha (1865-1950), nascido em Minas Gerais, médico sanitário, descobridor da especificidade do soro antiofídico e fundador do Instituto Butantã em São Paulo, onde foi diretor de 1899 até 1919 (ESTEVEZ, 1984).

Brazil¹⁵, foi hábito propositadamente adotado pelo progenitor José Manoel dos Santos Pereira Júnior: “[...] resolveu dar aos filhos nomes sem vínculo familiar, para que cada um construísse por meios próprios o futuro sem contar com heranças ou qualquer outra dependência parentesco” (1996, p. 142). É interessante referir a atitude do pai de Eunice com o pensamento de Roger Chartier (1994, p. 2) que afirmou: “As famílias [...] desenvolveram suas estratégias para ampliar suas esferas de solidariedade e de influência, mas seus homens, individualmente, também exerceram o seu papel.” Nesta família, além de Eunice e Vital Brazil, destacaram-se na sociedade Oscar Americano e Iracema. Esta assumiu a presidência da Associação Feminina Santista e também da sucursal da Federação Internacional Feminina¹⁶ de Maria Lacerda de Moura. De acordo com Lael (1996, p. 16-17), Iracema Presgrave era

professora diplomada, junto com Vital Brazil, lecionava no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em 1888. Inteligente e preparada, tornou-se por concurso professora da rede pública, logo alcançando o posto de Diretora de uma escola no Largo da França, no bairro de Santa Teresa, fato que aliviou em muito as preocupações da família, pois em tal posto, Iracema tinha direito a moradia no prédio da escola.

Pouco se sabe sobre a mãe de Eunice, Mariana Carolina Pereira de Magalhães. Era nascida em Campanha, a 21 de abril de 1845 e casou-se em 21 de abril de 1860 com o Sr. José Manoel. Faleceu em São Paulo, em 24 de janeiro de 1913.

De origem mineira, “filha de Caldas tão querida” nos seus próprios dizeres, Eunice nasceu a 13 de novembro de 1879.¹⁷, e com poucos meses de idade iniciou uma peregrinação da cidade natal até Guaxupé - MG, recebeu o segundo nome, Peregrina, sendo batizada na Igreja Presbiteriana da cidade. Nas palavras da autobiografia de Vital Brazil:

Meu pai, jogador inveterado e periódico, encalacrou-se de tal modo que vendeu o cartório por dois contos e quinhentos, ficando assim sem um único meio de subsistência. Nessa conjuntura escreveu aos parentes de Guaxupé,

¹⁵ Sobrinho de Eunice, filho de Vital Brazil em segundas núpcias.

¹⁶ Conforme informações publicadas no jornal “A Tribuna” de 29 de novembro e 6 de dezembro de 1921.

¹⁷ Há uma divergência no dia de nascimento de Eunice: no livro de Lael consta como 15 de novembro; na matrícula da Escola Normal Caetano de Campos a data é 13 de novembro. Adotamos a data da matrícula da qual temos cópia. Além disso, Eunice fundou o “Espírito Feminino” em 13 de novembro de 1916, possivelmente para acompanhar seu aniversário.

pedindo-lhes a permissão para deixar ali a família, enquanto ia viajar por conta de uma casa do Rio. Improvisou-se a caravana de viajantes, tendo meu pai adotado o sistema do Dr. Rodrigues Barbosa: em duas caixas sob um toldo protetor foram colocados quatro filhos. Eu ia a cavalo; e a menor, que tinha apenas um mês, chamada Eunice Peregrina de Caldas ia no colo da escrava.



Fig. 2 – De pé: Oscar Americano, Maria da Conceição (esposa de Vital), Vital Brazil, Iracema, Judith, Acácia e Fileta. Sentados: os pais Mariana Carolina e José Manoel, Eunice (aos 12 anos) e Maria Gabriela (1892). Destaque para Eunice segurando um livro... paixão pela leitura desde cedo. Acervo de Rosa Esteves.

Vital Brazil não concluiu sua autobiografia (ESTEVEES, 1984), no entanto, narra com detalhes a infância em Minas Gerais e o episódio em que a família protestante foi expulsa de Guaxupé por um monge charlatão, o que os levou a procurar abrigo na grande cidade de São Paulo. Pouco se sabe deste período sobre a família de Eunice até sua ida para o Rio de Janeiro:

Tendo meu pai vindo para o Rio, resolveu o Sr. Elias fazer uma estação de veraneio na Praia Grande, "Niterói", e como eu e Iracema fôssemos professores, teve a idéia de fundar um Colégio em S. Domingos. [...] Os alunos eram as filhas do Elias e as minhas irmãs.

Eis uma pista do início da instrução formal de nossa educadora, que passou a estudar, tempos depois, no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, segundo nos conta Vital Brazil:

Transferimo-nos depois para uma pequena casa tendo meu pai arranjado um lugar de vigilante do Liceu de Artes e Ofícios, onde eu e Iracema lecionávamos e as outras irmãs freqüentavam as aulas. Meu irmão Oscar acompanhava as irmãs depois das aulas que funcionavam à noite.

O referido Liceu abriu as portas para as mulheres em 1881 e, sobre esta questão, Maria Theresa Bernardes expõe algumas considerações (1989, p. 37):

Uma vez proclamada a missão precípua da mulher como formadora do homem, cabe a este o dever de sustentá-la economicamente; enquanto tal dever é publicado abertamente entre o primeiro grupo, permanece subjacente nas idéias da maioria; dessa maneira, percebe-se também como os homens encaravam seu próprio papel social; uma tal postura de pensamento parece combinar perfeitamente com a iniciativa dos homens do Liceu de Artes e Ofícios ao abrirem suas portas à mulher para o ensino de desenho e da música; aprimorando as prendas femininas, mesmo como um meio de algum trabalho remunerado, não contribuem para o ingresso da mulher num mercado de trabalho em igualdade com o homem.

O período de transição do Império para a República, contexto de formação de nossa educadora, foi marcado por uma efervescência intelectual e ideológica que esboçou certo “entusiasmo pela educação” (NAGLE, 1985) e ampliou a possibilidade de educação feminina. O fim da escravidão e a possibilidade de construção de um novo país animaram as elites intelectuais que discutiam sobre federalismo, democracia e educação para todos. As idéias pedagógicas (Herbart, Pestalozzi) que influenciaram as reformas educacionais deste início de século pretendiam a construção de uma nação moderna e, ser moderno no Brasil significava ser liberal, ou seja, acreditar na educação como fator decisivo na resolução dos problemas sociais (principalmente do analfabetismo). A educação seria responsável pela regeneração do homem – caráter civilizatório – transformando o súdito em cidadão, com a finalidade de sustentar os pilares da República e formar a classe dirigente do país. Para tanto, tornou-se necessário laicizar a educação e incluir disciplinas de caráter científico, moral e cívico no

novo projeto de ensino – conscientizar o cidadão do seu papel na construção de uma nação moderna. O desenvolvimento do Brasil devia derivar de uma população alfabetizada.

Ao assumir a responsabilidade do projeto educacional do país, o Estado republicano teve como meta popularizar o ensino, formando bons professores e criando os grupos escolares, baseados nas escolas graduadas. Entre outros benefícios, isso contribuiu para que um maior número de mulheres ingressasse na escola e exercesse uma profissão “aceitável” na sociedade – a de professora. Segundo Bernardes (1989, p. 80) “a mulher é a única capaz de atribuir os seis valores indicados pela Pedagogia da época: atenção, coração, razão, imaginação, entendimento e apreensão”, fenômeno cunhado por Elomar Tambara como feminilização do magistério. Além disso, a mulher educada teria plenas condições de bem administrar o lar e melhor educar seus filhos. Segundo Comte (1983, p. 267-271) – as idéias positivistas imperavam no início da República – as esposas “doutrinadas pelo sacerdócio positivista terão a missão de trazer a prática altruísta ao seio das famílias, colaborando, dessa forma, na regeneração da humanidade”. A preocupação com as questões de saúde e higiene também prevaleceu, acompanhando o projeto dos médicos e engenheiros sanitaristas de livrar as cidades das epidemias no início do século XX. Conhecidos como “missionários do progresso”, o irmão primogênito de Eunice, Vital Brazil insere-se nessa categoria.

A pedagogia legada pelo Império à República era de tradição jesuítica e humanista, baseada num currículo literário e retórico, que privilegiava o estudo dos clássicos da Filosofia e da Literatura, em detrimento das ciências. Os professores, mestres-escolas, eram os homens, historicamente os produtores de conhecimento (LOURO, 1997), que apenas ensinavam os meninos a ler, escrever e fazer cálculos. Às mulheres estavam destinados os saberes do lar: costurar, lavar, fazer compras (CAMPOS, 2002, p. 14), embora em 1827 a lei já permitisse acesso das meninas à escola.

Inseridas nos sistemas provinciais, surgem as Escolas Normais no Brasil: no Rio de Janeiro, 1835; em Minas Gerais, no ano de 1840; na Bahia, em 1836 (instalada apenas em 1841); em São Paulo, no ano de 1846 (TANURI, 1979, p. 14).

A Escola Normal paulista teria formado 40 alunos até 1867, ano de sua extinção, e era destinada somente ao elemento masculino. Atribuem-se à sua queda, as deficiências didáticas, irregularidades nos exames finais e a falta de interesse da população pela profissão docente. Somente em 1874, a legislação da Província de São Paulo contemplou a obrigatoriedade do ensino juntamente com a reabertura de uma Escola Normal destinada tanto aos homens quanto às mulheres.

Refletindo a tendência francesa de que o magistério não constituía uma profissão, mas sim, uma vocação para a qual se faziam necessárias qualidades morais e aptidões, as mulheres foram pouco a pouco sendo preferidas no ensino primário. Segundo Campos (2002, p. 18):

nota-se uma contradição nos valores então vigentes na sociedade: de um lado, o sexo feminino encontrava dificuldades consideráveis de acesso ao ensino, pois a educação formal não era considerada necessária para as funções que iria desempenhar na sociedade; por outro, o exercício da atividade docente, especialmente no que se refere às crianças, era visto como sendo função própria das mulheres, para a qual teriam habilidades inatas.

Era perfeitamente aceitável aos olhos da sociedade que a mulher exercesse a vocação para o magistério. Ao assumir o papel enquanto professora de escola primária, a mulher estaria desenvolvendo um prolongamento das atividades típicas do lar e do casamento. Nesse período, a família e a escola são definidas por suas funções institucionais, esta, local privilegiado de condicionamento de homens e mulheres para os papéis que lhes cabem na sociedade capitalista (REIS, 1993, p. 47).

A seção feminina da Escola Normal em São Paulo foi autorizada a funcionar em 1875, sendo concretizada no ano seguinte numa das dependências do pavimento térreo do Seminário da Glória (TANURI, 1979, p. 29). A manutenção das despesas da Escola Normal vinha sendo anexada ao Orçamento Geral, sem nunca ter sido votada pelo Poder Legislativo. Em 1878, o

Presidente da Província, Batista Pereira, suspendeu o funcionamento da Escola Normal, alegando falta de verbas e por não ser possível infringir regras orçamentais (ibid., p. 32). Além dos obstáculos de ordem política, muitos alunos abandonavam o curso e o número de matrículas caiu consideravelmente durante os três anos de funcionamento.

Em 1880 a Escola foi reaberta, durante a presidência de Laurindo Abelardo de Brito, advogado e ex-aluno do curso normal, para não ter mais seu percurso interrompido. Com inovações didáticas e na organização das disciplinas, significou um progresso na formação do magistério.

Eunice freqüentou a Escola Normal reformada por Caetano de Campos (Decreto de 27 de março de 1890) cujas modificações ocorreram a partir de 1893 através do Regulamento da Instrução Pública de 30 de dezembro de 1892 (REIS FILHO, 1981, p. 134).



Fig. 3 – Folha de matrícula de Eunice no 4º ano do Curso Normal, ano 1899.
Fonte: Livro Termo de Matrícula do Curso Normal, ano 1894 - 1915.

A normalista fora a última aluna matriculada sob número 11 no 4º ano do Curso Normal em 1899, com 20 anos então. Ela presenciou um ensino normal unificado e destinado a formar o pessoal do magistério primário, com o nome de curso secundário profissional (cf. fig. 5) das escolas normais. Frequentou o novo edifício majestoso da Praça da República, digno de receber uma instituição modelo. Uma escola de excelência que irradiava professores nela formados para administrar, lecionar e implantar os grupos escolares em São Paulo, Minas

Gerais, Rio de Janeiro e outros estados do Brasil. Conforme indica Leonor Tanuri (1979, p. 113),

Ao lado das escolas complementares, a Escola Normal ganhou foros de uma espécie de instituto de estudos superiores para a formação de professores. No dizer do Secretário do Interior, no ano de 1897, “o curso secundário da Escola Normal, que poderia ter a denominação de curso superior, é equivalente ao curso das escolas normais superiores de ensino primário da França, que habilitam professores de escolas normais e de escolas primárias superiores”. Diferenciando-se das complementares em vários aspectos já abordados, a Escola Normal exigia ainda maiores habilitações para ingresso, o que lhe proporcionava uma clientela mais bem preparada e, conseqüentemente, maiores possibilidades de um ensino de mais alto padrão.

Eunice formou-se com quarenta normalistas (ibid., p. 120) e seu currículo não mais era dividido em duas séries para cada ano (MARTINELLI, 2003, p. 41-42). Contemplava as disciplinas pedagógicas (Pedagogia e Direção de Escolas, apenas para o sexo masculino) e a prática de ensino na Escola-Modelo e nos Jardins de Infância, implantados em 1897.

Programa feminino em 1896:

1º ano: Português, Francês, Aritmética e Álgebra, Geografia do Brasil, História do Brasil, Caligrafia e Desenho e Trabalhos Manuais.
2º ano: Português, Francês, Latim, Geometria e Trigonometria, Geografia Geral, Desenho, Música e Economia Doméstica.
3º ano: Português (história da língua), Latim, Inglês, Física/Química, Astronomia, Ginástica e Exercícios de Ensino (Escola-Modelo).
4º ano: Inglês, História Natural, Anatomia/Fisiologia, Pedagogia, Educação Cívica, História Universal e Exercícios de Ensino (Escola-Modelo).

**Tabela 1 – Conteúdo programático da Sessão Feminina da Escola Normal da Praça. 1896.
Elaborada por Melissa M. S. Caputo.**

Durante sua prática de ensino na Escola-Modelo, era professora na Escola Normal, a mineira Maria Guilhermina Loureiro de Andrade¹⁸. De origem humilde, converteu-se ao protestantismo quando morava no Rio de Janeiro. Foi professora, escritora de livros infantis e de História do Brasil e tradutora. Abriu colégios para meninas, foi convidada para trabalhar na

¹⁸ Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, nasceu em 1839 em Ouro Preto e morreu em 1929.

sessão feminina da Escola-Modelo da Escola Normal Paulista, em 1890, e realizou viagens pedagógicas pelos Estados Unidos, a fim de se aperfeiçoar nos jardins de infância (CHAMON e FARIA FILHO, 2007, p. 41-43). Muitas semelhanças com Eunice...

Ainda, ela estudou sob a direção do positivista Gabriel Prestes (1893 - 1898), que reuniu um corpo docente igualmente adepto dos ideais comteanos. Para Monarcha (1999, p. 201), “o positivismo comtiano [...] tende a ser a nova religião de estado - religião positiva - que, ao esquecer-se das origens católicas, vê-se como livre-pensamento”. Nesse caldeirão cultural e intelectual da primeira fase da República brasileira, o positivismo comteano ocupou lugar de destaque. A pátria deveria ser uma comunidade que funcionasse como extensão da família;

núcleo em que reina a mulher, reprodutora da espécie e responsável pela formação moral dos futuros cidadãos. Esta supremacia social e moral da mulher lhe é garantida pelo pensamento comteano em função de sua capacidade de sentir, de sua afetividade e de seu altruísmo, características femininas na composição da natureza humana. Resta ao sexo masculino sua face ativa, porém egoística. (TRINDADE, 1996, p. 125).

O paradigma positivista no ensino acompanhou Eunice em seu modo de vislumbrar a educação feminina e o papel da mulher na sociedade moderna. Esta filosofia adida à da maçonaria foi influente nas Associações Femininas criadas por ela e Anália Franco, conforme trataremos a seguir neste capítulo. Ainda, é o que podemos perceber neste apelo às mães, publicado no jornal “A Tribuna” em 1916, quando do anúncio do **Espírito Feminino**:

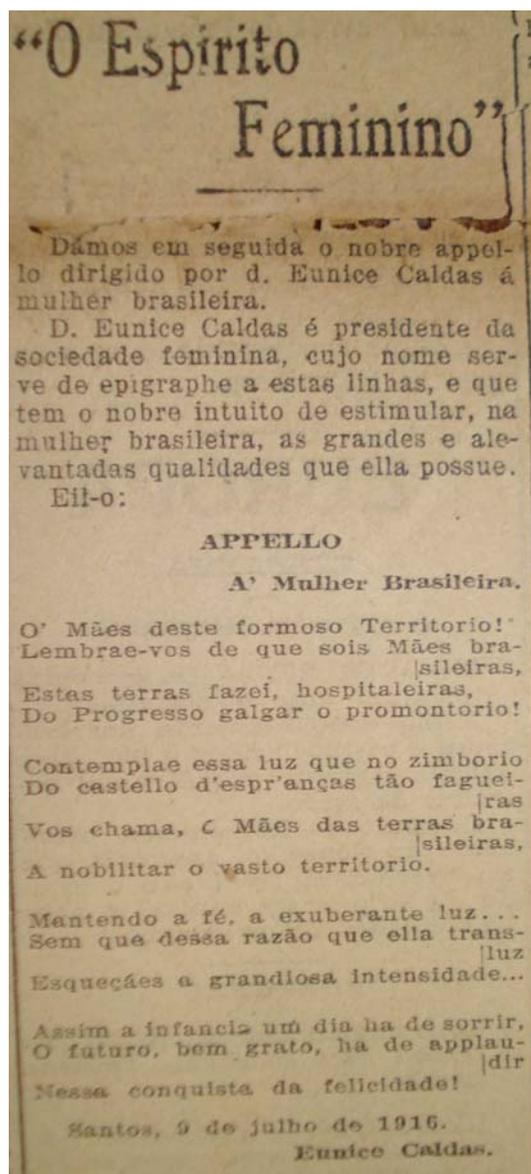


Fig. 4 – Anúncio do “Espírito Feminino”.
Fonte: Jornal “A Tribuna”, 21 de julho de 1916.

Eunice concluiu o Curso Normal Secundário Profissional em 1899, embora seu registro de diploma abaixo não apresente a data. Em seu prontuário do Hospital Psiquiátrico Juquery transcrito junto das anotações do Pinel, consta a informação:

Muito inteligente, estudou na Escola Normal, onde se salientou, recebendo sempre os maiores elogios, que a tornaram orgulhosa. E realmente os merecia, pois três annos após sua formatura foi nomeada directora de grupo escolar em Santos.

Estados Unidos do Brazil—Estado de S. Paulo—Escola Normal da Capital

Eu João Alberto Salles Director da Escola Normal da Capital do Estado de São Paulo, faço saber que a vista das approvações obtidas por Euzébio Bezerra de Caldas nascido em Caldas a 13 de Setembro de 1877 filho de José Manoel de S. Pereira nas materias do curso secundario profissional desta escola, confiro-lhe, no uso da faculdade que me é dada pelas leis do Estado, o presente diploma de habilitação para o magisterio primario do mesmo Estado, com a qual gozara de todos os direitos e prerrogativas inherentes a esse titulo. S. Paulo, _____ de _____ de 1892 (Assignados) — O Director João Alberto Salles — O Secretario Int. Lino Bezerra — diplomad — Euzébio Bezerra de Caldas Approvações obtidas pel diplomad — Nas materias do primeiro anno: — *Phisica* grau 7; nas materias do 2.º anno — *Simplex* grau 6; nas materias do 3.º anno — *Simplex* grau 6; nas materias do 4.º anno *Phisica* grau 7. (Assignado) — O Secretario Lino Bezerra.

Fig. 5 – Livro de Registro de diplomas de habilitação do Curso Secundário, ano 1893-1900, da Escola Normal da Capital, p. 230, registro 110. Fonte: CRE Mario Covas.

O grupo escolar “Dr. Cesário Bastos”¹⁹, onde assumiu a direção, foi criado em 28 de abril de 1900 e instalado a 13 de outubro do corrente em um imóvel alugado pela Câmara (PEREIRA, 1996, p. 112). Eunice assumiu a direção, em maio de 1902, em lugar do professor Carlos de Escobar. Aliás, é curioso como nossa normalista ocupou, por algumas vezes, a vaga deixada por este professor. No levantamento da documentação realizado por Maria Lúcia Hilsdorf (1999), sobre a presença feminina na educação temos, na p. 106, o seguinte:

¹⁹ Sobre esta escola, há a dissertação de mestrado de Maísa Braga, “Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos: Memórias da Escola e da Cidade” (2008). Universidade Católica de Santos.

Grupo escolar “Dr. Cesário Bastos” [...] - Para o cargo de professora adjunta do grupo escolar Dr. Cesário Bastos, na vaga do professor Carlos de Escobar, nomeado, por decreto de ante-ontem, diretor desse estabelecimento, foi nomeada a professora preliminar d. Eunyce Peregrina de Caldas. Cidade de Santos, 6 de outubro de 1900.

Prosseguindo, na p. 107:

[...] Já foi empossada do cargo, para o qual fora ultimamente nomeada, a professora preliminar d. Eunyce Peregrina de Caldas. - Assinada pelo diretor Carlos de Escobar, recebemos uma circular convidando-nos para assistir à inauguração oficial do grupo escolar “Dr. Cesário Bastos”. Idênticas circulares foram enviadas às autoridades locais, imprensa, magistrados, e diferentes colégios. Cidade de Santos, 10 de outubro de 1900.

Em 1899, Vital Brazil esteve em Santos, estudando o surto de peste bubônica. Se há relação entre a nomeação de Eunice e a influência política que poderia exercer um médico higienista do prestígio de Vital Brazil, não se pôde comprovar. Todavia, era privilégio de poucas mulheres receberem tal cargo para um grupo escolar. Até então o único nome feminino do estado de São Paulo é Júlia da Silveira Melo (TREVISAN, 2008, p. 5). Teria a irmã Iracema protagonizado tal pioneirismo no Rio de Janeiro?



Fig. 6 – Edifício do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos. Esta imponente sede só seria inaugurada em 1915, ano em que nossa educadora não atuava mais na cidade. Fonte: www.crmariocovas.sp.gov.br/

A partir do regulamento nº 55 da Corte imperial de 1876 – que autorizava a co-educação e permitiu que meninos de até 10 anos frequentassem as salas femininas – as mulheres assumiram a regência dessas salas (CAMPOS, 2002, p. 20). Aos docentes masculinos destinava-se a direção das escolas mistas ou exclusivamente para meninos, como comprova Rosa Fátima de Souza (1998, p. 47 e 64): “Para a direção, o governo nomearia um professor [...] formado pela Escola Normal”. Aliás, os cargos administrativos, de forma geral, eram destinados aos homens. O fato é que nossa professora feminizou todo o corpo docente da instituição, inclusive com professoras que atuavam também na Associação Feminina Santista. Eram elas: Maria Bellegarde de Marcondes, Adelaide Brito, Benedita Vieira, Francisca de Castro, Maria Rosa Caiaffa, Laura Bittencourt, Ofélia Freida e Ismênia de Castro. Nesta época o Grupo funcionava com 272 alunos, sendo 119 meninos e 153 meninas.

A história da criação dos grupos escolares no Brasil soma-se ao projeto idealizado pelos intelectuais da modernidade em que a educação era fator primordial de progresso da nação. Instalados em São Paulo a partir de 1894, os grupos escolares espalharam-se nas duas primeiras décadas republicanas também em outros estados do Brasil, como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Maranhão. Conforme explica Diana Vidal (2006, p. 7), constituíam-se em escolas graduadas que se

aglutinavam em um mesmo edifício as antigas escolas isoladas, organizando a docência em torno de séries escolares que passavam a corresponder ao ano civil e eram concluídas pela aprovação ou retenção em exame final. O ensino seriado e seqüencial substituiu as classes de alunos em diferentes níveis de aprendizagem, sob a autoridade única do professor, e era regulado pela introdução da figura do diretor, oferecendo organicidade e homogeneidade à escolarização e produzindo uma nova hierarquia funcional pública.

Os grupos escolares implantaram um número igual de salas para meninos e meninas e reafirmou o princípio da igualdade entre os sexos, com a ressalva de não permitir a co-educação. Segundo Rosa Fátima (1998, p. 47),

embora tenha facultado maiores condições de acesso à educação ao sexo feminino, a escola primária paulista, pública e laica, não ousou avançar em relação aos padrões morais predominantes na sociedade brasileira.

Além de o grupo escolar figurar no currículo de nossa normalista, a influência do irmão primogênito vai levá-la a outra escola em São Paulo. Vital Brazil parece ter tutelado de perto a carreira docente de sua irmã caçula e aproximava seus pensamentos e preocupações dos ideais positivistas que povoavam o início da modernidade brasileira. Conforme percebemos nas palavras de Lael (1996, p. 269):

A ignorância e o analfabetismo foram sempre motivos de grande preocupação para Vital Brazil, que acreditava serem estas as principais causas dos grandes males do país. Assim, ao constatar que a maioria dos empregados subalternos, residentes no Instituto, não sabiam ler e que os filhos destes cresciam sem nenhuma instrução, **fez sua irmã Eunice²⁰**, professora de grande talento, iniciar uma sala de aula para alfabetizar as crianças durante o dia e os adultos à noite. Sem ônus para o estado, esta pequenina escola iniciada na primeira década do século, foi certamente a primeira iniciativa, no Brasil para a alfabetização de adultos.

Segundo Soares e Galvão (2005, p. 260), várias são as referências, nos documentos da Instrução Pública de meados do século XIX, a aulas noturnas ou aulas para adultos existentes em diversas províncias. Data de 1885, em Pernambuco, o Regimento das Escolas de Instrução Primária que traz as especificações para o funcionamento dessas escolas, destinadas a receber alunos maiores de quinze anos.

De qualquer forma, esta sala estava registrada no rol das escolas isoladas do Anuário de Ensino do Estado de São Paulo, a partir de 1908 e segue até 1917, quando os anuários não contêm mais a lista de escolas e suas respectivas professoras, provavelmente pela proposta de reunião das mesmas formando os grupos escolares. A nomeação de Eunice como professora normalista da escola isolada mista noturna do Instituto Serumtherapico do Butantã, em 26 de setembro de 1908, é indicada na p. 302 do Anuário de 1909/1910.

²⁰ Chamamos a atenção para o imperativo categórico de Lael (ou seria de Vital?) ao narrar como sua tia teria assumido as funções de professora na escola isolada do Instituto.

	LOCALIZAÇÃO	NOME DO PROFESSOR	TÍTULO DE HABILITAÇÃO
FEMININAS	20 Bom Retiro	Anna Marcondes H. de Mello	Normalista
	21	Maria de Miranda	
	22 Módica	Maria D. Marcondes Machado	Complementarista
	23 V. Gomes Cardim	Amelia Augusta Turelmi	Normalista
	24 Alameda Ribeiro da Silva	Adelina Flores de Azevedo	Complementarista
	25 Campos Elyseos	Eulina Barboza Souza	Intermedia
	26 S. Eplugenia	Maria M. dos Anjos Payão	Normalista
	27 Ypiranga	Carolina Cortez Branco	Complementarista
	28 Cambucy (amigo S. Maria)	Anna Rosa Ribeiro	Normalista
	29 Lagado	Cecilia Isabel da Silva	Intermedia
	30 Penha	Esther Pereira Baptista	Complementarista
	31	Antonia R. Pereira	Normalista
	32 Perdizes	Deolinda S. da Fonseca	Intermedia
	33	Branca de Camargo Barros	Normalista
	34 Barra Funda	Petronilla de Paula Brito	
	MIXTAS	35 O	Maria E. da Costa Flores
36		Antonia V. Domingues	
37 Limão		Anna Carolina Soares	Concurso
38 Agua Branca		Balbina Netto Veloso	Normalista
39 Guapira		Alberina Rabello Debieux	Complementarista
40 11.º Distrito		Isabel da Serpa e Souza	Intermedia
1 V. Cerqueira Cesar		Ismenia Salomão	Normalista
2		Maria Brocardo de Vasconcelos	
3 Pinheiros		Umbellina M. Conceição Cunha	Intermedia
4 Butantan		Ismenia Leme	Complementarista
5	Eunyce Caldas	Normalista	
6 Boa Vista do Ypiranga	Maria Bitencourt Peit		

Fig. 7 – Eunice Caldas como normalista da Escola Isolada do Butantã. Fonte: Anuário de Ensino, 1913, p. 66.

Ainda, segundo Lael (1996, p. 270),

Ao deixar o Butantã em 1919, a pequena escola ficou sem sua mestra e a nova administração, motivada pelo pedido dos funcionários, solicitou ao estado a nomeação de uma professora para assumir a função.

Eunice deixou a escola justamente quando Vital Brazil aposentou-se da direção do Instituto Butantã após enfrentar divergências com o então Secretário do Interior, Oscar Rodrigues Alves. A família muda-se para o Rio de Janeiro, onde Vital instalou o Instituto Vital Brazil (ESTEVES, 1984). Não sabemos se ela os acompanhou ou permaneceu sob o arrimo de Anna Galheto. Outro dado importante é que ela não ocupava mais o cargo de diretora e professora em Santos. Em 1916, criou, também em São Paulo, um colégio de educação feminina, onde havia crianças órfãs, que levava seu nome. Conforme publicou “A Tribuna”, circulando em Santos, Eunice anunciava:

A 1º de Outubro do corrente anno, abrem-se as aulas do Collegio Eunice Caldas, que se acha installado em magnífico prédio á rua da Liberdade 138 e offerece grandes vantagens ás suas alumnas. Módica contribuição trimestral - Escolhido quadro de professores - Boa applicação do tempo - Methodos

instructivos e modernos. O trabalho physico sempre a contrabalançar com o trabalho intelectual, tornando-se portanto o estudo ameno e efficaz. Passadio excellente. A criança viverà como em família. A maior voluntariedade possível será adoptada, visto como educar é exactamente formar individualidades aptas a vida disciplinada.



Fig. 8 – Anúncio de matrícula do Colégio Eunice Caldas. Jornal “A Tribuna” de Santos, 1916.

Nota-se, no texto acima, a valorização dos “métodos modernos”, que incluía o equilíbrio entre os estudos e a atividade física. Era um período de inserção das idéias de eugenia no Brasil. Educar e instruir a sociedade, principalmente as classes menos favorecidas, implicava também em inculcar noções de higiene e hábitos saudáveis. Um exército de médicos higienistas visitava as escolas e associava-se a engenheiros sanitaristas na luta por um espaço urbano racionalmente mais organizado e limpo, isto é, livre de doenças. Para a nova mulher, uma saúde perfeita fazia-se primordial a fim de gerar filhos igualmente sãos. Como demonstra Susan Besse, p. 11:

A nova mulher ideal foi “liberada” da ignorância, mas os educadores projetavam currículos destinados a prepará-la, antes de mais nada, para desempenhar seu papel “natural” como gerente racional da vida doméstica e como socializadora inteligente da geração futura. Embora sua maternidade esclarecida fosse cada vez mais valorizada, aumentavam gradativamente os requisitos que a amarravam à esfera doméstica, enquanto a ênfase na criação dos filhos definia estritamente os traços apropriados do caráter feminino.

Eunice pactuava com tal mentalidade (observaremos mais atentamente no terceiro capítulo). A sua peça teatral **As moças da moda**, publicada em 1915 na série Contos Infantis da coleção “Bibliotheca Magnolia”, é um convite às boas maneiras e aos princípios de educação da República Velha. Haja vista o título, atrativo para as jovens de elite preocupadas em seguir a etiqueta em voga. A segunda parte da peça é dedicada à tônica da saúde e higiene, amplamente difundida nos currículos escolares como exercícios militares, ginástica e higiene pessoal (SOUZA, 1998.). A higiene do “bom tom” da época, como apelidou nossa escritora, constituía-se em acordar cedo; caminhar e respirar (corretamente) bons ares; praticar o nado e a equitação. A boa alimentação também era primordial, como exclama uma das personagens (CALDAS, 1915, p. 13):

*[...] A fome? Nem tu imaginas
Com que apetite regresso.
E ganho umas cores divinas!
Que não são de falso processo.²¹*

Vê-se que o uso da maquiagem era rejeitado pelas jovens do enredo e o elemento masculino da peça também a recrimina. A personagem acima simboliza todo o ideal republicano de uma mulher forte, saudável, capaz de gerar filhos igualmente saudáveis para defender a nação brasileira. As feministas da primeira onda eram anuentes com relação a esse papel, todavia, cada vez mais exigiam a admissão em cursos de nível superior e o acesso às profissões da elite, para poderem realizar-se como pessoa, sustentar-se com independência e contribuindo com o desenvolvimento econômico do país.

Realizar seu potencial humano... Teria Eunice se sentido plena em seu colégio? Ou desgostou-se mais uma vez, como acontecera em Santos? Sabemos, através do Anuário de Ensino de 1918, que o Colégio Eunice Caldas mudou de nome para Colégio Esmeralda. Teria sido uma decisão oriunda da educadora em questão? O número do prédio passa de 138 para

²¹ Optou-se, na formatação deste trabalho, pelo destaque em itálico nas citações próprias de Eunice, de forma a diferenciá-la dos outros autores.

148. Erro tipográfico ou transferência de casa? Era uma instituição também voltada para a formação de professoras, conforme notamos nos documentos a seguir:

N.º de ordem	DENOMINAÇÃO DOS ESTABELECEMENTOS	LOCALIZAÇÃO	Número de alunos				Subvenção		Observações		
			De 1.º ano	De 2.º ano	De 3.º ano	Total	Do Estado	Do Município			
130	Escola Particular	Rua Nova de S. José, 13	25	25	não	Fechou-se em Outubro	
131	» «Antonio Salandra»	» Justo Azambuja, 37-A.	30	30	sim	Diurna e Noturna	
132	4.ª Escola União	» Visconde de Parnahyba, 110	9	9	não	..	
133	Escola Vittorio Emanuele III	» General Flores, 30.	76	76	sim	Diurna e Noturna	
134	» Infantil	» Paraná, 7.	17	17	
135	» de Pequenos Jornalheiros	Alameda Barão de Piracicaba, 108	18	18	
136	Externato N. S. da Consolação	Rua Sergipe, 26	15	15	
137	Col. «Volere è Potere»	» Marquez de Itú, 450	..	16	..	16	
138	Curso Nocturno de Contabilidade	» Libero Badaró, 134	64	64	
139	Escola S. Isabel	» Simbú, 130	92	92	
140	Externato Mattoso	» Mooca, 12	..	101	..	101	Transf. a direç. em Julho	
141	Instituto Commercial	» 15 de Novembro, 27	74	16	..	90	
142	Externato Santa Ignez	Travessa da Gloria, 25	37	19	2	58	
143	Collegio Esmeralda	Rua da Liberdade, 148.	155	155	70.000\$000	8.000\$000	
144	Orphanato Christovam Colombo	Ypiranga	290	290	..	1.000\$000	
145	Escola Parochial de Santa Cecilia	Rua Immaculada Conceição, 5	67	67	
146	» «Patria e Liberdade»	» Victor Ayrosa, 53	98	98	Diurna e Noturna	
147	» Particular	» Almirante, Barroso, 152	19	19	Medou-se sem participar	
148	Curso de Linguas	» Amaral Gurgel, 16.	70	70	Diurna e Noturna	
149	» 1.º Maggio	» Major Dlogo, 88	60	60	
150	Escola Nocturna Mariangella Matarazzo	» Monsenhor Andrade, 72	47	47	Diurna e Noturna	
151	Curso Magalhães	» Bresser, 249.	20	20	não	Fechou-se em Março
152	Escola «Princesa Yolanda»	» Placidina, 14.	50	50	sim	Diurna e Noturna
153	» Particular	» Itapicuru, 89.	78	78	
154	» Portuguesa	» Visconde do Abaeté, 19	40	40	não	Fechou-se em Outubro
155	» Julio Ribeiro	» Julio Ribeiro, 14	22	22	
156	» «Principe Caniguan»	» Ruy Barbosa, 90	18	18	sim	Fechou-se em Junho
157	» Nocturna Operaria	» Alegria, 21	394	636	..	1.030	..	6.000\$000	
158	» «João B. de Vico»	» Mooca, 369	38	38	
159	Lyceu de Artes e Officios	Largo do Jardim	22	22	
160	Escola Rainha Margarida	Rua Umberto I, 97	17	17	
161	» Nocturna Particular	» Cajuru, 138	57	57	
162	» Particular	» Barão de Iguape, 138	35	35	
163	» das Perdizes	» Turvassú, 89.	57	6	..	63	
164	» Particular	» Mooca, 463	8	18	..	26	
165	Collegio Dulley	» Abilio Soares	21	21	
166	Stegner Ahlfeld	» Bella Cintra, 238	..	20	46	66	
167	Externato «Antunes»	» Antonia de Queiroz, 51	30	30	
168	Associação Christá de Moços	Praça da Republica, 50.	23	23	não	Fechou-se em Março
169	Escola Particular	Rua Caetano Pinto, 178.	17	53	..	70	sim	
170	» Italiana	Travessa da Intendencia	20	5	16	41	
171	Gymnasio «São Paulo»	Rua Jaguaribe, 27	18	18	
172	Escola Lusitana	Avenida Rangel Pestana, 90	
173	» Particular	Rua Bresser, 364.	

Fig. 9 – Citação do colégio e sua diretora no Anuário de Ensino.

Seria possível que Eunice tivesse abandonado as aulas na escola isolada para se dedicar ao seu colégio? Até quando funcionou essa escola? Uma pista é deixada no conto “Mármore”, de seu livro **Paiz Fulgurante**, onde narra os tempos áureos da escola, conforme p. 116, “[...] aquelle monumento de educação nacional que se chamou ‘Collegio Esmeralda’ factor maximo da educação do sentimento, da alma, das realidades infinitas que promanam das fontes crystalinas da verdade” [...]. Ao longo da leitura deste conto, podemos perceber que talvez a escola não tenha sido divulgada ou bem vista pela comunidade paulistana. Na p. 118, Eunice diz:

Esse monumento vive ainda occulto a muitos olhos inteligentes, muitas almas nobres, porque a perversidade humana cingio-lhe o véo de ignominiosa miseria de ideias e aspirações, mas permanece inalteravel em suas bases sólidas, erecto, contemplativo, neste immenso espaço em que

nasce e se desenvolve a phantasia, a poesia, o sonho, toda manifestação radiante da arte [...] e jamais tombará, porque vigorosos foram os braços que o ergueram, e multiplos os corações sinceros que na sombra davam acolhida e carinho ás pobres orphãs, atiradas ao lodo das estradas, sem perspectiva alguma de progresso e ventura [...].

Seria tal colégio a idealização perfeita de tais valores ou era apenas na mente de sua fundadora que tilintavam tão nobres objetivos? O destino do colégio, seu fechamento, aparece de forma limiar na p. 125, em que ela aponta suas referências:

As portas do Esmeralda cerraram-se á hostilidade dos incréos, mas o grande ideal educativo paira incólume nas regiões mais altas da aspiração patriótica, apoiado pelo nacionalismo de Bilac, positivismo de Benjamin Constant, heroísmo de Floriano Peixoto e eloquencia grandiosa de Ruy Barbosa, homens que tiveram na vida social e intima um unico escopo: a verdade e a sinceridade.

É interessante observar os “modelos” eunicianos de “verdade e sinceridade”... Com exceção de Floriano Peixoto, todos comprometidos intimamente com a educação. Rui Barbosa, o grande difusor do método intuitivo e das lições de coisas no Brasil, segundo Maria Cristina Machado (2005, p. 99),

propunha uma Reforma que adotasse a gratuidade, a obrigatoriedade e a laicidade do ensino. [...] defendia a criação de jardins de crianças, de escolas normais, de caixas econômicas escolares, bem como da necessidade de considerar-se a higiene escolar.

Ainda, Benjamin Constant, enquanto ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos (1890 - 1892) criou o “Pedagogium”, estabelecimento de ensino profissional do Rio de Janeiro, inspirado no extinto Museu Escolar. Tal instituto consistia num “centro impulsor de reformas e melhoramentos da educação nacional” (BASTOS, 2005, p. 125). Ao conferencista e fundador da “Liga de Defesa Nacional” (1916), Olavo Bilac, nossa educadora dedicará um poema²², mostrando que sua admiração ia além da estética literária do poeta. Eunice concordava com Bilac na questão da instrução “para combater o perigo interno, que se manifesta pela quebra de unidade, pelo depauperamento do caráter, pelo definhamento do

²² Cf. p. 102 desta dissertação.

patriotismo” (NAGLE, 1985, p. 262).

É certo que nossa educadora, enquanto criava escolas, publicava livros e presidia uma associação cultural, também administrava uma vida de viagens: pelas dedicatórias em suas obras, pelos seus próprios poemas e alguns cartões postais, percebemos que ora está no Rio de Janeiro, ora em São Paulo, em Caldas, na Estação do Prata ou na Europa.



Fig. 10 – Vitalina, Acácia [Vidinha] e Eunice em Paris, 1º de agosto de 1912. Acervo de Rosa Esteves.

Na página de rosto de seu livro **Instituto Maria Braz**, ela diz:

*À muito querida Vitalina
Uma lembrança de grande affecto
Eunice Berlim, 20 - 8- 912*

Em 1912 circulou pela França (cf. anexo 6) e Alemanha com a família Vital Brazil, acompanhando Vitalina, sua sobrinha mais querida, que iria estudar piano. Tão próxima que era de Tia Nicinha, Vitalina figurou a capa de sua peça teatral, “As moças da moda” (cf. anexo 13).



Fig. 11 – “Tia Nicinha” e a sobrinha Vitalina na França. No verso do cartão lê-se: *Muito querida Alvarina, não te assustes com nossa tão grande coragem, que após tantas viagens e peripécias é naturalíssimo o nosso arrojo. Andamos de areoplano como vês e a grande aveadora sou eu. Passeamos sós e a partida foi do último plano da torre Eiffel e no percurso resolvemos a ir vos fazer uma pequena visita em sonhos. Vistes [ilegível]? Adeus com muito affecto te abraçamos, Eunice e Vitalina. Paris, 25-7-912.*
Acervo de Rosa Esteves.

Unidas ainda mais por uma fatalidade - ambas perderam as respectivas mães em 1913 - retornaram rapidamente da Europa, interrompendo os estudos de Vitalina. Alguns livros de Eunice, dos quais conseguimos exemplares, estão dedicados com manuscritos à sobrinha, mencionando dolorosas separações entre as duas. O relacionamento entre elas poderia ter-nos esclarecido algumas lacunas na história de vida de nossa professora, todavia, a sobrinha pianista não deixou filhos e sua correspondência pessoal foi descartada logo após sua morte.

Provavelmente neste mesmo ano, Eunice passou a exercer a função de preceptora das meninas de 9 a 11 anos, Fernanda, Fausta e Flávia, filhas da grande amiga Anna Amália de

Villalobos Galheto²³, imigrante de Portugal, *suffragette*.²⁴, professora, escritora e prefaciadora de duas obras eunicianas. Publicou “O genio da raça” em 1924, apresentado por Eunice, em que homenageia grandes nomes da arte, política, literatura e música luso-brasileiros. Casou-se em Portugal com o maçom Joaquim David Galheto, membro fundador da Sociedade Beneficência de São Paulo.



Fig. 12 – Foto da família Galheto, provavelmente na chácara da Praça Bilac, São Paulo. Eunice é a segunda da esquerda para a direita, sentada, de branco, ao lado de Anna Galheto. Vemos as pupilas Flávia e Fernanda à direita da mãe, vestidas e posando igualmente. Sem data. Acervo de Anna Glória.

Neste exercício de educação doméstica, Eunice morava com a família Galheto na Barra Funda e também na companhia de Maria da Cunha, conhecida compositora portuguesa, namorada do carioca Armando Percival, com quem compôs “O pinhal” e que ensinava música também às meninas.

²³ Todos os dados referentes à Anna de Villalobos Galheto (03/08/1862 - 01/04/1945) foram obtidos através de entrevista realizada com sua neta, Anna Glória Thereza Teixeira de Carvalho Nogueira Santos, em Santos. Filha de Flávia Galheto Teixeira de Carvalho (06/08/1904 – 28/02/2002) e do médico Paulo Teixeira de Carvalho, também já falecido, Anna Glória é o acervo vivo e material da história de sua família.

²⁴ Título designado primeiramente no Reino Unido, para as mulheres do movimento a favor do voto feminino. Termo originado do francês, *suffrage*, voto.

De que forma se deu o encontro de Anna Galheto e Eunice também não sabemos, entretanto, lembranças ficaram registradas na memória da pupila Flávia, que tratou de recontá-las à sua filha, Anna Glória. É ela que nos fornece um exemplo da paixão de Eunice pelo ensinar e pela cultura: queria introduzir noções musicais às crianças (da escola isolada talvez) e, como não dispunha de um piano, confeccionou um teclado todo de cera para seu intento... É também das mãos de Anna Glória que recebemos um dado revelador da vida pessoal de Eunice. Em entrevista, a neta de Anna Galheto comentou a desconfiança sobre a homossexualidade de sua avó (pensava ser estranho ela ter se casado aos 39 anos somente) e se dispôs a mostrar uma foto dela (ao lado) com sua companheira, que acreditava ser a governanta alemã da casa.



Fig. 13 - Anna Galheto e Eunice Caldas em Santos. Acervo de Anna Glória.

Surpreendentemente, a foto retrata Anna Galheto e Eunice em 1926.

O fato de Eunice morar com uma mulher não a torna homossexual, mas tendo em vista a confirmação acima e da própria governanta de Anna Glória, podemos julgar que um dos motivos de suas interações estivesse relacionado com essa opção de vida. Além disso, Anna Galheto contrariou seu marido e contribuiu financeiramente para erguer o Colégio Eunice Caldas. O profundo apreço pela amiga portuguesa pode ser testemunhado na dedicatória de sua antologia poética “Amphitrite”, publicada em 1924, tal como o livro de Anna Galheto, conforme segue:

A Anna de Villalobos Galheto

*És a personificação sympathica do sonho;
Um sonho que arrebatava ao mais indiferente,
Nesta tua ancia ideal, uma ancia prepotente,
De vencer esse caos, oh! barato medonho*

*Em que vivem no mundo as pobres creaturas,
A Justiça por norma e valor por lema,
Promoves arrancar-os ao mais cruel dilema
Dessa vida precaria e cheia de amarguras.*

*Vida sem um ideal, sem gloria e sem renome!
O teu semblante é doce e vivo e delicado,
Emoldurando o olhar severo, embalsamado
De extranho refulgir que a mente te consome.*

*És consciente, forte e a tudo bem imprimes
Do cerebro a razão perfeita equilibrada
E de glorias tens já a frente aureolada,
Pois em boas acções o coração redimes.*

*Accendeste em mim o facho da esperança,
Na amargura da senda em que deparaste.
De conforto, de amor, de arminhos
circumdaste
Esta alma em que revês a trêfega creança,*

*Que salta, ri e chora a dor dessas tormentas
Que a ingratidão produz; o mundo é zombador
E doura os sonhos vãos; triumpho enganador,
Que tua Justiça conduz ás luctas que sustentas*

*No terno coração. E a verdade transluz
Em tua mentalidade affeita a tantas luctas!
Si possues a riqueza, os bens nunca desfructas
Immersa nessa dor que é a tua própria cruz.*

*Dos soffrimentos, ais, partilhas compungida
E tua alma tão grande, affeita a tanta luz,
Purificada está na gloria que produz
A conquista de uma alma em dores redimida.*

*Dou-te todos os ais e todas as sym phonias
Enredadas aqui; espinhos lacerados –
São desta pobre alma os mais finos brocados;
São deste pobre seio as tristes melodias.*

*E essas te pertecem; a ti devo o allivio,
Pois soffrel-as calada, oh! que cruento dor.
É preciso vasar em teu seio o amor
E me purificar no salutar convívio*

*Do teu bom coração; estrella refulgente,
Aurora maternal que me saudou um dia.
És para mim real motivo de alegria.
O rosicler na dor; o riso ao indigente.*

*Acceita o relicário, emblema desta dor;
Acceita estes secretos hymnarios de minha
alma;
E serena e altiva e cheia de tua calma,
Aquece-me, bondosa, em effusões de amor.*

Essa mesma coletânea de poemas oferece-nos uma fonte rica em possibilidades de interpretação da vida pessoal de Eunice e de sua visão subjetiva de mundo. A poesia “Ciúmes” (páginas 62 a 65 do livro) manifesta o sofrimento do eu lírico feminino diante da insegurança da mulher que a ama:

*Essa visão tão tragica da duvida
Ensombra sempre teu bom coração.
Em tudo vês os espinhos da vida
Ameaçadores em sua tetrica effusão.*

*De Othello tens o drama calcinado
Nas circumvoluções de todo o cerebro.
Vives atonita e alucinada,
O coração em duvida, qual ebrio.*

*Desdemona é a visão que te seduz;
O tragico somente é que te empolga.
Ha momentos em que o martyrio induz
A fazeres da vida uma egloga.*

*Não crês, não julgas nunca merecida
Qualquer unção de amor que te rodea.
Vês em tudo uma flor emmurhecida
De desdita que sobre o hastil se alteia.*

*O passado te pesa muito n'alma;
Não gozaste o bastante aquella vida.
O presente te assalta e rouba a calma,
Porisso és penitente, minha querida.*

*Isso é uma dor que me tortura a alma;
Não compreendo eterna essa agonia.
Quizera que me amasses com mais calma.
Quizera ver-te sempre em alegria.*

*Que rompe a madrugada neste seio?
Quero rir e folgar, quero correr
E confundida sempre me arreceo,
Que na dor venhas triste a perecer.*

*[...] Achas que os homens não sabem viver,
E que o nosso meio é só fallaz,
E nessa dor só pensas em morrer;
De ser feliz não és jamais capaz.*

*Escuta este meu canto todo amor
E do fel do ciume te liberta.*

*Eu quero ser o teu encanto, a flor
Aos teus affagos sempre, sempre alerta.*

*Tudo é alegria dentro, aqui, de mim.
Transborda amor por ti no coração.
Mas choras por eu ser alegre assim
E dar o meu carinho á multidão.*

*[...] Oh! ama-me feliz e descuidada;
Embala-me em amor mais santo ainda.
Sou deveras a alma infortunada
Que mui pouco encontrou nessa ancia infinda,*

*De amar e bem querer, de acariciar
Sem o temor da traição horrenda.
Oh! deixa-me em ti eu confiar;
Não me encraves de espinhos esta senda!*

*Sou confiante no teu puro amor;
Sou crente do poder do nosso Deus;
Não quero me abater nesse estertor,
Mas somente tornar meus sonhos, teus.*

Ainda através de “Amphitrite”, podemos notar que Eunice não fazia coro ao preconceito destinado aos homossexuais. Em um trecho do poema dedicado a Oscar Wilde (CALDAS, 1924, p. 94), percebemos a peculiar compaixão que nossa poetisa sentia em relação ao poeta irlandês:

*[...] Admiro-te o gênio, a inspiração;
Admiro-te a dor, cruel castigo,
E no estudo da alma, até consigo
A mais real e terna compreensão.*

*Bem sei que o mundo te levou ao desprezo;
Bem sei que a dor te lacerou a alma;
Mas, da gloria colheste a grande palma,
Depois que inconsciente foste prezo.*

*[...] Aquelles dias na treva a sofrer,
Aquella tua injusta punição,*

Tudo entendi e admirei em ti. [...]

Por outro lado, o prontuário médico do Juquery afirma que ela teve dois noivados rompidos, contrariando os conselhos de seu pai. Segundo Maria Clementina Cunha (1986, p. 136), os internos eram recolhidos “em função daquilo que os alienistas definem como sua ‘completa incapacidade de adaptação ao meio social e ao meio da família’”. Eram internadas as pessoas que ousavam e testavam limites como “recusar o casamento, a maternidade, a

família. Manifestar uma independência essencialmente estranha àquela sociedade” (ibid., p. 144). As mulheres históricas e os homossexuais eram quase sempre trazidos pelos parentes para internação. Um dos episódios mais doloridos da história de Eunice viria com a viagem para os Estados Unidos, sobre a qual Rosa e Lael confirmaram o retorno de Eunice em camisa de força, sendo encaminhada ao Hospital Psiquiátrico Pinel de Pirituba por seu sobrinho Vitalzinho.

Um dos maiores reconhecimentos da carreira de magistério de Eunice pode ter sido sua indicação pela Associação Brasileira de Educação (ABE)²⁶ para participar de um intercâmbio entre professores brasileiros e americanos, em 1930. Não sabemos em que circunstâncias esses professores foram selecionados, nem tampouco se Eunice teria sido enviada a essa comitiva como forma de afastá-la do convívio com Anna Galheto. A natureza desse intercâmbio, promovido pela Fundação *Carnegie E. Moviment*, seria especializar e atualizar os professores nas suas respectivas áreas e promover visitas aos estabelecimentos de ensino das principais cidades americanas. Além de Eunice, os professores brasileiros que compunham a caravana eram: Couto e Silva, Othon Leonardos, Decio Lyra, Consuelo Pinheiro, Cecília Rangel, Noemi Silveira (signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação de 1932), Julieta Arruda, Maria dos Reis Campos e Laura Lacombe. Uma nota publicada em “O Globo” no Rio de Janeiro, de 14 – 01 – 1930, traz a notícia da chegada em Nova York e uma foto da comitiva antes da partida, publicada em 08 de março do mesmo ano:

²⁶ A ABE, instituição fundada em 15 de outubro de 1924 por Heitor Lyra da Silva, tem sede no Rio de Janeiro. É uma associação que tem por finalidade congregar educadores, professores, pessoas físicas e jurídicas interessadas no estudo e no debate de assuntos ligados à Educação e à Cultura.



Fig. 14 – Notícia da viagem dos professores. Jornal “O Globo”, 14/01/1930. Acervo do IEB/USP.



Fig. 15 – Notícia do regresso da comitiva. A foto apresentada foi tirada na ida. Jornal “O Globo”, 08/03/1930. Eunice é a última à direita. Acervo do IEB/USP.

A caravana foi recebida por representantes do Instituto Internacional de Educação e passou cinco semanas, visitando Washington, Nova York, Filadélfia, Baltimore e Boston. Embora não tenhamos encontrado o relato de Eunice sobre essa viagem, a professora Maria dos Reis Campos.²⁷ não se furtou a comentá-la, em sua obra de 1931, “Escola Moderna - conceitos e práticas”. Em uma conferência da Cruzada Pedagógica pela Escola Nova, intitulada “A educação primária nos Estados Unidos” (1930, p. 381), ela nos dá uma visão do sistema de ensino americano, onde os estabelecimentos são apelidados de “escolas-palácios”:

[...] além das salas de aula [...] uma escola tem sua secretaria, em diversos compartimentos, o seu gymnasio - amplo, espaçoso salão, as suas salas especiaes de trabalhos manuaes e officinas, a sua bibliotheca com alguns ou muitos milhares de livros, o seu auditório [...] o play-ground ou roof, onde as crianças brincam ao ar livre.

Suas impressões pessoais sobre educação são demonstradas através de trechos como “a escola não é mais que um prolongamento do lar” ou “criança indisciplinada [...] é criança

²⁷ Professora-chefe da Escola de Educação da Universidade do Distrito Federal e membro da Academia de Ciências da Educação.

desocupada ou desinteressada.” E ressalta a liberdade de movimentos das crianças, que assistiriam às aulas atentamente, mesmo sentadas ao chão ou de pé. “As professoras timbram em falar baixo, para habituar os alumnos e quando algum delles [...] eleva demais a voz, a professora lhe chama a atenção” (ibid., p. 384). Descrevendo minuciosamente as salas de aula, Maria dos Reis repara que freqüentemente há um piano em cada uma, além do telefone. A vitrola foi destacada por ela como novo material pedagógico, podendo substituir o piano em terras brasileiras, para tocar hinos escolares ou acompanhar exercícios de ginástica. Ressalta que as crianças por lá lêem algumas dezenas de livros em um só ano e garante que é um hábito incorporado culturalmente, pois

a bordo, na viagem de ida, vimos coisa que nos admirou e que, entretanto, não nos teria causado surpresa na viagem de volta: criados de bordo, que estavam de serviço, aproveitando pequenos intervallos, entre duas chamadas de campanha, de livro na mão; marinheiros de folga, sentados a um canto do tombadilho, de livro na mão... (ibid., p. 386)

De maneira surpreendente, a pesquisa em torno da rede de relações de Eunice, que nos levou à Anna Galheto, trouxe-nos também um complexo acervo manuscrito e iconográfico desta última. As caixas de memórias guardadas por Anna Glória contêm preciosidades sobre feminismo e educação escritas por sua avó, poemas dedicados às mais diversas personalidades, inúmeras fotografias e dois livros inteiros não publicados. Num desses alfarrábios, “O Momento Educativo é a flama aurifulgente do porvir!”, escrito em 1º de abril de 1930, a amiga de Eunice traça considerações sobre o método educacional americano e elogia a iniciativa da ABE. Em suas palavras:

A Psicologia é o padrão mais alto da obra educacional americana. Empolgados por este principio básico, organizaram a Escola á altura de poder funcionar segundo observações realizadas por cientistas notáveis no genero complexo de estudar a alma humana se seu inicio. E os resultados obtidos são dignos da admiração do mundo inteiro - a ponto das maiores capacidades educativas se dirigirem aos Estados Unidos para se abeberarem nos métodos e processos de levar a bom caminho a escola dos paises que representam. [...] É de esperar que o Brasil, atingindo tão elevada compreensão, como acaba de testemunhar, mandando os seus professores

compulsar os ensinamentos de obra tão profunda, siga os seus dictames que virão facilitar o que tão difícil se tem mostrado pela carencia de mais amplos processos que viessem em auxilio dum ideal que tão alto brada na consciência de todos os que tem pugnado pela sua realização, sem olhar aos sacrificios de toda a ordem. [...] E deste modo, tempo virá em que poderemos hombrear com o grande país amigo, que tantas provas acaba de dar ao receber a nobre missão de professores brasileiros, que com tanto entusiasmo partiu, no afan de preparar-se para corresponder á expectativa de seus admiradores e interessados na eficiencia dos metodos a estudar, não podendo esquecer a grande actividade da conspicua Sociedade de Educação, da Capital Federal que tanto se esforçou e trabalhou para que tão dignos professores conseguissem os brilhantes resultados de que acabam de dar as mais [ilegível] provas.

Segundo notícia (ver fig. 16) publicada em “O Jornal”, do Rio de Janeiro, no dia 07 de março de 1930, um grande número de pessoas aguardava a chegada da comitiva no cais carioca. Dos dez professores, apenas seis retornaram, sendo que, ainda de acordo com a notícia, Carolina Rangel, Couto e Silva, Othon Leonardos e Eunice Caldas “ficaram na América do Norte, afim de aperfeiçoarem os seus estudos, freqüentando os estabelecimentos e educadores daquelle paiz”.

Se os outros três professores realmente estenderam seus estudos

por lá, o mesmo não aconteceu com Eunice que não retornou com a comitiva, pois já havia desembarcado no Brasil, em Santos, no mês anterior. Nossa educadora fora internada no já



Fig. 16 – Reportagem de “O Jornal”, 07/03/1930. Acervo do IEB/USP.

referido Hospital Psiquiátrico do Pinel, em São Paulo, a 21 de fevereiro de 1930, e conforme seu prontuário médico:

[...] senhora instruída e muito dedicada às questões da pedagogia, fez parte de uma comissão de professoras paulistas que, há cerca de 2 mezes, embarcou para os Estados Unidos. Em lá chegando, a vida agitada, as viagens precipitadas, a fadiga física e psíquica, determinaram o aparecimento de nova crise. A paciente foi recolhida a um hospital em New York e de lá foi recambiada para o Brasil pelo nosso cônsul naquela cidade.

Miriam Moreira Leite (1984, p. 248) comenta, dentro dessa perspectiva de desequilíbrio:

Muitos internamentos de mulheres em sanatórios paulistas registraram-se no Juquery e no Pinel. A disciplinação da população urbana processou-se pela criação de diversas instituições policiais e repressoras, além da medicalização principalmente das mulheres que aderiam ou se recusavam a aderir às inovações do mundo urbano.

Para Susan Besse (1999, p. 64), “os psiquiatras definiam os limites da ‘normalidade’ e contribuía para que esses limites fossem observados mediante a instalação de asilos em que os dissidentes eram segregados da sociedade”. Era aceitável que os homens internassem “as mulheres da família que consideravam mentalmente desequilibradas em um dos inúmeros hospitais psiquiátricos” (ibid., p. 23).

Seria o caso de Eunice? Maria Clementina Cunha, em seu “O espelho do mundo: a história de um asilo” (1986, p. 151), debruçou-se sobre o caso de nossa professora:

A mulher “estranha” parece constituir ameaça também de outros pontos de vista. Existem muitos casos em que sua função foi antes a de corretivo - geralmente eficaz - para mulheres que insistiam em fugir às normas que a definiam como um ser essencialmente subordinado, frágil e dependente. Um destes casos é o de Eunice, professora internada pela família durante cinco meses - sem qualquer registro de retorno posterior - durante uma crise que os alienistas classificaram como “loucura maníaco-depressiva” [...]. O prontuário não deixa de frisar também o estado civil da paciente - estar solteira aos trinta anos era um indício certo de problemas -, tanto quanto suas inevitáveis frustrações amorosas por noivados rompidos, elementos sempre indicados na construção dos casos femininos, embora não haja nenhuma referência ao celibato como sintoma de desequilíbrio masculino. A independência é ressaltada, na construção do diagnóstico, como o sintoma mais evidente da doença e interpretada como alheamento, introspecção,

afastamento do meio e do mundo, etc., que caracterizariam o quadro maníaco-depressivo. O desfecho do episódio também é padrão: a disciplina asilar volta a docilizar a paciente e, meses depois, ela “aceita” voltar à casa paterna e se adequar às condições impostas pela família e pela sociedade... Se impulsos de independência pessoal e tentativas de emancipação de mulheres constituíram no período elementos a partir dos quais era possível caracterizar o distúrbio mental, o hospício acaba revelando-se instância eficaz de controle: a anotação “sahiu curada” aposta no prontuário de Eunice marca o “final feliz” da maior parte das histórias semelhantes, quando se trata de mulheres de classe média ou da burguesia.

É sobre este aporte teórico que podemos indagar se nossa educadora não teria sido “apagada” da família, num processo interno de eugenia profilática, já que ela passou várias vezes por diversos hospitais, conforme atesta seu prontuário médico, e morreu solitária na vida asilar, após 37 anos consecutivos de internação. Segundo Maria Clementina Cunha (ibid., p. 57), o saber psiquiátrico deveria “com a ‘razão’ combater o desatino, com a ordem científica, a desordem social - criando o lugar da loucura e separando-a da esfera dos fenômenos comuns da vida cotidiana”. Ainda, “as mulheres são quase sempre internadas no Juquery por alegados distúrbios relativos sobretudo ao espaço que lhes coube na definição de papéis sexuais e sociais - a esfera privada” (ibid., p. 143). Ao que tudo indica, Eunice, solteira, sem filhos, provavelmente morou sozinha em sua estada por Araras ou esteve sob o arrimo de Vital Brazil e Anna Galheto em São Paulo, e anteriormente, de seu pai e da irmã Iracema em Santos. Nossa professora parece ter sido ao mesmo tempo vítima de um contexto social e de seu próprio organismo.

Sabe-se que, por volta de 1910, portanto aos 31 anos, Eunice foi internada no Hospital de Juquery. A doença em questão caracteriza seus portadores como pessoas normais na ausência das crises e, em menor grau, as torna hiperativas, segundo informações do médico psiquiatra Dr. Catulo César P. B. Magalhães, professor da Universidade Católica de Santos. O desencadeamento dessa doença ocorreu em virtude da herança familiar de Eunice aliada à sua história de vida, conforme prognóstico de seu prontuário. Atualmente, a psiquiatria contemporânea denomina esse mal como transtorno afetivo com sintomas psicóticos.

Transparecem nos escritos de Eunice nuances de melancolia, injustiça e sofrimento que eventualmente podem ser concatenados aos períodos de vida asilar, conforme demonstra um fragmento de “Visita”, terceiro poema da antologia “Amphitrite”, (1924, p. 30 e 31):

*Estava eu sangrenta, lamuriosa,
Com a alma desfeita em mil pedaços.
Meus sentidos semelham-se a palhaços
Que choram e que riem em voz dolosa.*

*Tinha a alma perdida na incerteza
De uma vida que não gozei outr’ora.
Uma vida perdida a cada hora
Por Destino cruel a que fui preza.*

*Sem amigos, sem fé, sem esperança,
Calcava aos pés o meu nobre castello
Castello de mil sonhos, sonho bello,
Que edifiquei real, como creança,*

*Que não prevê os ventos, os arrepios
De víboras satânicas do mal.
Construio-o na areia e afinal
Eil-o que desmorona em atavios*

Como teria sido para Eunice experimentar uma vida isolada de seu universo produtivo e de seus entes queridos não saberemos ao certo. Restam-nos, apenas, seus testemunhos escritos editados, ainda que desconhecidos do público e do meio acadêmico. Maria Clementina Cunha revelou-nos que Eunice teria deixado alguns manuscritos durante a estada no Juquery, conforme nota (1998, p. 9):

Infelizmente não foi possível obter escritos da própria Eunice, exceto algumas poucas anotações em uma letra firme e clara. Talvez pudéssemos descobrir aí eventuais afinidades com algum dos movimentos pedagógicos do período, centrados na idéia do resgate social através da educação [...].

Decifrar a alma feminina de Eunice Caldas e esboçar sua identidade, congregando os diferentes papéis sociais que exerceu, tornou-se uma missão perene e sempiterna, posto que algumas indagações acerca de sua história de vida permanecem sem respostas. Citando Denise Marino (2005, p. 10), “há silêncios com os quais não se deve conviver”, e o silêncio de Eunice, ironicamente, parecia bradar a cada testemunho concreto de sua existência.

2. ASSOCIAÇÃO FEMININA SANTISTA: UMA OBRA CENTENÁRIA PARA ELEVAÇÃO DA MULHER

Ao assumir, em 1900, a direção pioneira do grupo escolar em Santos, sucedendo o professor Carlos de Escobar, Eunice participou do movimento de fundação de uma sucursal da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo, criado por Anália Franco.

Guacira Louro (1997) chama a atenção para o surto de escolas que se multiplicam:

grupos sociais de diferentes origens étnicas, das classes trabalhadoras ou da elite, seguidores de diferentes orientações religiosas ou radicalmente contrárias às igrejas, das mais diversas regiões do País organizaram escolas em vilas e cidades, em comunidades rurais, em templos ou fábricas; instituíram e formaram professores e professoras, decidiram o que deveria ser ensinado e para quem.

Nesse ínterim, cumpre ressaltar que, conforme Susan Besse (1999, p. 10):

[...] a proliferação de novas organizações caritativas de mulheres da classe alta reforçava a tutela estatal sobre as mulheres da classe operária. Empenhadas em exercer uma influência “moralizadora” sobre as mulheres de origem mais humilde, essas mulheres caritativas, muitas vezes conscientemente, aliaram-se à Igreja, aos industriais, aos órgãos de assistência social, aos médicos e aos educadores para resolver o “problema social”.

Em uma cidade portuária na virada de século, que rapidamente se desenvolvia pelos laços estreitos com o comércio cafeeiro, nova pátria de imigrantes europeus (sobretudo portugueses e espanhóis) e da efervescência do movimento proletário (PEREIRA, 1996, p. 85), a instalação de escolas e de grupos escolares em Santos fazia-se mais do que necessária, a fim de cumprir com a missão de instruir e civilizar meninos e meninas deste país. Ainda nas palavras de Maria Aparecida Pereira (ibid., p. 85):

Em Santos, o movimento em prol da elevação intelectual do povo e da cidade encontra guarida entre os grandes comerciantes que atuam nas suas entidades de classe [...], nas instituições filantrópicas como Santa Casa e Asilo dos Órfãos. [...] A instrução popular é uma meta do pensamento dessa elite. [...]

Em Santos, nesse início do século XX, as realizações educacionais se multiplicam, desde as iniciativas do poder do Estado (Grupos Escolares Cesário Bastos: 1900; Barnabé: 1902) e do Município (G.E. Olavo Bilac); das ordens religiosas (Irmãs do Coração de Maria e Irmãos Maristas: 1904) ou de instituições leigas (Escola Docas: 1907), de grupos humanitários filantrópicos (Auxiliadora da Instrução, 1878) ou de grupos da Maçonaria (Loja Brás Cubas).

Enfim, o contexto santista contribuiu para que Eunice desenvolvesse a idéia de formar professoras e atender às camadas menos favorecidas desta cidade; idéia esta oriunda de outro ícone da educação e emancipação femininas: Anália Franco.⁴⁷ A “grande dama da educação brasileira” (MONTEIRO, 2004) foi referência essencial nos modos de pensar e agir de Eunice. É possível que a jovem diretora tenha entrado em contato com a “filosofia” de Anália através da literatura e imprensa femininas. Como diz Eliane Oliveira, em sua dissertação de mestrado (2007, p. 75):

Ao visualizar a trajetória de Anália, entendemos que as suas ações, de educadora e de mulher das letras, eram bem articuladas. Essa boa articulação foi responsável pela sua projeção no espaço público e pelo respaldo de vários grupos sociais - incluindo a imprensa - que apóiam sua iniciativa para a implantação de um instituto educacional.

Apesar de ter uma atuação bem articulada, Anália não tinha projeção internacional da contemporânea Maria Lacerda de Moura⁴⁸, a “rebelde exemplar”, segundo Miriam M. Leite. Maria Lacerda era também educadora e se aliou a anarquistas e associações feministas no intuito de transformar a sociedade através da educação. Assim como Anália, não tinha origem nas camadas de elite, mas, como Eunice, estudava muito e sempre. Por ora, podemos dizer que Maria Lacerda tinha conhecimento da figura de Eunice Caldas, já que numa de suas

⁴⁷ Anália Emília Franco (RJ, 10/02/1856 - SP, 13/01/1919). Após consorciar-se em matrimônio com Francisco Antônio Bastos, seu nome passou a ser Anália Franco Bastos, entretanto, é mais conhecida por Anália Franco. Sobre a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo e sua criadora, cf. OLIVEIRA, Eliane.

⁴⁸ Maria Lacerda de Moura (1887-1945), nascida em Minas Gerais e formada pela Escola Normal. Publicou, entre outros títulos, “A mulher é uma degenerada?” (1924) e “Em torno da educação” (1918).

correspondências endereçada à escritora feminista portuguesa Ana de Castro Osório.⁴⁹, citada por Miriam Leite (1997, p. 242), aparece uma nota à margem: “D. Eunice Caldas está morando com D. Anna Galheto há mais de 2 anos, disseram-me.” A projeção na vida pública e social de Maria Lacerda pode derivar de suas publicações, fossem livros ou artigos em periódicos, tanto sobre educação, como sobre a condição feminina, mas também porque atacava claramente o fascismo e o clero. Esteve em Santos por duas vezes palestrando, onde movimento anarquista imbricou-se através das ondas de imigrantes que entravam pelo porto. Criou simultaneamente, em 1921, a Federação Internacional Feminina em Santos e São Paulo (LEITE, 1984, p. 37), lembrando que a irmã de Eunice, Iracema Presgrave, presidiu a sucursal santista.

A rede de sociabilidade aí estabelecida ligava Eunice à feminista portuguesa Ana Osório. Esta esteve no Brasil, de 1911 a 1914, acompanhando o marido cônsul em São Paulo justamente o período em que Eunice preceptorava na casa de Anna Galheto. Não sabemos qual o grau de envolvimento de Ana Osório nas vidas de Eunice e Anna Galheto e podemos deduzir que a nota na carta para Maria Lacerda impregnasse um tom especulativo: a companheira de Eunice escreveu uma espécie de “carta-resposta” dedicada a Ana Osório. Intitulado “O Interesse”, o manuscrito não contém data, todavia podemos concluir, pelo seu conteúdo, que seja a partir de 1916, ano em que Anna Galheto ficou viúva (anexo 12). Assim ela diz:

Os esgares e ameaças que em surdina proferem não me aterrorizam, porque a minha consciência, tranquila e calma, está na posse da mais segura resistência. [...]

Eu não tolero a mulher egoísta, cheia de pretensões e vaidade: eu não tolero a supremacia de seus defeitos, prefiro estar só lamentando a ignorância que não pode conquistar foros de inteligência: que não pode como a pedra bruta, submeter-se do camartelo da civilização. Finalmente, eu não tolero estes seres que se julgam superabundantemente instruídos - humilhando com a sua sapiência aqueles que não se deram a conhecer, para não ir de encontro a sua

⁴⁹ Nasceu e viveu seus últimos momentos em Mangualde, Portugal (1872-1935). Intelectual, jornalista, ensaísta, conferencista, feminista e republicana, considerada uma das mais notáveis teóricas dos problemas da emancipação das mulheres foi uma dedicada e incansável lutadora pela igualdade de direitos.

modéstia - a única virtude que sublima e faz realçar o merecimento de quem a possui.

Pode-se entrever uma espécie de desentendimento ocorrido entre as duas professoras portuguesas.

Outro questionamento também se faz pertinente: qual seria a postura de Eunice diante dessas feministas “rebeldes”, já que em seus escritos ela não explicita um tom mais radical, mais além do que o esperado da “mulher esclarecida” da época? Deveria Eunice ter seguido a linha “rebelde exemplar” para conseguir mais projeção na vida pública? Cremos de alguma maneira, que Eunice exerceu a rebeldia no seio familiar, repudiando ordens dos pais e irmãos, conforme atesta o seu prontuário médico do Pinel. Essa rebeldia não era exclusividade de Eunice, pois, segundo Susan Besse (1999, p. 49):

essas ‘novas mulheres’ opunham-se a seus pais e maridos e os desobedeciam, defendiam e pediam o divórcio, tinham amantes fora do casamento ou até mesmo mantinham relações lésbicas e proclamavam seu direito de ter emprego remunerado e viver independentemente.

Talvez o desejo euniciano de acreditar na educação e ter alguma projeção através dela – se é que esse era realmente seu intuito –, fosse publicar obras pedagógicas e fundar escolas, tal como o Instituto criado por Anália Franco. Essa instituição educacional tinha diversos objetivos e todos eles foram congregados na Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo (AFBI), que Anália criou e presidiu até o ano de seu falecimento. Conforme, Eliane Oliveira

(2007, p. 76):

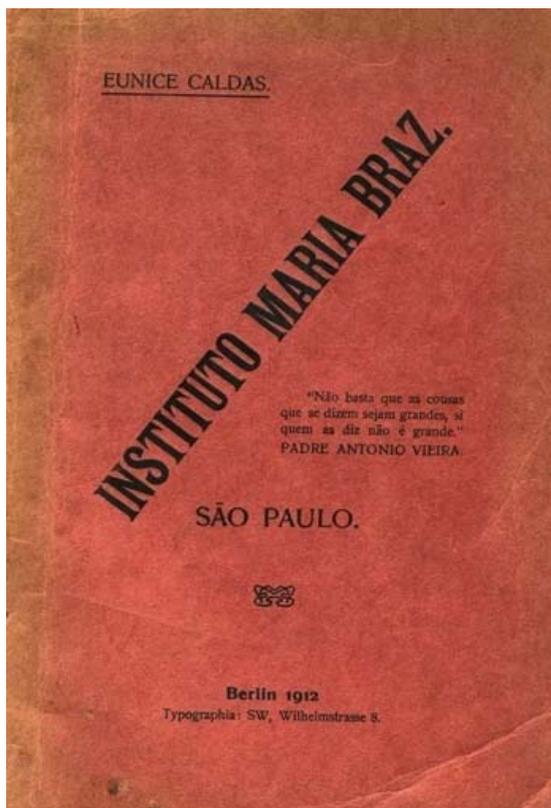
[...] a AFBI foi fundada para proteger e educar as crianças das classes “desvalidas”, bem como mães desamparadas. Educação e assistência, porém, caminhavam lado a lado nas instituições de Anália, que incluíam asilos, creches, escolas maternas, liceus femininos e noturnos. Sem prescindir de cuidados de saúde e higiene, a educadora contou com a colaboração

voluntária de médicos amigos, como de Marie Rennotte e dos homeopatas Alberto Seabra e Militão Pacheco.

Inicialmente, Anália reuniu um pequeno grupo de senhoras. Juntas fundaram, em 17 de novembro de 1901, a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva. De acordo com Monteiro, essas mulheres pertenciam a extratos sociais diferentes. Em dois meses, a lista de sócios da AFBI atingiu 2 mil signatários de nacionalidades e crenças diversas.

Um projeto grandioso como este e com tão nobre missão teria facilmente encantado uma jovem professora recém formada, com a mente repleta de ideais positivistas de educação e cultura para todos e todas, assim confirma Anália:

É pois incontestável que a mulher, especialmente a pobre, seja educada como exige o estado atual da sociedade. É esta a educação que damos as nossas asyladas, preparando-as pelo estudo e pelo ensino profissional para que possam viver sozinhas movendo-se na sua esphera própria, quando lhes seja preciso fazerem o seu próprio destino, independente de qualquer protecção (apud OLIVEIRA, 2007, p. 74).



**Fig. 17 – Capa da edição alemã de 1912.
Acervo do Museu Vital Brazil.**

A experiência de Eunice junto à Anália incursionou até sua trilogia literária sobre educação (Scenas Domésticas, Instituto Maria Braz e Inezilha Braz), mais precisamente com o segundo volume. A trama de **Instituto Maria Braz** (IMB) desenvolve-se não mais no ambiente doméstico e, sim, no cenário institucional, cujos elementos comuns à história e ao cotidiano das associações – IMB e AFBI – evidenciam a familiaridade de Eunice com os temas abordados.

É possível conjecturar a exaltação da personalidade de sua companheira de ideais Anália Franco, na personagem de Maria Braz, idealizadora do Instituto. Os propósitos de sua fundação (incluindo a coincidência da data – 1901) são percebidos neste trecho de Instituto Maria Braz (1912, p. 21):

[...] A nossa Associação foi fundada há mais de dez annos, nesta cidade, por um pequeno grupo de senhoras que desejavam sinceramente proteger a infância desvalida, arrancando-a quanto possível do loudaçal da miséria a que por nascimento foi condemnada. [...]

Eunice era corajosa e imitava o que considerava bons exemplos. Assim diz o jornal “A Tribuna”, de 8 de maio de 1902:

Sabemos que a professora da. Eunice Peregrina de Caldas, recentemente nomeada diretora do grupo escolar “Dr. Cesário Bastos”, tenciona instalar aqui um liceu feminino destinado a preparar alunas para regentes ou auxiliares das escolas da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva.

Doze dias depois, a bênção da própria guia intelectual, publicada em primeira página do referido jornal, daria forças à empreitada de Eunice, a fim de mobilizar a sociedade santista em prol da educação:

D. Eunice Caldas, digna e inteligente diretora do Grupo Escolar de Santos, é quem se propõe a devotar-se resolutamente, afim de (sic) agremiar em Santos distintas e dedicadas senhoras, que trabalhem no intuito de contribuir, a medida de suas forças, para o engrandecimento de nossa pátria. [...] com toda boa vontade dum coração verdadeiramente patriótico, dispõe-se a proporcionar os meios ao seu alcance para que a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de S. Paulo realize um dos seus mais ardentes desejos, que é a fundação de um Liceu Feminino noturno e escolas maternais filiais a sede [...].

Neste documento, Anália solicita o acolhimento dos santistas a Eunice, apelando para sentimentos de benemerência e caridade, e afirma que a diretoria da AFBI delegou a ela “todos os poderes para que [...] encete os trabalhos preliminares”. Ainda, a mesma diretoria se propôs a vir até Santos para organizar as primeiras escolas e Anália enfatiza a convicção de que o povo desta cidade prestaria todo o seu apoio a essa iniciativa.

O documento elaborado pela Diretoria da Associação Feminina Santista (AFS), para comemoração de seus 70 anos, comprova o acolhimento:

[...] D. Eunice conseguiu reunir grande número de senhoras, no Centro Espanhol, e com isso, considerava-se fundada em Santos, sob sua presidência, a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva. Completavam a Diretoria: D. Elisa Sodré Affonseca, vice-presidente; Adelaide Britto, 1ª secretária; Vitalina Caiaffa, 2ª secretária; Ermelinda Carvalho, 1ª tesoureira; Francisca Isolina de Castro, 2ª tesoureira; 1ª auxiliar, Carlota Marques, logo depois substituída por Iracema Presgrave, por motivo de mudança de cidade e 2ª auxiliar, Aglay Assis. Faziam parte do Conselho as senhoras: Guiomar Pereira, Regina Xavier, Leonor Ratto, Zarita Silva, Maria do Carmo, Cândida Marcondes, Maria Alice Proost, Oneida Guayer, Alice de Breyne, Leonor Montenegro, Angela Ratto e Julia Doneux. [...]

Várias senhoras de nossa sociedade ofereceram-se para dar aulas, gratuitamente, entre as quais Iracema Presgrave, Chiquinha Faria, Rosa e Vitalina Caiaffa, Leonor Arruda, Adelaide Britto e Regina Xavier, além da própria D. Eunice. Com isso, possibilitou-se a fundação da 1ª escola maternal no dia 5 de agosto de 1902, denominada “Anália Franco”, homenagem à fundadora da Associação. [...]

Logo depois abria-se outra escola, em dependências da Sociedade Operária, que recebeu o nome de “Júlio Conceição”, homenagem a esse sócio benfeitor por ter fornecido equipamento completo para seu funcionamento. (1972, p. 1)

Em 1º de agosto de 1902, Eunice fora autorizada a utilizar algumas salas do grupo escolar que dirigia para o funcionamento das Escolas Maternais (com algumas manifestações, chamadas *salas de asilo*, que surgiram na França). Sobre o contexto destas escolas, nos diz Moysés Kuhlmann Jr. (2005, p. 69):

Essas instituições educacionais não tiveram o caráter de obrigatoriedade, como a escola primária. Preferencialmente, quanto menor a criança, defendia-se a sua permanência junto à mãe e à família. Mas os procedimentos para a mãe educar os pequenos deveriam respeitar os preceitos elaborados por médicos, legisladores, educadores, religiosos, homens ou mulheres. Essas pessoas se apresentaram como capazes, portanto, de criar e manter instituições que propiciariam modelos para a educação das crianças das classes populares.

Conforme afirma o documento comemorativo da AFS, a cidade de Santos ressentia-se “da falta de professoras que pudessem ensinar nas novas escolas e D. Eunice não vacilou: no mesmo dia (05/08/1902) fundou o Liceu Beneficente para cuidar dessa formação, sendo que

as melhores alunas do curso tornar-se-iam auxiliares, desde logo, nas escolas maternais” (1972, p. 1-2).

As aulas do Liceu Feminino funcionavam à tarde, no G. E. Dr. Cesário Bastos, onde também estava a escola maternal Anália Franco. O trâmite administrativo e burocrático narrado no fictício Instituto Maria Braz muito se aproxima da autêntica documentação da Associação Feminina Santista, bem como a descrição de seu emblema – uma mescla dos logotipos da Associação santista e da AFBI (1912, p. 27):

Eram os Estatutos, Programmas do Instituto e Relatório do anno findo. [...] *Associação Feminina* – Relatório do anno administrativo – 19... 19... Apresentado á Assembleia Geral ordinária em 29 de abril de 19... pela presidente da Directoria D. Virginia Gama, acompanhado do parecer da Commissão de Contas e Relatório apresentado á Directoria pela Directora D. Inezilha Braz. [...] Abaixo via-se um emblema. Figura de uma mulher, com um livro aberto, o olhar fito na vastidão do horizonte e a mão direita pousada sobre a cabeça de uma creança maltrapilha. [...]



Fig. 18 – Emblemas da AFS e da AFBI respectivamente. Extraídos, respectivamente, do documento sobre a licença saúde de Eunice (de 20 de julho de 1904) e do Jornal “A voz maternal” (Arquivo da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva Anália Franco).

Acreditava, esse grupo de senhoras do texto de ficção, que a caridade precisava ser metodizada e planejada para que as crianças não apenas recebessem apoio material, mas também, moral.

As meninas que ingressavam no Instituto Maria Braz (ou na AFBI, por que não?) recebiam, além de um abrigo, vestuário e alimentação. Eram instruídas na educação prática para que criassem independência, aprendendo noções básicas de cálculo, escrita e linguagem. Tinham aulas de prendas domésticas como costura, lavagem de roupas e engomado, com a finalidade de saírem com diplomas para serem prestadoras de serviços domésticos. O Instituto ainda acompanhava a vida profissional da educanda em seus primeiros anos, através de registros regulares, tal quais as associações reais.

O sustento da vida diária da instituição era realizado pelas meninas órfãs e, como renda, além da contribuição mensal dos sócios, recebia donativos, benefícios e o lucro com as vendas dos produtos realizados nas oficinas.

Ao final do ano, em dezembro de 1902, houve uma quermesse com venda de prendas em benefício da AFS. Colaboraram com doações inúmeras mulheres da sociedade santista, demonstrando a simpatia que esta Associação despertava na cidade. Levantou-se generosa quantia nessa quermesse e, curiosamente, no dia seguinte, conforme consta do jornal “A Tribuna”, realizou-se uma assembléia para tratar do desligamento da Associação de São Paulo. De quem teria partido essa iniciativa, não sabemos. Um boato que rondava a escola⁵⁰ dava conta de que a filial santista não estava disposta a enviar os lucros obtidos com a quermesse para a central de São Paulo, a fim de que fosse repartido e novamente remetido a Santos. O documento comemorativo dos 70 anos nos dá conta de que:

As contribuições aqui arrecadas eram enviadas para a S. Paulo e depois não voltavam, criando situações desagradáveis para D. Eunice, com essa falta de recursos. A solução estava na separação. Assim pensou a seção de Santos e em 8 de dezembro de 1902 começou a luta por sua autonomia.

⁵⁰ Entrevista com Déa V. Peckolt.

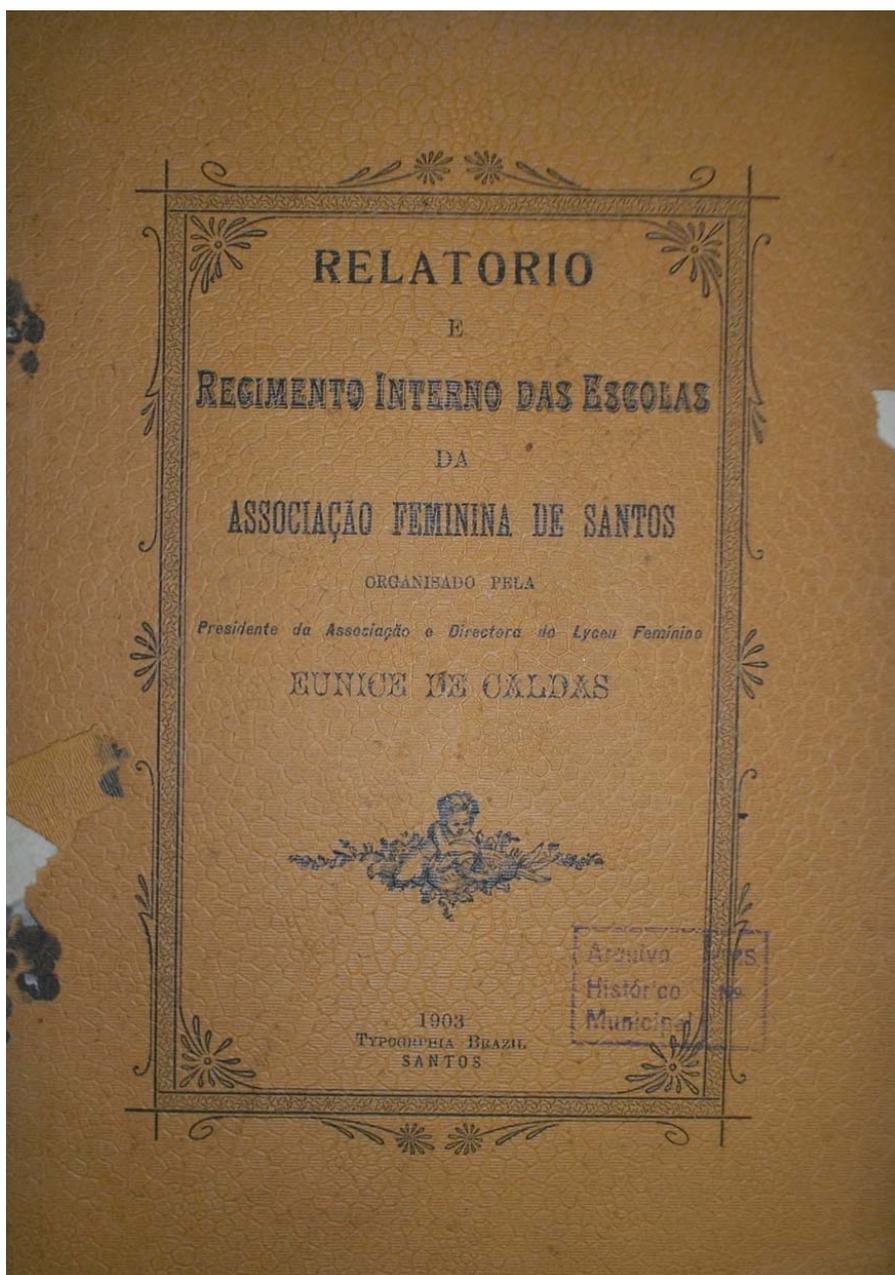


Fig. 19 – Capa do relatório e Regimento Interno das Escolas da AFS. Acervo do Liceu Santista.



S. Paulo, 5 de Fevereiro, de 1903.

Sra. D. Eunice Baldas, Directora da Associação Feminina Benficiente e Instructiva do Estado de S. Paulo, em Santos.

A Directoria da Associação Feminina Benficiente e Instructiva do Estado de S. Paulo tendo visto nos jornaes da Capital um pedido ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Secretario do Interior e Justica para a desligação da succursal de Santos, cuja direcção vos foi confiada por esta Directoria, deseja que mandeis dizer, officialmente, quaes os motivos que vos obrigaram a esse acto.

A 1.^a Secretaria
Elisa de Abreu

Fig. 20 – Documento de desligamento da AFBI de Santos da central paulista. Acervo do Liceu Santista.

Observando o documento (fig. 20), percebe-se que a central de São Paulo não foi notificada oficialmente do pedido de separação e, sim, tomou conhecimento pela imprensa paulista. Iniciou-se aí, um embate público pelos jornais. Conforme crítica do professor Carlos de Escobar, no jornal “A Tribuna” (1903), Eunice seria responsável por essa decisão:

Á senhorita Eunice Caldas deve a Associação Feminina, em Santos, todo o seu esplendor e as suas inevitáveis vitórias. Mas, parece-me, começa a errar a cabeça pensante da Associação Feminina em nossa terra, e daí meu dever de convidá-la á dissolução para salvar de um naufrágio possível a ideia grandiosa de d. Anália Franco.

O professor, que era um dos fundadores do movimento socialista em Santos, vai além e ataca a participação da maçonaria e o seu intuito de se “apoderar da Associação Feminina, como já está fazendo, para opor às escolas fradescas um ensinamento que as exceda e produza resultados práticos.” Condena, inclusive, a religião protestante, berço de nossa educadora, sendo esta responsável pelo cisma e desagregação das Associações.

Anália Franco demonstrou sua gratidão a Carlos de Escobar, em carta publicada no jornal. Eunice se cala. Não existe qualquer manifestação pública de sua parte. Ela desgastou-se a tal ponto, que se retirou de Santos com a saúde abalada, por um mês, interrompendo todas as atividades escolares, segundo o boletim de comemoração.

Em abril de 1903, as aulas no Liceu foram interrompidas, conforme nota do dia 21, em “A Tribuna”:

Atendendo ao péssimo estado financeiro da Associação Feminina, á indiferença dos que estão recebendo os benefícios dessa mesma instituição e ao mau estado de saúde da presidente e diretora do Lyceu Feminino, foi deliberado a interrupção das suas aulas pelo prazo de um mez. A meados de maio haverá a reabertura das aulas do Lyceu e escolas maternas, sendo previamente avisadas as alunas dessas escolas.

As senhoras benfeitoras não desanimaram e encarregaram uma comissão de sócios, composta por homens importantes na vida pública da cidade: Dr. Miguel Presgrave, Adolfo Porchat de Assis, Vicente de Carvalho, Luiz Moretz-sohn, Adolfo Millon e João Vicente

Marcondes (notando-se aí a semelhança de alguns sobrenomes das senhoras da Diretoria inicial), de elaborar os novos estatutos (cf. anexo 4). Uma comissão masculina responsável pela regularização de uma instituição feminina, reforçando a tese de que o homem seria o redentor da mulher nesse período.

No dia 7 de junho de 1903, em Assembléia Geral, foram aprovados os estatutos, “fundando-se a Associação Feminina Santista, com a finalidade de proporcionar educação gratuita à criança e à mulher, e mais especialmente, como mantenedora do Liceu e das escolas maternais, além de uma Biblioteca para uso das alunas, dos professores e das sócias” (1972, p. 2).

Assim sendo, em 16 de junho do mesmo ano, uma reportagem sobre a festa para a posse da nova diretoria da Associação foi publicada em “A Tribuna”:

Não tendo comparecido o orador oficial, pediu a palavra, após a posse da nova diretoria, a diretora geral de instrução, d. Eunice Caldas, que num brilhantíssimo improviso soube arrancar entusiásticos aplausos do seletor auditório que a ouvia. Nessa peroração brilhante, a distinta moça manifestou mais uma vez a superioridade da mulher em qualquer condição da vida social.

[...] Terminamos esta notícia afirmando que Santos orgulha-se de possuir em d. Eunice Caldas um espírito verdadeiramente educado, espírito forte, que tem sabido e saberá transpor os maiores obstáculos para conseguir a realização do seu ideal - o progresso da instrução.

O que se passou entre as duas educadoras Eunice e Anália? Os reais motivos dessa ruptura ainda não foram esclarecidos. Entretanto, restou-nos dessa propedêutica união de ideais, um Manual para Escolas Maternais⁵¹, elaborado por Eunice e Anália em 1902, no intuito de uniformizar o ensino dessas escolas e guiar a conduta das professoras em todas as unidades da AFBI. Segundo Eliane Oliveira (2007, p. 88):

Ao se preparar para atuar nas Escolas Maternais, as futuras professoras cursavam as seguintes disciplinas: Português, Aritmética, Noções de Geografia, Pedagogia e Moral, Desenho, História do Brasil, elementos de História Natural e Francês, Geometria, Ginástica e Trabalhos Manuais. Os

⁵¹ O volume analisado foi o único encontrado, referindo-se ao primeiro trimestre de 1902. Não sabemos se os subsequentes foram publicados.

exercícios práticos eram feitos nas escolas da Associação e para se habilitarem prestavam exame diante de uma banca examinadora composta de presidente e de dois membros. As aulas do Liceu eram dadas por professoras diplomadas pela Escola Normal da Praça.

O ecletismo de métodos pedagógicos tão difundidos pelos educadores na Primeira República é notadamente destacado no prefácio elaborado por Anália (1902):

Não seguimos com rigor nenhum dos methodos que se fundam sobre um systema exclusivo e artificial. Pelo contrário colhemos dos melhores methodos, os exercícios mais simples e formamos com o auxilio destes diversos elementos em conjuncto mais ou menos apropriado às necessidades da creança, pondo em jogo todas as suas faculdades.

Percebemos que as escolas maternas da AFBI estavam divididas em primeira e segunda séries, sendo aquela dirigida às crianças até cinco anos e esta até sete anos. Os saberes destinados às crianças estavam organizados desta forma:

Primeira série	Segunda série
Primeiros princípios de educação moral	Moral
Exercícios de linguagem	Exercício de escrita
Números	Números
Cores primárias e secundárias	Desenho
Trabalho manual	Geografia
Cantos	História do Brasil
Jogos e evoluções no pátio do recreio	Lições de coisas
	Gramática
	Geometria
	Trabalho manual
	Cores
	Cantos/breves hinos
	Ginástica/jogos
	Marchas e evoluções fáceis

Tabela 2 - Quadro de disciplinas para as séries maternas da AFBI de São Paulo. Elaborada por Melissa M. S. Caputo com base nas informações do Manual para Escolas Maternas.

Nota-se que o volume de atividades aumenta para as crianças de seis e sete anos, incluindo-se então a famosa influência das “lições de coisas”. Sobre essa nova concepção de ensinar, Diana Vidal (2005, p. 151) atenta para o principal divulgador do método no Brasil, Rui Barbosa:

Elaborados em 1882, os “Pareceres” sobre a reforma do ensino primário criticavam a concepção das lições de coisas, veiculada pela legislação em

análise, como um “assunto especial no plano de estudos” argumentava Rui Barbosa que, por se tratar de um verdadeiro método, as lições precisavam abranger o ensino de todas as matérias. Não deviam, assim, ter lugar exclusivo no horário, mas ser o processo geral que informava a organização das disciplinas de instrução elementar.

Rui Barbosa traduziu para o português a obra “Primary Object Lessons” de Allison Norman Calkins, elogiado por Ferdinand Buisson no relatório sobre a seção de educação da Exposição Internacional de Filadélfia, publicado em Paris, no ano de 1878 (SCHELBAUER, 2005).

No caso do nosso Manual, as lições de coisas aparecem à parte, em forma de diálogos curiosos de crianças para com a professora, sobre o café, o vinho, a folha, por exemplo. Talvez Eunice e Anália não tivessem se familiarizado de todo com o propósito de Rui Barbosa, mas esforçavam-se para acompanhar a modernidade dos métodos pedagógicos emergentes. Ainda, segundo Eliane Oliveira (2007, p. 90):

A orientação do *Manual para as Escolas Maternaes*, quanto aos exercícios de linguagem para crianças, era para que fossem feitos oralmente, a considerar que os alunos das classes infantis não eram habilitados ainda a escrever. Sugeria-se que as conversações fossem sobre seres e objetos úteis ao universo da criança e que atraíssem a sua atenção. A realização de pequenos exercícios de memória, contos, fábulas, narrações e questionários também eram propostos. [...] Conhecimento de cores, de gêneros, natureza dos corpos, conversação, lições de botânica e de zoologia também estavam previstos no *Manual*, sem prescindir da educação moral, por meio de historietas contadas e seguidas de questionários, com o intuito de tirar das crianças o sentido e verificar se elas haviam compreendido. Para as crianças até 7 anos, previa-se exercícios de escrita, avançando da letra, passando pelos ditongos e chegando, por fim, às palavras curtas.

Fazia parte dos planos da Associação santista que as alunas formadas pelo Liceu Feminino lecionassem nessas Escolas Maternais. Sendo assim, em 02 de agosto de 1902, “A Tribuna” anuncia a convocação para as matrículas do Liceu, de jovens acima de 12 anos, e divulga a programação das aulas para o primeiro de três anos de curso:

1º ANO			
<i>Disciplinas</i>	<i>Professoras</i>	<i>Dias da semana</i>	<i>Horários</i>
Português	Iracema Pesgrave	segundas e sextas	15h30 às 16h30
Francês	Francisca de Faria	terças e sábados	15h30 às 16h30
Aritmética	Maria Rosa Caiaffa	quartas	15h30 às 16h30
Geometria	Adelaide Brito	quintas	15h30 às 16h30
Desenho	Vitalina Caiaffa	segundas	16h30 às 17h30
História Natural	Leonor Arruda	terças	16h30 às 17h30
Geografia	Eunice Caldas	quartas	16h30 às 17h30
Artimética	Maria Rosa Caiaffa	quintas	16h30 às 17h30
História do Brasil	Eunice Caldas	sextas	16h30 às 17h30
Costura	Regina Xavier	sábados	16h30 às 17h30
2º ANO			
Para o segundo ano, constam as seguintes matérias: francês, português, geografia, aritmética, história natural, desenho, geometria, costura, pedagogia, moral, história universal e educação cívica.			
3º ANO			
Para o terceiro ano: pedagogia, ginástica, educação doméstica, moral, desenho, história natural, prática.			

Tabela 3 - Quadro de disciplinas e horários da Associação Feminina Santista – 1902.
Elaborada por Melissa Mendes Serrão Caputo.

A educadora Eunice não estava de todo desamparada. Podemos concluir que os irmãos mais velhos colaboraram para o início da Associação. De um lado Iracema, que lecionava português, e de outro, Vital Brazil que intermediou a compra de parte do material pedagógico. Ainda, segundo Maria Aparecida Pereira (1996, p. 51):

Na Associação Feminina Santista, mantenedora dessas escolas, militam mulheres da sociedade, assessoradas pelos seus maridos, que são engenheiros, médicos, bacharéis em Direito, comerciantes de café.

É importante mencionar também que o movimento maçônico em Santos colaborou com a iniciativa de Eunice. Em 24 de outubro de 1902, ela solicitou a utilização de uma sala pertencente à Loja Maçônica Braz Cubas (cf. anexo 3), ao qual foi atendida, posto que, nas palavras do signatário Pompílio dos Santos, “o intuito da generosa Associação” era o mesmo da Maçonaria. Conforme resposta de 12 de novembro:

Cumpre-me pois, advertir-vos que podeis contar com todo apoio possível de minha Loja que embora não podendo fazer actualmente outra coisa pela vossa nobre instituição, concede-lhe a sala da R. Itororó n. 1, onde funciona a sua Escola, afim de que também, durante o dia possam nella funcionar as aulas da Associação Feminina.

Acompanhando a compilação de artigos do jornal “A Tribuna”, elaborada por Durwal Ferreira (um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Santos) pode-se perceber o franco progresso da Associação. O número inicial de matrículas para o Liceu era de 55 alunas. Além das duas escolas maternas “Anália Franco” e “Júlio Conceição”, estava prevista a criação de mais duas escolas “Almeida Moraes” e dos “Operários”. Em tempo, concomitante ao Curso para Professoras, o Liceu planejou o Curso de Industriais com formação de dois anos, que garantia uma colocação no mercado profissional; mas que não funcionou.



Fig. 21 - Corpo Docente do Liceu Feminino Santista (1903 ou 1904). Na primeira fila: Soter de Araújo, Adelaide Britto, Eunice Caldas, Vitalina Caiaffa e Adolfo Porchat de Assis. Na segunda fila: Moura Ribeiro, Olyntho Dantas, Alfredo Tabyra, Victor Delamare e Oscar Ferreira. Na terceira, Patrício Soares, Antenor Campos Moura e Prof. Magalhães. Acervo do Liceu Santista.

Eunice já sofria com sua saúde, como vimos no episódio da separação das Associações. Não sabemos que tipo de problemas enfrentava até então. Em 20 de julho de 1904, através de documento à Associação Feminina Santista, ela pede afastamento para tratar da saúde. Três meses depois, em 13 de outubro, em documento solicita desligamento da AFS, no qual expõe suas razões:

Ennas Paz
X. - Im. 1

Na impossibilidade de continuar a acumular os cargos de Directora Geral da Associação Feminina e Directora do Grupo Escolar "Dr. Cezario Bastos" sou forçada a optar pelo, que me é rendoso unicamente pelas necessidades materiais da existência. Ambas inspiram-me interesse pela identidade de fins. A "Instrução Popular" embora com pesar, abandonei a primeira que representa o início de concretização de ideias que me animaram e imaginava como verdor dos annos. Apesar de eu brás mãos depor hoje a direcção dessas instituições por mim fundadas e occupadas por espaços de 3 annos, não as deixo sem magoa, e commovida imploro ao destino caprichoso um futuro de glórias, a sociedade feminina em Santos.

Saudes e Fraternidade
A Ennas Paz D. Directora da A. Feminina
X. - Im. 1

A Directora Geral
Eunice Baldas

Fig. 22 - Documento de desligamento de Eunice da AFS. 13 de outubro de 1904. Acervo do Liceu Santista.

D. Adelaide Britto, secretária da Associação, afasta-se também da mesma sob a seguinte alegação, em documento datado do mesmo dia:

Sabendo a Digna Directora da Associação Feminina a união de ideais que existe entre mim e a Directora Geral, hoje desligada desta benemérita instituição, não pode absolutamente esperar que continue eu a prestar o meu concurso por ter sido elle até hoje um sacrifício á que me obrigava mais o sentimento de união e affecto - que a illusão de aspirações bem compensadas.

Considero-me pois, exonerada e junto a essa exoneração o mais ardente voto de progresso á Associação Feminina (cf. anexo 2).

Adelaide era professora também no Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos.

Não sabemos que mágoas teriam feito Eunice desistir de um projeto tão grandioso e que mormente conseguiu trilhar seu caminho até os dias atuais, embora tenha se segregado da matriz paulistana. O prontuário médico do Pinel afirma que Eunice, em Santos, “sempre se distinguiu, multiplicando sua actividade. Fundou uma sociedade beneficente [...] por uma futilidade, desgostou-se e pediu remoção para Araras.” Quem seriam as pessoas a julgar a futilidade por trás dessa decisão? Que motivos, além do acúmulo de cargos e trabalho, teriam levado Eunice a se afastar da Associação?

É significativa a correspondência do acervo do Liceu Santista, que nos aponta os convites recebidos por Eunice para participar das assembléias, ao que educadamente recusava. Não deixou de doar livros nem de contribuir com a Associação trimestralmente. Um dado curioso é que no exemplar do seu livro “Brazil”, que consta da biblioteca do atual Liceu, existe uma colagem substituindo o nome de nossa autora pelo da Associação Feminina Santista e, na lombada, está perfeitamente rasgado o local com o nome dela...

De qualquer forma, a semeadora da instrução feminina em Santos não foi olvidada por sua Associação, mesmo tendo pouco tempo ali permanecido. Quando da morte de Eunice, em 31 de julho de 1967, a AFS fez questão de lembrá-la.



Fig. 23 – Nota de falecimento de Eunice. Publicada no jornal “A Tribuna” em 31 de agosto de 1967.

Eunice faleceu no Sanatório Bela Vista, na capital paulista, onde esteve internada desde o fechamento do Pinel de Pirituba, em 1944. Seu atestado de óbito apontou três causas: broncopneumonia, caquexia e esquizofrenia “em novidade”. Nenhuma menção ao seu nome no jazigo familiar do Cemitério da Consolação, em São Paulo. A administração do local confirmou-nos seu sepultamento, através do livro de registros, na r. 29 n. 4, a última morada da família Dr. Oscar Americano de Caldas, onde também estão a mãe de Eunice e a primeira esposa de Vital Brasil, cujos

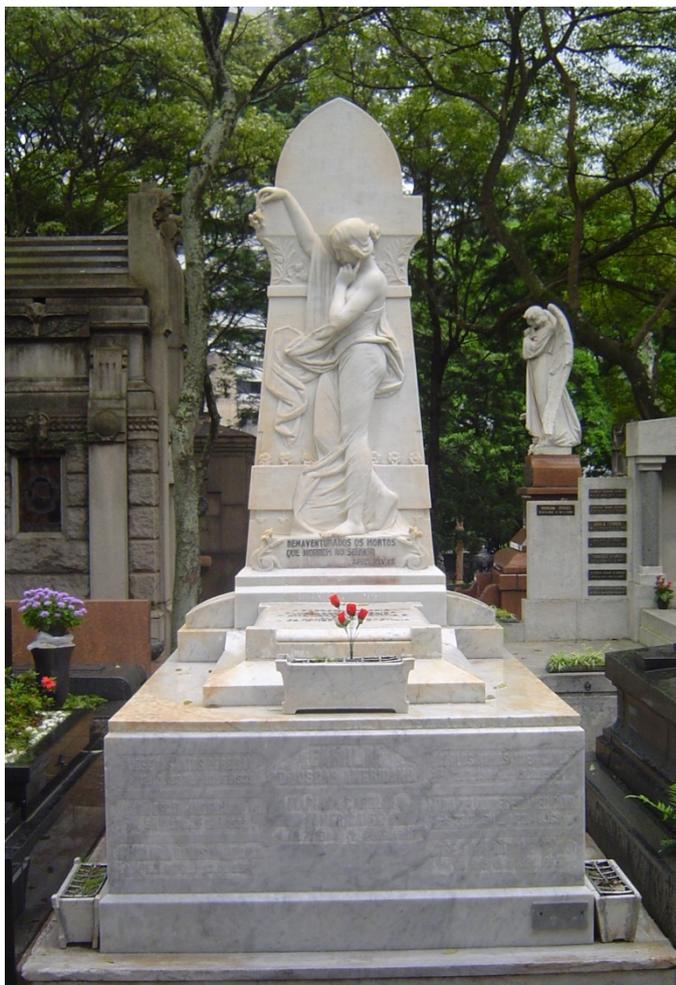


Fig. 24 – Jazigo da família de Oscar Americano. Foto tirada em 20 de janeiro de 2007.

nomes aparecem na horizontal. Observa-se à esquerda os nomes de José Manoel (o pai), Oscar Americano e Ermelinda R. Americano. No centro, o título do jazigo “Família Dr. Oscar Americano” e logo abaixo, Mariana Carolina Americano. À direita, Carlos R. Americano, Maria de Lourdes E. Americano e José Eduardo Americano. Neste cemitério também foram sepultadas Anna Galheto e Maria da Cunha, separadamente.

Eunice era uma mulher do seu tempo, que rompeu com a barreira do silêncio, conforme outras mulheres, escritoras e professoras,

o que confirma o magistério como um importante espaço para a atuação social e política em direção à conquista de seus direitos como cidadã, apesar de seu caráter de missão da mulher. (REIS, 1993, p. 54)

Como nossa professora publicava livros sobre educação, dentre outros gêneros, podemos supor que essa foi uma das vias por ela encontrada de se firmar enquanto sujeito histórico de uma época. Segundo Clarice Nunes (2007, p. 407):

apesar de o magistério não ter se constituído em uma opção deliberadamente emancipadora, algumas professoras que ingressaram nesse exército foram capazes de criticar ou atuar contra os modelos de gênero hegemônicos transmitidos pelas instituições educativas, de ter acesso ao conhecimento e às novas oportunidades de trabalho num mercado cada vez mais complexo, de forjarem uma vida intelectual, de ganharem prestígio e visibilidade, de comprometerem-se não com um domínio profissional ou privado, mas com um mundo público e uma linguagem pública.

É desta linguagem pública, uma outra via que Eunice encontrou para militar na educação, que trataremos no capítulo seguinte: as obras literárias e pedagógicas.

Capítulo II

Literatura e educação: vozes femininas na Primeira República

*O poeta confina com o filósofo.
Ambos são criadores; enquanto um cria a beleza a partir do cotidiano,
o outro revela, descobre o arcano, busca a verdade, tange as profundezas.
Ambos estão nas fronteiras do mistério.*

Waldemar Valle Martins

1. AS MULHERES DE LETRAS E O “ESPÍRITO FEMININO”

Para compreendermos o engendramento de Eunice Caldas enquanto professora e escritora nesse contexto da “República das Letras” (ELEUTÉRIO, 2005, p. 95), faz-se necessário um rápido retorno às lutas de reconhecimento da identidade de autoria feminina desde meados do século XIX. As realizações dessas mulheres enquanto escritoras trazem como antecedentes, segundo Heloisa Holanda (1992, p. 67),

as atividades de leitora (presença fundamental dos saraus literários), de produtora, de escritora e de consumidora de imprensa feminina, que circulou de forma surpreendente na segunda metade do século XIX, bem como de organizadoras de salões literários e academias femininas de letras.

Pioneiras na publicação e divulgação de suas obras estão Tereza Margarida da Silva Orta⁵², que editou “Aventuras de Diófanes” em 1752, e Nísia Floresta Brasileira Augusta⁵³, esta última o destaque na manifestação pelos direitos femininos, dedicando um livro especialmente à educação: “Opúsculo Humanitário”. Para Nísia, influenciada pelos ideais positivistas de Augusto Comte, a educação está vinculada a um projeto de realização pessoal da mulher no universo familiar e doméstico (GOTLIB, 2003).

O movimento pela emancipação feminina no Brasil, no século XIX,

foi bastante perspicaz ao apropriar-se do discurso ideológico dominante, que colocou a mulher num pedestal, comparando-a a Virgem Maria, para que encarnasse o papel de mãe e esposa perfeita, conforme determinava a teoria positivista. Usando o discurso das elites para convencer e receber a aprovação social, as mulheres escritoras e combativas invadiram o espaço público e fizeram a revolução dissimulada em favor próprio. (MOREIRA, 2003, p. 2).

É esse pensamento oriundo do Iluminismo europeu, estruturado pelo positivismo de Comte – em que não bastava educar as mulheres, mas sim, todas as mulheres, incluindo as menos favorecidas, como forma de libertá-las da miséria –, que vai influenciar um dos

⁵² Nascida em São Paulo, 1711 ou 1712. Faleceu em Portugal, 1793.

⁵³ Batizada Dionísia Gonçalves Pinto. Rio Grande do Norte, 1810 – França, 1885.

principais veículos para a emancipação feminina: a imprensa. De acordo com esse pensamento, reitera Nazilda Moreira (2003, p. 3):

Elas (as mulheres) só conseguiram desestabilizar o lugar que lhes era destinado, o de cidadãs de segunda classe, após tomarem consciência de si mesmas e de um destino que lhes era imposto, o de esposa e o de mãe, que necessariamente não correspondia aos seus desejos e ambições. Elas queriam ser parceiras do homem, do criador e de seus pares, pois entendiam que eram discriminadas pelo sistema que ora as colocava num plano superior, ora as relegava, marcando assim ambigüidade do comportamento masculino nas relações de gênero [...].

Maria Theresa Bernardes vai além:

A educação dos filhos, para justificar a promoção educacional das mulheres, parece ter sido, por vezes, uma tábua de salvação, para as que aspiravam elevar-se intelectualmente. Cabe perguntar se isso não teria sido um nobre pretexto para disfarçar uma legítima fome de instrução, e que, de outra forma, não seria aceita pela sociedade. (1989, p. 161-162).

A circulação de periódicos feitos por mulheres será um dos pontos abordados por Maria Theresa em sua obra “Mulheres de Ontem?” e teve início no Rio de Janeiro, capital do Império, em 1827, com “O Espelho Diamantino” que, como a maioria da imprensa feminina, mesclava em seu conteúdo temas do universo da mulher – como as questões domésticas, bailes e teatros, modelos de figurinos – com assuntos de caráter político e social, tais como o sufrágio e a lei do divórcio. Outros periódicos seguiram essa linha, como o “Jornal das Senhoras” (1852); todavia, foi somente em 1873 que surgiu a folha carioca assumidamente feminista, “O Sexo Feminino”, com o objetivo de defender a educação da mulher. Seguindo este caminho, a inquieta Josefina Álvares de Azevedo⁵⁴ era proprietária do jornal “A Família”, “dedicado à educação da mãe de família”. Além de buscar a elevação da mulher na sociedade através da educação, Josefina lutava a favor da participação política e do divórcio, considerado um arrojo para a época (ELEUTÉRIO, 2005, p. 57). Escreveu a peça “O voto feminino”, em 1889, publicada no mesmo jornal e encenada um ano depois. A importância da

⁵⁴ Nascida em 05 de março de 1851, não há informação sobre a data de sua morte.

capital do império no mundo das letras era tanta que se tornou local preferido para a publicação de obras literárias mesmo para as autoras que ali não residiam (BERNARDES, 1989).

De 1897 a 1900, veicula-se em São Paulo uma revista literária intitulada “A Mensageira”, fundada pela primeira mulher a fazer parte da Academia Paulista de Letras, Presciliana Duarte de Almeida⁵⁵ que, segundo Oliveira (apud ELEUTÉRIO, 2004, p. 657), foi personalidade fundamental do entresséculos por sua capacidade aglutinadora e que “fez daquela publicação o espaço por excelência da mulher escritora”. Nesse veículo, bem como na “Revista Feminina” (1914-1936), as autoras não se limitaram a escrever em prosa, mas também em versos. Cumpre notar que a escolha do estilo e dos temas (educação, família, voto, divórcio) referentes às mulheres harmoniza com a sua noção de identidade perante a sociedade. Sobre esse meio de comunicação, nos diz Susan Besse (1999, p. 28):

A Revista Feminina é interessante por sua autoproclamada missão de buscar a “emancipação” das mulheres dentro da cultura católica tradicional brasileira. Assim, por um lado, na tentativa de oferecer as suas leitoras modelos alternativos de papéis, as editoras dedicavam espaço considerável para a divulgação e o aplauso ao ativismo social e para as realizações profissionais das mulheres. [...] A revista oferecia espaço para que escritoras famosas ou menos conhecidas publicassem seus trabalhos, estimulando com isso as mulheres a serem produtoras tanto quanto consumidoras dos meios de comunicação. E procurava construir a autoconfiança das mulheres, enfatizando que as questões e problemas relativos a elas constituíam temas sociais importantes que justificavam discussão e ação sérias.

A referida Revista – assim como Eunice –, apoiava declaradamente, em 1926, a candidatura de Washington Luiz para a presidência da República. No entanto, nota-se o caráter contraditório da Revista, provavelmente assim como a condição feminina nesse início de modernidade, pois era palco de protestos e lutas feministas, mas rogava divulgar o papel de mãe de família e o equilíbrio do lar como o principal da vida da mulher (REIS, 1993, p. 33).

⁵⁵ Minas Gerais, 1867 – São Paulo, 1944. Dentre suas publicações estão “Páginas Infantis”, “Sombras” e “Vetiver, poesia de vários tempos”.

Ainda assim, publicava artigos fervorosos como os de Maria Lacerda de Moura e Ana de Castro Osório.

Se a imprensa feminina do século XIX foi o primeiro impulso para que essas mulheres de letras divulgassem sua arte, a partir do entresséculos observa-se um período fértil da publicação de obras de autorias femininas. De acordo com Maria de Lourdes Eleutério (2004, p. 655),

esses vínculos estabelecidos por uma série de publicações formaram uma rede de sustentação que ostentava invariavelmente o mesmo círculo de nomes no qual se destacavam Presciliana Duarte de Almeida, Júlia Lopes de Almeida, Zalina Rolim, Francisca Júlia, e ainda, (a exceção à regra), Anália Franco.

Anália era exceção, pois não era oriunda de família abastada e privilegiada, e sempre deixou claro que sua inserção no meio literário era apenas uma forma de divulgação de suas idéias pedagógicas, conforme o “Álbum das meninas”:

Foi por isso que resolvi fazer uso da imprensa para dar á publicidade esta modesta revista intitulada ‘O Album das Meninas’ expendendo as minhas ideas sobre educação, e procurando traduzir, e mesmo transcrever tudo quanto os espíritos mais esclarecidos teem escrito sobre este assumpto (OLIVEIRA, 2007, p. 64).

Sobre Júlia Lopes⁵⁶, a primeira mulher indicada à Academia Brasileira de Letras, Diana Vidal nos diz:

ora considerada como conservadora, defendendo a supremacia intelectual masculina; ora percebida como feminista, por suas participações públicas em defesa do voto da mulher e por sua posição de destaque junto à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino [...]. (2004, p. 30).

Desse ponto de vista, é possível considerar Eunice Caldas mais conservadora ainda, pois nossa autora não era *suffragette* nem divorcista. Ela não era modelo de boa esposa, tampouco effígie maternal como bem encarnavam Júlia Lopes e Presciliana, mas defendia a mulher como aliada do homem quando afirma, em “Instituto Maria Braz”, que “o homem

⁵⁶ Júlia Lopes de Almeida, nascida em Lisboa, em 1850 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1922. Suas obras mais destacadas são “Contos infantis” em parceria com a irmã, Adelina Lopes Vieira, “O livro das noivas”, “Jornada no meu país” e “Jardim Florido”.

ilustrado nada pode ao lado da mulher inconsciente” (1912, p. 60). De acordo com Miriam Leite (1984, p. 26),

o estado da mulher casada seria adequado para exercer as virtudes domésticas, o que criou o estigma da solteirona e o avesso da prostituta. A solteira louvada era apenas a que se sacrificava pela família ou por uma missão superior.

Premissa esta que consolida a imagem de nossa escritora, solteira, na questão da “missão superior”: a educação.



**Fig. 25 – “Tia Nicinha” ladeada pelas sobrinhas Fileta Presgrave e Vitalina (1910).
Acervo de Rosa Esteves.**

“Escrever é para elas como a extensão da atividade de ser mãe, esposa ou professora, já que o exercício de outras profissões era algo ainda muito distante”, lembra-nos Maria de Lourdes Eleutério (2005, p. 18). A tutela do homem - o redentor da mulher -, fazia-se influente às mulheres instruídas e que ousaram tornar públicos seus escritos. No caso de Eunice, a chancela de um irmão médico prestigiado pela sociedade e de um cunhado engenheiro militante em Santos pode servir de hipótese para alguns pioneirismos em sua

trajetória docente. Tal qual a Associação por ela fundada em Santos, as senhoras da sociedade contavam com a guarida de seus familiares, membros da elite intelectual santista (PEREIRA, 2005).

Mesmo ancoradas sob a bênção masculina, muitas dessas autoras – Francisca Júlia⁵⁷, Júlia Lopes, Presciliana –, dedicavam-se à poesia, tanto quanto à prosa e aos contos infantis. A presença marcante da literatura infantil pode ser entendida pela proximidade entre crianças e mulheres, sejam estas mães, babás, amas de leite, professoras:

A intenção moralizante marca-se fortemente nas primeiras produções brasileiras destinadas ao público infantil. De um lado, apresentam-se contos folclóricos, reescritos; de outro, contos de fadas. Ao final do século XIX, forte é a corrente positivista, que deseja a condução de comportamentos, e a literatura destinada a crianças torna-se excelente veículo para marcar os contornos dos comportamentos desejados. (GENS, 2003, p. 1).

Essa rede de autoras (mães, esposas e professoras), ao se dedicarem à literatura infantil, “mostram preocupações com a formação dos leitores e com o delineamento de uma literatura que atendessem aos não-adultos” (ibid., p. 3).

Parece-nos óbvio perceber que o engendramento da identidade de Eunice não está dissociando as funções de educadora e escritora, incluindo-se aí as atividades de tradutora. A escrita e a publicação nela são, de fato, um prolongamento natural da profissão magistério. Nesse ínterim, a nova responsabilidade feminina perante a família e a formação de cidadãos incitava discussões, criando um aglutinamento dessa elite intelectual de mulheres nas associações e salões. Tais agremiações não eram novidade por aqui, já que nesse período eram fomentados os saraus e encontros literários que, sendo moda em Paris, foram adotados no Brasil,

surgindo em 1905 no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro. Outras iniciativas nesse sentido se fizeram. Jornais, por exemplo, promoviam em suas sedes conferências convidando inclusive mulheres para exporem (ELEUTÉRIO, 2005, p. 27).

⁵⁷ Francisca Júlia da Silva Munster nasceu e faleceu em São Paulo (1871 – 1920). Publicou “Esfinges”, “Alma Infantil” e “Mármore”.

O salão e as reuniões literárias constituem um espaço indispensável para entender o ingresso das escritoras no fechado sistema de produção intelectual, “pois se constituiu num dos lugares privilegiados da sociabilidade das elites de meados do século XIX, estendendo sua influência até as primeiras décadas do século XX” (ibid., p. 26).

As mulheres escritoras associavam-se, como no caso da Legião da Mulher Brasileira, presidida por Júlia Lopes, com o objetivo de amparar e elevar a mulher.

Estas práticas parecem particularmente importantes, na medida em que se desenvolvem de forma híbrida, combinando a reflexão sobre as artes e a literatura com o claro projeto de articulação de redes cujas funções e sentidos são extremamente diversificados, indo da tentativa de realizar uma historiografia própria, de promover uma experimentação dos limites e formas literárias até a de organizar circuitos de divulgação de trabalhos, de solidariedade ou de discussão e protesto sobre a condição feminina (HOLANDA, 1992, p. 67).

Eunice Caldas reflete esse contexto: além das atividades de escritora, criou também o grupo chamado “Espírito feminino”, descrito por ela na contracapa de sua peça teatral, “As moças da moda”, como “associação que tem por fim congregar todas aquelas que se interessam pelo problema social – a educação feminina e os direitos da mulher na sociedade”.

Não sabemos quão longe alcançou o raio de divulgação do “Espírito Feminino”, tampouco quem eram seus membros ou onde se reuniam. Não encontramos em bibliografia alguma, ou em acervos de qualquer espécie, um dado que fosse dessa associação. O que nos comprova sua existência são notas no jornal “A Tribuna”⁵⁸ de Santos, além da contracapa da peça já mencionada. No entanto, a apresentação da referida associação, que se fez no mesmo jornal ao dia 17 de julho de 1916, soluciona algumas questões:

“O Espírito Feminino”

Da senhora Eunice Caldas recebemos um apelo á mulher brasileira que, oportunamente, publicaremos. Esta senhora é presidente da Associação “O Espírito Feminino”, fundada em S. Paulo a 13 de novembro de 1915, com o fim de trabalhar pelo progresso moral e intelectual da mulher brasileira.

⁵⁸ Cf. fig. 4 do primeiro capítulo.

A referida Associação tem um ideal grandioso e deve ser apoiada por todos aquelles que amam a Pátria e prestam á Mulher o culto a que Ella tem direito.

O “Espírito Feminino” se propõe organizar bibliothecas exclusivamente destinadas á mulher brasileira e obedecendo a um fim educativo; a dirigir uma revista cujo objectivo será sempre encorajar a mulher nos seus empreendimentos altruísticos, procurando, tanto quanto possível, aproveitar as energias dispersas em todo o Brasil e tendentes ao mesmo ideal e, finalmente, fundar um collegio modelo em S. Paulo onde a menina brasileira, desde os seis annos de idade, até aos dezesseis, possa encontrar, além de uma instrucção completa e methodica, as boas normas dos deveres sociaes e a seductora amenidade de ler.

Com um tão nobre desideratum a novel instituição encontrará, estamos certos, o mais symphatico acolhimento por parte do povo brasileiro.

Um segundo tentame, pois, por parte de nossa educadora de levar adiante seu ideal de instrucção feminina, o Colégio Eunice Caldas foi criado em 1916⁵⁹ e contou com a ajuda financeira de Anna Galheto. Por que a associação de Eunice foi de tal forma silenciada na história? O que houve por trás da mudança de nomenclatura do Colégio? Nossa pesquisa não pode mostrar, por ora, se houve ou não empenho dos membros dessa associação em divulgá-la, se havia um periódico a respeito, nem a frequência das reuniões. Tampouco, se, por ventura, Eunice teria sido “banida” de sua empreitada ou mesmo se seu colégio foi boicotado pela sociedade paulistana, acaso sua reputação junto à Anna Galheto estivesse sendo questionada.

A questão que nos fica é: qual o lugar de nossa educadora nesse conjunto de mulheres escritoras? O quadro a seguir procura ilustrar a rede de sociabilidade de Eunice.

⁵⁹ Cf. item 2 do primeiro capítulo.

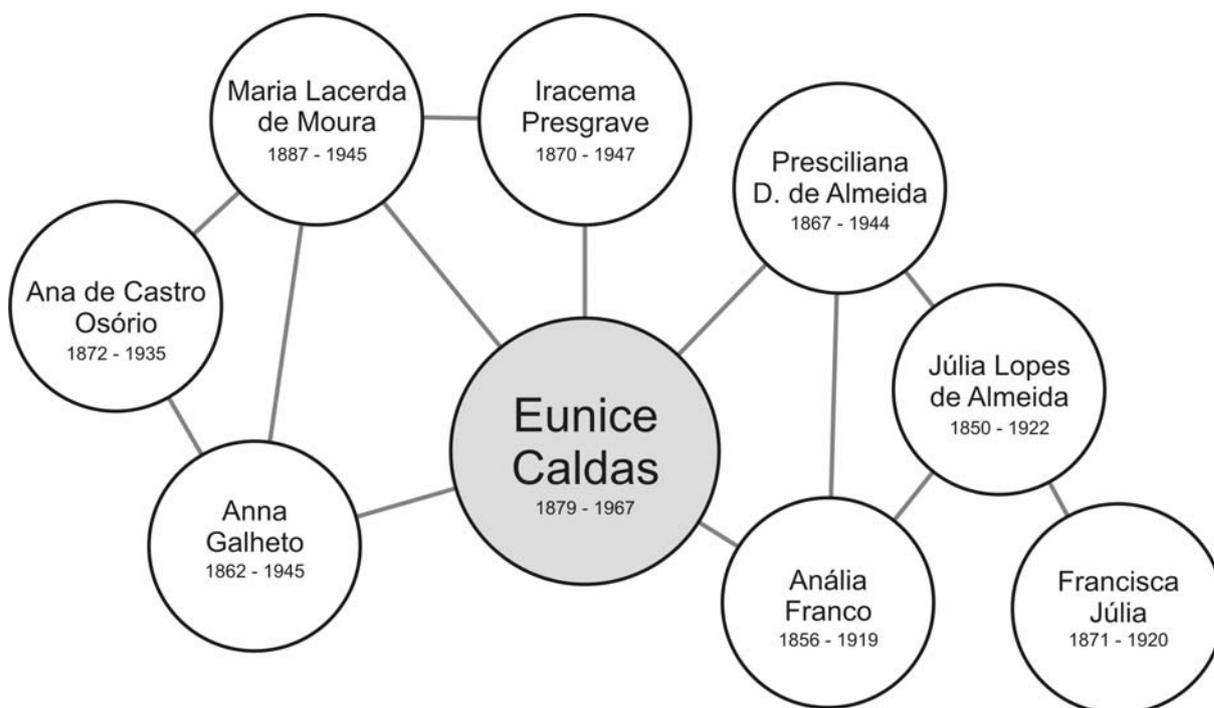


Fig. 26 – Rede de sociabilidade de Eunice Caldas.
Elaborado por Melissa e Fabrício M. S. Caputo.

Percebe-se, nessa rede de sociabilidade, que Eunice relacionava-se tanto com as escritoras feministas militantes, no caso de Maria Lacerda, Ana Osório e Júlia Lopes, como com as moderadas, a exemplo de Anália Franco e Presciliana.

Eunice não era periodista, no entanto, mantinha amizade com Presciliana, conforme carta anexada nas primeiras páginas de **Inezilha Braz**, da qual reproduzimos uma parte:

Boa amiga D. Eunice Caldas

Acabo de passar algumas das horas mais felizes de minha vida: em companhia de um elevado espírito de mulher que sabe pensar e sabe sentir! [...] Felizmente agora ao terminar a proveitosa leitura de *Instituto Maria Braz* o que sinto é quase orgulho... Ha, minha amiga, [...] revelações de grande sensibilidade no seu romancezinho, que, por suas dimensões, me parece antes um conto bem desenvolvido. [...] Dou-lhe os parabens e felicito-me por haver passado algum tempo no doce convívio de uma alma que, ao envez de tantas, *conhece mais o amor do proximo do que o amor proprio*. (grifos da autora)

Receba, com os votos que faço pelo seu bem estar em 914, um abraço e as saudades da

Amiga e admiradora

Presciliana Duarte de Almeida

São Paulo, 30 de dezembro de 1913.

Ainda, nessa correspondência, Presciliana compara Eunice a Gracia Ermelinda da Cunha Mattos, escritora carioca, falecida em 1838, especialista em epigramas, pensamentos e provérbios. Além dessa missiva, outras foram anexadas, elogiando os volumes anteriores da trilogia educativa. Ressalvou Eunice que escolheu algumas por não ser possível transcrever todas. Dentre elas, nomes como Mario Tavares, Cypriano da Rocha Lima⁶⁰ e Isolina de Mendonça Firmino, dos quais não temos qualquer informação. É interessante ressaltar que nossa educadora gozava de prestígio também entre os homens intelectuais e escritores, o que pode demonstrar sua postura branda e comedida com relação ao feminismo.

Ainda temos presente a relação próxima de Anna Galheto e seu vizinho, o poeta Guilherme de Almeida, através dos vários alfarrábios que esta lhe dedicou. Segundo sua neta Anna Glória, o poeta era amigo íntimo de seu pai, o médico Paulo Teixeira de Carvalho, e juntos iniciaram o movimento, no bairro das Perdizes em São Paulo, pela Revolução Constitucionalista de 1932. Experiência esta, da qual ela guarda diversos diplomas e condecorações de participação. Nas proximidades da sua residência na Rua Caiuby, também moravam Monteiro Lobato, Tarsila do Amaral e Menotti Del Picchia, todos amigos de Anna Galheto e de seu genro. Conclui-se, então, que Eunice, ao compartilhar da mesma moradia, conviveu com uma ativa elite intelectual paulista.

As especialistas em literatura feminina e infantil consultadas nesta pesquisa não esbarraram com quaisquer das obras eunicianas por algum acervo literário. Contudo, encontramos publicações na biblioteca do Liceu Feminino Santista (“Brazil”), na Biblioteca Infantil da Escola Normal Caetano de Campos (“A Pequena Sensitiva”), na Biblioteca Mário de Andrade (“Inezilha Braz” e “Brazil”), no Instituto de Estudos Brasileiros – USP (“Inezilha Braz”) e na Biblioteca Nacional (“Paiz Fulgurante”), além de uma referência na biblioteca dos

⁶⁰ Embora nada encontrando sobre Cypriano da Rocha Lima, sabemos que Henrique da Rocha Lima (1879 – 1956) foi um médico sanitarista, patologista e bacteriologista brasileiro. Foi um dos fundadores do Instituto Oswaldo Cruz, onde trabalhou com outros pesquisadores brasileiros famosos, como o próprio Oswaldo Cruz, Adolfo Lutz e Carlos Chagas. Se uma relação de parentesco entre eles fosse descoberta, talvez evidenciasse a hipótese das famílias se conhecerem por conta da atuação de Vital Brazil.

professores do Grupo Escolar “Vila Macuco” de Santos, no início do séc. XX. Um exemplar de “Amphitrite” foi localizado por nós num sebo na Espanha. Adquirido, por gentileza de João Roberto Costa e Silva, compõe agora o nosso acervo. Não estamos, por motivos óbvios, citando as 5 obras do Museu Vital Brazil, além de “Scenas Domésticas” encontrado no acervo de um membro da família.

Teria restado apenas a figura do mito, que ela ecoou em Santos e no Liceu Santista – por ter criado uma escola pioneira – e tornou-se conhecida apenas nesta cidade na qual tão pouco tempo permaneceu?

2. “ESTES SECRETOS HINÁRIOS DE MINHA ALMA”

Eunice usou o discurso da arte para advogar em favor da elevação cultural da mulher – embora não levantasse publicamente a bandeira feminista – e compartilhou de um renomado grupo de mulheres escritoras. Conforme atesta o prefácio de sua publicação “Brasil” (1926), por Anna de Villalobos Galheto:

É certo que a Educadora, tendo preparado o seu espírito, a sua alma, a sua personalidade enfim, durante as árduas lides do ensino, nos aparece agora, com um cabedal muito maior como Escritora, pois, é do domínio de todos que se instruíram e acompanharam a evolução da literatura, em todos os tempos, que os maiores escritores foram primeiro educadores: como Spencer, Fenelon, Milton, J.J. Rousseau [...] e muitos outros que dignificaram e honraram a sua Pátria. Portanto, Eunice Caldas, honra também a sua [...] para que lá fora, se não diga que no Brasil, a mulher não evoluiu [...] em instruir-se, assemelhando-se ao menos às mulheres de outros países [...].

Podemos, a partir disso, inferir o protagonismo intelectual de Eunice na Literatura, através da sua vida profissional e enquanto escritora. Por intelectual, entendemos o tipo tradicional⁶¹ na visão gramsciana, enquanto defensora e guardiã da cultura, assumindo a tarefa de frear a barbárie (MAXIMO, 2000, p. 37-40) e de tornar-se guia do conhecimento. Contrapondo as duas categorias, para a Eunice tradicional, eis a contemporânea Maria Lacerda de Moura como orgânica, já que teve atuante participação política, fosse ao lado dos anarquistas, fosse lutando contra o fascismo. Em nenhuma das obras eunicianas localizadas existe abertamente o seu apoio à participação política da mulher, tampouco, como já foi dito, ao voto feminino.

O conjunto da obra de Eunice Caldas surgiu nesse contexto de extrema valorização da educação e de ampliação dos direitos femininos. Com certa habilidade notória para a escrita,

⁶¹ Antonio Gramsci categorizou dois tipos de intelectuais: o orgânico, aquele que procura dar consciência política e social às classes populares, proletárias e dela emerge; e o intelectual tradicional, que não admite uma forma de educação ou de cultura advinda das massas, em que a elite é um pequeno grupo capaz de guiar essa massa aos seus objetivos (GRAMSCI, 1982). Não nos interessa, neste momento, aprofundar as questões de poder e de autonomia dos intelectuais

nossa autora não se limitou a um único gênero literário. Poesias, contos, romances históricos, peças teatrais e novelas educativas compõem o retrato de sua polivalência na arte de escrever e também de traduzir e adaptar. Lamentavelmente, não nos foi possível localizar todas as publicações e prováveis manuscritos, entretanto, podemos dividir o legado euniciano em dois grupos – as obras publicadas e as inéditas⁶², nos quadros a seguir:

Obras publicadas	Ano de edição	Gênero e informações	Editora
Manual para Escolas Maternais ⁶³	1902	manual didático	Gráfica da Ass. Feminina Benéf. e Instrutiva - SP
Scenas domesticas	1907	início da trilogia sobre educação no lar	Escolas Profissionaes Salesianas - SP
Instituto Maria Braz	1912	segundo livro da trilogia	SW - Berlim
Inezilha Braz	1914	terceira parte da trilogia	Pocai Weiss & C. - SP
As moças da moda	1915	peça teatral	Pocai Weiss & C. - SP
O melhor meio de divulgar o ensino no país	1921	monografia	[?]
A pequena Sensitiva	1921	livro infantil	Off. Graphics Monteiro Lobato & CO. - SP
Amphitrite	1924	antologia poética	Typ. Paulista - SP
Paiz Fulgurante	1925	contos e poemas	Paulo, Pongetti & Cia. - SP
Brasil	1926	livro de História	Livraria da Liberdade - SP
A Cigarra e a Formiga	[?]	teatro	[?]
A Esmola	[?]	teatro	[?]
A Gata Borracheira	[?]	teatro	[?]
Geografia Infantil	[?]	livro didático	[?]
O Jardim Celestial	[?]	teatro	[?]

**Tabela 4 - Obras publicadas (as localizadas encontram-se em negrito).
Elaborada por Melissa Mendes Serrão Caputo.**

²⁷ Tais obras encontram-se relacionadas e classificadas no verso da página de rosto do livro “Brasil”.

⁶³ Em co-autoria com Anália Franco Bastos.

Título das obras inéditas	Gênero
O Enigma	romance psicológico
Espinhos e rosas	poesia
O manuscrito de Maria	Possível 4ª parte sobre educação no lar
Pátria	teatro
A psicologia do lar	novela educativa
Ressurreição	poesia francesa
Sobre o Atlântico	novela histórica

Tabela 5 - Obras inéditas.
Elaborada por Melissa Mendes Serrão Caputo.

A literatura infanto-juvenil parecia ser o foco principal de Eunice, se é que podemos usar tal denominação, pois os jovens do início do século XX praticamente passavam da infância para a idade adulta; as mulheres, principalmente, através do casamento.

O conceito de literatura era

nessa época, bem mais amplo do que é hoje, restrito às obras de poesia e ficção. Portanto, o conceito de literatura infantil não poderia ser diferente, também era amplo e, se havia diferenças entre as composições literárias, morais, patrióticas, escolares, os limites eram tênues. (RAZZINI, 2008, p. 4).

Percebe-se que essa literatura infantil não era despreziosa, porém, tinha relação direta com a função de educar e moldar o caráter. Para Clarice Caldin (2008, p. 1), “pode-se pensar que os textos para crianças pertencem tanto à literatura quanto à pedagogia, pois eles provocam emoções e servem de instrumento educativo”. Nesse contexto, os livros infantis passaram a protagonizar o cotidiano educativo das crianças. Como nos conta Ana Chrystina Mignot (2002, p. 218), o livro enquanto

Objeto de estudo, troca, sociabilidade, deixava de ser o centro da atividade pedagógica para servir como instrumento de trabalho, pesquisa, atividade. As bibliotecas por sua vez, “*índice expressivo de um povo*” (grifo da autora), como definia Venâncio Filho, desempenhavam papel fundamental numa concepção de educação onde à escola não cabia apenas ensinar, instruir. Sua tarefa era mais ambiciosa e irrealizável solitariamente: formar o homem

novo - modelando sua personalidade individual às necessidades coletivas - contribuindo para a formação de um mundo novo, de um país moderno.

Permeando a função pedagógica dos contos e romances infantis, a baliza cronológica da produção euniciiana – 1907 a 1926 – abrangeu o período de difusão da Escola Nova no Brasil inspirada principalmente no ideário da Escola Progressiva do filósofo e pedagogo americano John Dewey. A Escola Nova ganhou força especialmente nos anos 1920 (reformas estaduais de ensino) e uma de suas coordenadas girava em torno do método de ensino: era a nova escola moderna, de ensino ativo, prático e concreto, *versus* a escola livresca, do ensino por informação, memorização e repetição (VIDAL, 1999, p. 336).

Foi a realização de intercâmbios, conferências e viagens pedagógicas – haja vista a comitiva da ABE da qual Eunice fez parte – que também contribuiu para a difusão do escolanovismo já desenvolvida pela legislação estadual e pela literatura dos educadores escolanovistas no país, mola propulsora da ampliação dos grupos escolares e, com eles, um locus especial para as bibliotecas pedagógicas, destinadas aos professores dos grupos escolares. Era da práxis da época que os livros infantis ficassem perto das crianças, nas salas de aula, embora “a idéia de se constituir bibliotecas nas escolas públicas primárias fosse bem anterior às ações da década de 1930, dos então chamados renovadores da educação” (RAZZINI, 2008, p. 1). Ainda, conforme Márcia Razzini, embora a implantação das bibliotecas infantis no espaço do Grupo Escolar já estivesse incluída na legislação desde 1904, a primeira iniciativa nesse sentido aconteceria em 1925, com a inauguração da primeira biblioteca pública infantil do país, destinada aos alunos do curso primário da Escola-Modelo Caetano de Campos.

Dentre os quinze livros publicados, nove foram encontrados – conforme grifo no quadro - e, nesta primeira parte, nos debruçaremos sobre os quatro últimos volumes datados, deixando as obras sobre educação para serem analisadas no terceiro capítulo. Cumpre notar,

ainda, que os livros de Eunice foram publicados por editores conhecidos do período, ressaltando-se a gráfica de Monteiro Lobato⁶⁴. Não sabemos se as obras inéditas eram apenas alfarrábios manuscritos, se já constavam do rol da editora para publicação ou se estavam somente esboçadas na imaginação de Eunice. Apesar de não constar, nos livros encontrados, a edição pela Livraria Francisco Alves, expoente das gráficas do período, a trilogia educativa aparece, no verso da página de rosto, com uma indicação logo abaixo: “À venda na Livraria Alves”, nome pelo qual era conhecida a famosa editora (BRAGANÇA, 1999, p. 453).

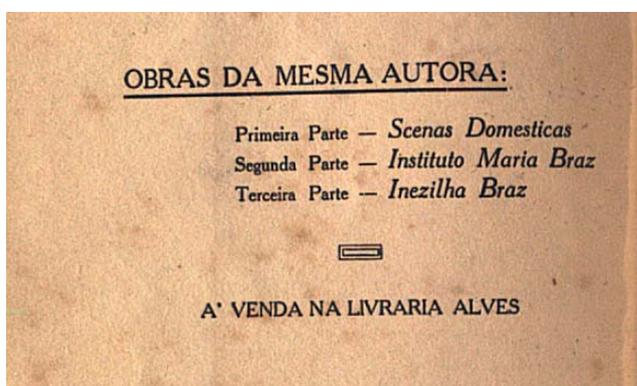


Fig. 27 – Destaque do verso da página de rosto de “*Inezilha Braz*”.

As editoras aproveitaram o momento para publicar livros didáticos e, ancoradas nas indicações de leituras suplementares e auxiliares das escolas, aqueceram a publicação da literatura infantil. Para as mulheres, um novo campo profissional e mais uma

oportunidade de independência financeira poderiam ser abraçados, assim como o magistério.

A preocupação com a educação foi o principal fio condutor do legado euniciano. Além da trilogia pedagógica publicada (**Scenas Domesticas**, **Instituto Maria Braz** e **Inezilha Braz**) e os inéditos **O manuscrito de Maria** e **A psicologia do lar**, nossa escritora concorreu com uma monografia no concurso “Francisco Alves” da Academia Brasileira de Letras, em 1921. O mote desse evento foi “o melhor modo de divulgar o ensino primário no Brasil” e dele participaram 16 candidatas. Eunice não foi contemplada, mas publicou um livro com o título de **O melhor modo de divulgar o ensino primário no país**. O primeiro lugar destinou-se a Júlio Nogueira, com “A difusão do ensino primário no Brasil”. Ainda, receberam

⁶⁴ Rosa Esteves informou-nos de que seu avô Augusto Esteves (casado com Alvarina Brazil, sobrinha de Eunice), era ilustrador e desenhista, tendo recebido, por volta dos anos 30, visita de Monteiro Lobato à sua exposição de pinturas.

menções honrosas: Achilles Lisboa ("O melhor modo de divulgar o ensino primário no Brasil"), Oswaldo Orico ("O fio de Ariadne") e Marques Pinheiro ("Contra o analfabetismo"). Esse concurso estava no contexto republicano de intensas campanhas contra o analfabetismo no Brasil. Segundo Soares e Galvão (2005, p. 262-263)

Ao lado de associações que congregavam intelectuais, vários estados, muitos dos quais administrados na área educacional pelos “renovadores”, tomaram iniciativas diversas em relação à questão, na medida em que gozavam de autonomia para implantarem seus próprios sistemas de ensino. [...] No interior das diversas “ligas” que se organizaram nesse período, foi fundada, no Clube Militar do Rio de Janeiro, por exemplo, em 1915, a Liga Brasileira contra o Analfabetismo, que, como afirmam seus Estatutos, pretendia se caracterizar como um “movimento vigoroso e tenaz contra a ignorância visando a estabilidade e a grandeza das instituições republicanas” (apud Paiva, 1983, p. 96-97).

A monografia de Eunice teve repercussão na imprensa, posto que algumas notas de jornais (“O Commercio de Santos”, “O Combate” e “A Gazeta”) e cartas acusando o recebimento, além de elogiar a arte de Eunice, aparecem publicadas nas páginas finais de **Paiz Fulgurante**.

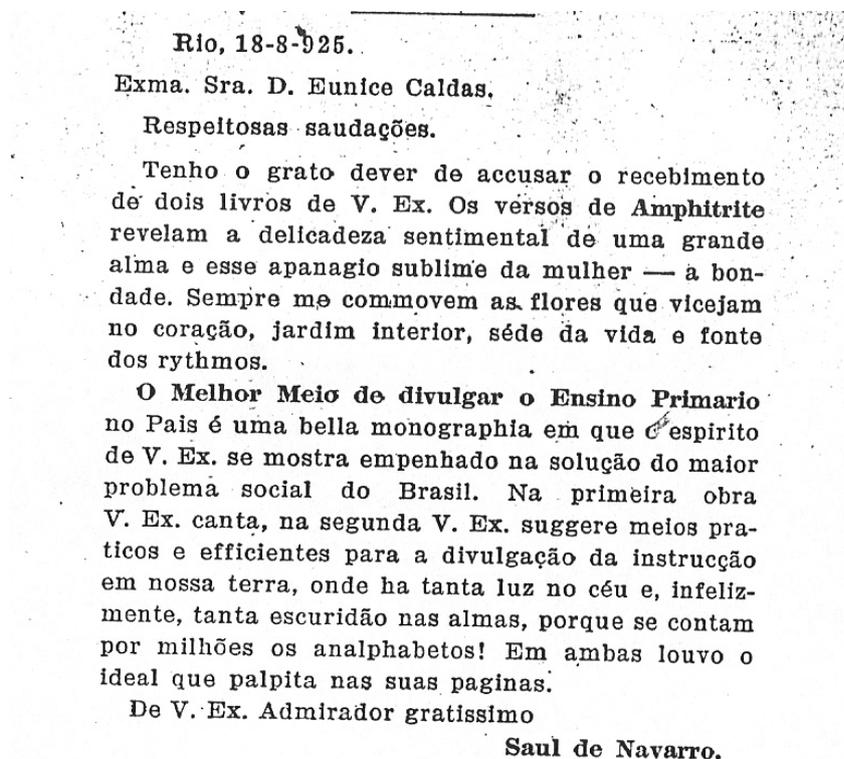
Do jornal “O Combate”, temos:

“O melhor meio de divulgar o ensino primario no paiz” -
Monographia por Eunice Caldas - S. Paulo, 1923.

D. Eunice Caldas, professora, alma idealista completamente votada á difusão de um pensamento emancipador, tem o seu publico e sinceros admiradores. Neste momento a incançavel garimpeira de almas acaba de publicar a monographia com que, certamente, concorreu ao premio da Academia Brasileira de Letras, nobre iniciativa do velho livreiro Francisco Alves e que visa acertar as primeiras luzes da instrucção em todo o nosso territorio.

Da rapida leitura que fizemos do trabalho de D. Eunice Caldas ficou-nos uma agradável impressão, uma forte symphatia por essa senhora que, numa epoca frivola como a nossa, encontra emulação em seus ideaes para se dedicar a um problema grandioso como seja a alphabetisação do Brasil.

Do escritor capixaba Álvaro Henrique Moreira de Sousa⁶⁵ (pseudônimo Saul de Navarro), destacamos a correspondência:



Rio, 18-8-1925.

Exma. Sra. D. Eunice Caldas.

Respeitosas saudações.

Tenho o grato dever de accusar o recebimento de dois livros de V. Ex. Os versos de *Amphitrite* revelam a delicadeza sentimental de uma grande alma e esse apanagio sublime da mulher — a bondade. Sempre me commovem as flores que vicejam no coração, jardim interior, séde da vida e fonte dos rythmos.

O *Melhor Meio de divulgar o Ensino Primario* no Pais é uma bella monographia em que o espirito de V. Ex. se mostra empenhado na solução do maior problema social do Brasil. Na primeira obra V. Ex. canta, na segunda V. Ex. suggere meios praticos e efficientes para a divulgação da instrucção em nossa terra, onde ha tanta luz no céu e, infelizmente, tanta escuridão nas almas, porque se contam por milhões os analphabetos! Em ambas louvo o ideal que palpita nas suas paginas.

De V. Ex. Admirador gratissimo

Saul de Navarro.

Fig. 28 – Reprodução da carta recebida de Saul de Navarro no livro "Paiz Fulgurante", p. 198.

Sem jamais esquecer sua essência de professora, Eunice publicou "Geografia Infantil", que poderia ter sido um grande contributo para a prática de ensino dessa disciplina. Resta-nos perguntar se tal obra foi adotada em escolas e se pertenceu a alguma biblioteca escolar ou de professor.

Entremeado no discurso pedagógico do período republicano está o sentimento nacionalista que deveria ser inculcado nas crianças desde cedo. O amor à pátria poderia ser também ensinado através de leituras que valorizassem aspectos típicos da nossa nação, como no caso de "Através do Brasil", de Olavo Bilac e Manoel Bonfim, publicado em 1910. Os títulos eunicianos, **Pátria** e **Brazil**, confinam com essa temática. Este último traz uma

⁶⁵ Álvaro Henrique M. de Sousa (1890 - 1945). Jornalista, diplomado em Direito, publicou as obras "Visões do século", "Prosas rebeldes" e "Elogio do berço e de um ritmo".

descrição crítica do país nas primeiras décadas do século XX. A obra é dedicada ao Presidente em exercício, Washington Luiz, e prefaciada novamente pela amiga Anna Galheto.

É nesta publicação que podemos vislumbrar uma Eunice consciente, politizada, engajada socialmente e com amplos conhecimentos de sua pátria. Aqui, ela vai além de simplesmente declarar seu amor ao Brasil, mas narra de forma contundente e com profundo conhecimento, todos os aspectos de nossa cultura, sejam eles a arte, a educação, a geografia, o governo, a economia etc. Ainda, propõe soluções razoáveis para os problemas vivenciados na Primeira República brasileira, como a falta de comunicação entre o estado de Goiás e os grandes centros industriais, para o qual ela sugere uma linha de trem que o ligasse ao estado de Minas Gerais. O conteúdo do livro em si é o registro de uma época, uma fonte histórica sobre os mais diversos assuntos, conforme podemos observar no índice abaixo:

INDICE	
I. Patria	11
II. Brasil	18
III. Administração	27
IV. A arte no Brasil	40
V. Federação Brasileira	49
VI. Theatro	56
VII. Instrução Publica	66
VIII. Litteratura	75
IX. Producção	92
X. Industria	103
XI. Economia	115
XII. Serviço Militar	127
XIII. Commercio	133
XIV. Navegação	151
XV. Palavras de mestre	171
XVI. O grande estadista	179

Fig. 29 – Índice do conteúdo de “Brazil”, 1926.

Não se trata de uma obra ufanista ao extremo – a moderação é prevenida pela autora -, todavia, a visão republicana do progresso da nação é bastante evidente em suas linhas:

Creemos fervorosamente que todos os compatriotas, todos os cidadãos brasileiros amem à sua Pátria e desejem sagrá-la, embora muitas vezes o excesso de paixão, a pouca luz da razão ou os múltiplos elementos que os rodeiam, os conduzam a um cárcere ou outro qualquer abismo (p. 15).

Também uma menção especial a Santos é feita no segundo capítulo:

São Paulo [...] que possui o rico e precioso porto de Santos, cujas praias inspiraram e alentaram a alma do grande Vicente de Carvalho, o poeta filósofo por excelência, o pensador emérito; provocam a musa selvática de Waldomiro Silveira e as rimas musicais e policrômicas de Martins Fontes (p. 22).

O estilo da escrita densa persiste no parnasianismo; a organização do pensamento, bem pontuado e dividido, apresenta o modo positivista das demonstrações acadêmicas e científicas. Tais características, porventura, poderiam conferir a “Brazil” uma nuance amadurecida, de linguagem menos didática e pueril, o que, portanto, faz deste um livro destinado a professores e interessados no desenvolvimento do país. Ainda, a escritora, em suas considerações finais, desabafa sobre a condição feminina:

[...] estamos em um país em que os intelectuais, em maioria, não reconhecem a intelectualidade feminina, nem mesmo o direito da sua intervenção nas letras pátrias.

E para acúmulo de razões que nos levam a ceder sempre a palavra aos eruditos psicólogos e técnicos da nossa terra, é a certeza de que o nome humilde da autora não logrou jamais emocionar a intelectualidade dos nossos luminares, a ponto de sentirem-se impelidos a conferir-lhe um lugar ainda que muito humilde no panteão nacional. [...] O Brasil [...] é ainda incapaz de possuir a mulher culta, a mulher que pensa, que observa, que analisa e que julga capaz de investigar as altas questões do seu país, estudá-las e ventilá-las com a mesma força e a mesma razão de ser, de um concidadão.

Só lhe cabem os sacrifícios do lar, a sombra monótona da passividade matrimonial; o dom da inteligência deve ser eternamente repellido como a mais odiosa das qualidades natas. (p. 176-177)

Essa tão expressiva verve da poética parnasiana, associada ao solimpismo da estética simbolista, fez de Eunice uma poetisa concatenada com seu circuito de amigas escritoras. Em

Amphitrite⁶⁶, sua coletânea de poemas com prefácio da amiga Anna de Villalobos Galheto, percebe-se esse amálgama parnaso-simbolista. Talvez, as suas obras não localizadas, **Espinhos e Rosas** e **Ressurreição**, pudessem ser definidoras de um estilo preferido por Eunice.

Não iremos nos ater, aqui, em uma análise literária profunda de sua produção poética. É possível extrair características genuinamente opostas ao movimento artístico e literário que o país vivenciava na época de suas publicações: o Modernismo. Embora sua arte não professasse um único estilo de época, apresenta temas introspectivos do romantismo e simbolismo, emoldurados no rigor formal do “parnasianismo agonizante” do período (ELEUTÉRIO, 2005).

Notadamente, não houve qualquer participação feminina entre os escritores (Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Mário de Andrade etc.) da Semana de Arte Moderna de 22. Somente nas artes plásticas com Anita Malfatti e Tarsila do Amaral é que vimos surgir o “verde-amarelismo” da arte “pau-brasil”. Patrícia Galvão – a Pagu – só publicaria “Parque Industrial” em 1933.

Curiosamente, na década de 20, enquanto as mulheres se notabilizavam pela produção plástica, as escritoras continuavam a escrever como os homens de antes - adotando posturas de um romantismo, um parnasianismo ou um simbolismo tardio. Ou escreviam como mulheres, misturando tendências, mas desbravando um novo repertório temático, marcado pelo sensualismo vigoroso, quando então, eram vistas com reservas por esse mesmo público. (GOTLIB, 2003, p. 13)

“Amphitrite” está dividida em três partes – Symphonia D’alma, Impressões e Miragem – com temáticas em comum. Dentro do contexto nacionalista há poesias de exaltação à história da pátria, como em “Revolução de 1924”, p. 111:

⁶⁶ O exemplar pertencente ao acervo da família contém uma dedicatória fervorosa à sobrinha: “À querida Vitalina com o coração sangrando pela dorida separação, estreito affectuosamente, Eunice.”

*[...] E a cidade formosa, alviçareira,
No trabalho, na ordem costumeira,
Chora silente a imprudência humana.*

*São Paulo florescente, industrial,
Perseguida por delírio fatal,
Vae soffrendo na lucta deshumana. [...]*

Essa reunião de poemas, publicada concomitantemente à obra de Anna Galheto, “Gênio da Raça”, apresenta a mesma editora, tipo de capa e alguns poemas de títulos e assuntos semelhantes – como o dedicado ao falecimento de Francisca Júlia, em ambas as obras. Essa similaridade encontra respostas nas fotografias e manuscritos guardados por Anna Glória. Tal conjunto de evidências levanta a hipótese de que as professoras podem ter produzido seus versos concomitantemente, pois viajaram juntas, talvez para a terra natal de Eunice, como demonstra o poema “Caldas” (p. 155):

*[...] Caldas serena, pacífica, formosa,
É do jardim mineiro a bella rosa,
Que da vida á peregrinos enfermos.
Colocada ao sopé de altos montes,
Possue ao derredor as ricas fontes,
Que cantam a surdina nos seus ermos. [...]*



Fig. 30 – Eunice e Anna⁶⁷. Acervo de Anna Glória.

⁶⁷ Ana Glória acredita ser em Poços de Caldas, onde Eunice esteve em agosto de 1924.



Fig. 31 – Eunice e Anna. 19 de abril de 1924.
Acervo de Anna Glória.

Faz-se necessário tecer um aparte sobre essas fotografias. Atentamente observando a inscrição na figura 31 (*photo amadora ABritto*), podemos deduzir que a fotógrafa amadora é a professora e amiga Adelaide Britto (a que renunciou à Associação Feminina Santista no mesmo dia que Eunice). Para tanto, observe-se o modo de emoldurar a assinatura da foto a seguir e compare-se à assinatura da própria Adelaide em carta de pedido de demissão da AFS (anexo 2). Assim, ela então acompanhou as viagens da amiga e de Anna Galheto.



Fig. 32 – Eunice e Anna em 05 de abril de 1924.
Acervo de Anna Glória.

O circuito de amigos escritores renomados de Eunice não nos deu pistas de um contato com Olavo Bilac. De qualquer forma, entre elogios a escritores famosos na sua antologia poética, aparece o belo soneto a ele dedicado.

Neste fragmento (p. 174) observa-se o preciosismo vocabular e o esmero com a perfeição da forma – a arte como expressão do belo⁶⁸:

*Qual um cometa ingente, brilhante e exul,
Deste país formoso, alcatifa selvagem,
Passaste pela vida em doce, leve aragem,
Aquecido ao formoso – Cruzeiro do Sul –*

*Estrela de minha alma, em céu diáfano, azul,
Cantor divino da mais soberba roupagem,
Deixaste em meu país a eterna, doce imagem,
Dum astro fulgente em seu brilho taful.*

*A tua lira gemeu para a arte inconfundível,
Vibrou em ti o belo e tudo que é possível,
Fez a tua preciosa pena – hábil buril.*

*E hoje os teus amigos, os teus imitadores,
Cultivam as saudades, essas ricas flores,
Que nascem de teu vulto esbelto e tão gentil.*

Há, entretanto, momentos em que nossa escritora se afasta da objetiva estética parnasiana, revelando inspiração romântica e subjetividade... Das três divisões da antologia, a primeira parece ser a de cunho mais intimista e sentimental, tratando de afetos e sofrimentos pessoais como notamos no poema “Transformações” (p. 72):

*[...] Eu quero solitária aqui viver,
Indiferente ao mundo
Onde já não estou.
Os males lá são tantos que morrer
Prefiro; e indiferente
Minh'alma se tornou. [...]*

⁶⁸ Análise da professora de literatura Maria Aparecida Esteves Martins.

Ou em “Penitencia”, (p. 22),

*[...] Deixa-me que te ame assim chorosa;
Serás talvez a purpurina rosa
Que me deve matar.
Não me deixes sósinha; quando é noite
A dor é para mim como um açoite;
Vem sempre me acordar. [...]*

Podemos observar, também, a prática, comum entre as mulheres escritoras do período, de homenagear através de poemas umas às outras. Neste caso, Eunice dedica versos a Anna de Villalobos Galheto⁶⁹, Maria da Cunha, Gilka Machado, além dos aclamados nomes de Cruz e Souza, Euclides da Cunha e Oscar Wilde⁷⁰. O estilo parnasiano – versos organizados em sonetos, o uso do paralelismo e a retomada ao classicismo – é notadamente identificado neste elogio de Eunice a Francisca Júlia (p. 142):

I

*Filigranas de amor em rendas de marfim,
Destendeste a candura de tua alma ardente.
E à musa divina, perfeição ridente,
Levaste o grande estro á sideral confim,*

*Botão de rosa vivo, assetinado carmim,
Labios de moça ingenua, bella e sorridente,
Expressão de cultura de uma alma ardente,
Levaste o grande estro à sideral confim.*

*Tudo bordaste com a realzeza dalma,
E burilaste na maviosidade e calma
De tua cela de artista, quasi que divina.*

*Sosinha, descansada e meigamente esquiva,
Comprehendeste a vida em sua expressão
mais viva,
Com a soberania de uma alma peregrina.*

II

*Artista, amante, delicada flor,
Estudando os paineis bordavas meiga,
Sem esquecer jamais na arte a veiga
Desta corrente que se chama amor.*

*Em tudo depositeste com esplendor,
Do pólen delicado o sentimento.
Deste formosas azas ao pensamento,
E á mytologia o seu fulgor.*

*Foste a flor delicada e sempre altiva,
Que ao esplendor do sol jamais se priva,
Embora esse fulgor se extinga um dia.*

*No brilho dessa chama, a grande gloria,
Perdura eterna a calma a tua memória,
Que da immortalidade se irradia.*

⁶⁹ Cf. p. 50 desta dissertação.

⁷⁰ Cf. p. 51 desta dissertação.

III

*Quizera a lyra de Homero, Dante.
A pericia com que descreve Ovídio;
Quizera possuir mesmo em presídio,
Destas terras queridas bem distante;*

*Quizera a lyra de Orpheu, divino,
Talvez o exílio de Gonzaga, o nobre;
Quizera a dor cruel que não se encobre,
Para compor-te um mavioso hymno.*

*És digna do buril mais delicado,
E de Phydias o cinzel aprimorado
Só seria capaz de erguer-te a imagem.*

*Fiel cultora d'arte mais perfeita,
Aceita a gratidão dalma insatisfeita,
Que te rende humilde esta homenagem.*

Embora também contenha alguns traços de poesia, **Paiz Fulgurante** é basicamente um livro de contos e foi localizado no acervo da família. Encontra-se, ainda, uma sua resenha da peça teatral “Paroxismo”, encenada por Leopoldo Fróes no teatro Carlos Gomes, no Rio de Janeiro. A última parte da obra, chamada Lyra Pagã, é composta de poemas, a maioria deles uma descrição de Constantinopla, tal qual diário de viagem, com versos dedicados à Igreja de Santa Sofia e a personagens históricos da Turquia.

“Paiz Fulgurante” é o nome do conto de abertura, um país utópico, aos moldes de Thomas Morus; e tal como Maria Lacerda de Moura idealizou a “Terra sem Males” (LEITE, 1984, p. 143), Eunice Caldas expõe toda a sua visão de sociedade ideal, através da viagem de um menino guiado por um pássaro voando. Os conceitos engendrados por Eunice aparecem na sua descrição dos personagens “fulgurantes”, sejam eles professores, legisladores e as mulheres, representando o recorrente ideal feminino de Eunice, como se pode perceber:

As mulheres não eram essas esfinges caricaturais da idade antiga, símbolos disfarçados da estupidez humana, da passividade servil e da inconsciência animal, nem tão pouco a bonequinha estulta e perigosa da idade moderna, que faz da sedução o único objetivo na vida e do amor o jogo apetitoso da época, mas criaturas audazes e fortes, aparelhadas para compartilharem com o homem de todas as eventualidades na vida, subordinadas aos rigores da sorte com inteligência e doçura, sem prevaricarem nunca no desempenho dos

deveres inerentes ao sexo, na certeza absoluta de que todo e qualquer sacrifício exigido pela natureza, lhes será compensando pela dedicação de um companheiro leal e sincero (CALDAS, 1925, p. 19).

O viés educacional é uma constante manifestada através de suas palavras:

Os professores não eram inaproveitosos, rethoricos insupportaveis, cuja sciencia não apresenta outra utilidade que satisfazer seus próprios instinctos dominadores, mas sim homens praticos, sinceros, humanitários, desejosos realmente de concorrerem para a felicidade da Nação e produzirem o Maximo de trabalho proveitoso á Humanidade (ibid., p. 18).

A estreita ligação de nossa escritora com o teatro pode também ser comprovada porque se dedicou ao gênero em seu fazer literário. Eunice acreditava no poder didático das palavras interpretadas e, nesse sentido, **As moças da moda** é uma obra educativa, a única peça teatral encontrada. Os outros títulos, **A Cigarra e a Formiga**, **A Esmola**, **A Gata Borralheira** e **O Jardim Celestial**, harmonizam-se com a temática dos contos de fadas de tom moralizante característico da literatura infantil do período. Resta-nos a pergunta: seria “O Jardim Celestial” uma tradução e adaptação da história de sucesso “O Jardim Secreto”, da famosa escritora Francis Hodgson Burnett⁴⁵?

O enredo de “As moças da moda” é pautado pela métrica e pelo rigor da rima e está dividido em cinco atos. Tem como cenário a casa da protagonista, uma jovem de elite que recebe duas amigas e um doutor. Elas conversam sobre boas maneiras e habilidades femininas. Dá-se enfoque à educação feminina voltada para as belas artes, como música, poesia e pintura. Observamos, neste trecho (CALDAS, 1915, p. 23) do monólogo da amiga pintora, o valor da ampla formação feminina:

*[...] Sei pintar com inspiração,
Sei dançar com perfeição.
Sei estudar minha lição,
Sei contar até os dez. [...]*

⁴⁵ Francis Hodgson Burnett (1849 – 1924), nascida em Manchester, na Inglaterra, naturalizada americana. escritora de mais de 40 contos infantis e peças teatrais, dos quais os mais famosos foram “O Pequeno Lorde” e “O Jardim Secreto”.

O final contemporizante da peça desfecha-se acerca do debate entre as personagens sobre a emancipação da mulher. Entra o jovem doutor, representante da visão machista da sociedade, afirmando “que pela vossa própria fraqueza, sois do Criador mais queridinhas, [...] quer passar-se ao sexo masculino, nossa rival então há de ser?” (ibid., p. 25 e 26). O jovem hesita com a possibilidade de as mulheres penetrarem áreas de trabalho tipicamente masculinas, como o Direito e a Medicina. Todavia, a amiga toma a palavra e defende os direitos da mulher. Por fim, o jovem cede ao pronunciar “podeis agir” e decide apoiar as moças em seus “direitos no porvir” (ibid., p. 28). Mais uma vez a chancela masculina, dando permissão para que as mulheres possam ocupar um espaço na sociedade que lhes é de direito.

Escrever contos, livros didáticos e infantis, poetar e traduzir eram as atividades vocacionais do circuito de mulheres escritoras do entresséculos. A tradução de obras pedagógicas e literárias estrangeiras fazia-se mister para a nacionalização da leitura no Brasil. Para Faria Filho (1999, p. 602) é possível considerar a tradução “como estratégia de vulgarização e disseminação do conhecimento e como forma de colocar novas perspectivas e análise do fenômeno educativo em circulação”.

Sob esse aspecto, podemos avaliar o esforço de Eunice ao traduzir e adaptar o clássico infanto-juvenil “Little Lord Fauntleroy” (O Pequeno Lorde – 1886), da escritora Francis H. Burnett. O livro em questão vendeu mais de 500 mil cópias e as ilustrações em bico-de-pena de Reginal Birch lançaram moda entre crianças americanas e inglesas: todas queriam usar cabelos cacheados (assim como o filho de Francis, Vivian) e ternos de veludo e gola de cetim (como Oscar Wilde), tal qual o protagonista da história. **A Pequena Sensitiva** foi o título escolhido por Eunice, talvez uma tentativa de homenagear a irmã, Acácia Sensitiva de Caldas.

Coincidentemente, as ilustrações de “A Pequena Sensitiva”, de artista não mencionado no livro, foram igualmente produzidas em bico-de-pena e a personagem central recebeu uma saia, para fazer jus ao gênero feminino, conforme pode-se observar a seguir:



Figura 33 – Ilustração de autoria anônima da versão euniciiana.
Fonte: “A pequena Sensitiva”, de Eunice Caldas, p. 131.

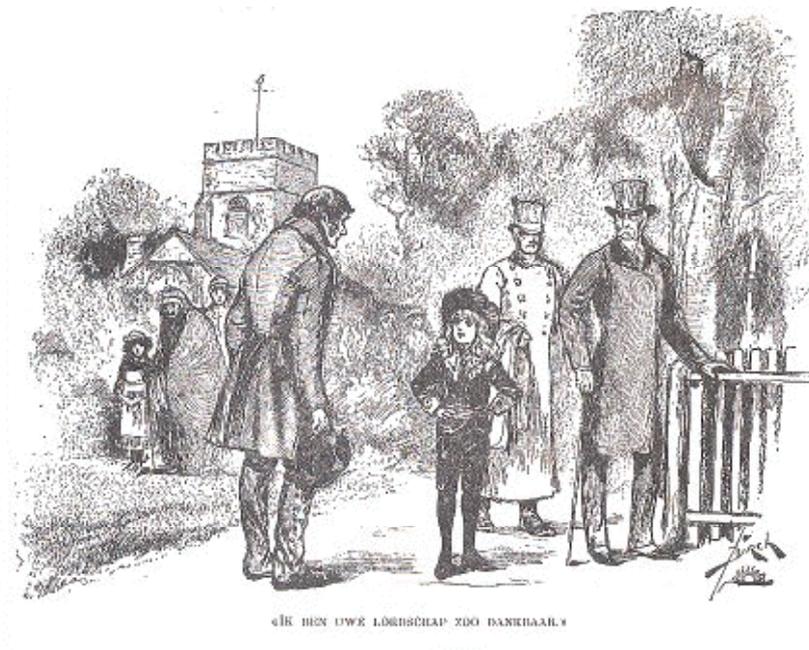


Figura 34 – Ilustração de R. Birch para a edição alemã.
Fonte: <http://histclo.com/lit/us/lallfb.html>

Eunice permaneceu fiel ao enredo original – a história do menino pobre que inesperadamente recebe do avô um título de nobreza e torna-se rico -, apenas modificando os nomes dos personagens e os cenários da trama, adaptando-os à realidade brasileira. A transformação do protagonista masculino em uma menina representa um indicativo de que provavelmente Eunice pretendia atrair o público infantil feminino e, ainda, demonstrar sua crença no espírito feminino, como ela escreve na p. 39: “as mulheres hão de ter mais tino para governar... porque não são tão violentas nem tão autoritárias”.

Sensitiva é uma garota espirituosa e cativante de oito anos, órfã de pai e tem verdadeira adoração pela mãe. Possui muitos amigos e encanta a todos por onde passa com sua educação e bons modos. A avó marquesa é muito solitária, tornou-se ranzinza por ter renegado aos filhos e deseja a companhia da neta em seu palacete no Rio de Janeiro. A menina tem todos os seus desejos atendidos pela avó e todos eles primaram pela caridade e auxílio dos seus amigos e próximos. A questão central discutida na obra é a busca da verdadeira nobreza de caráter, em detrimento da simples fidalguia, refletindo sempre os ideais morais de Eunice ao escrever obras para crianças. E é dessa missão moralizadora e construtora de caracteres abordada na “ficção didática”⁴⁶ de Eunice, que trataremos no último capítulo.

⁴⁶ Gênero utilizado por Constância Lima Duarte (2000) para categorizar as obras pedagógicas de Nísia Floresta e que adotamos também para o caso de Eunice.

Capítulo III

Literatura de formação: os romances pedagógicos eunicianos

... a woman must have money and a room of her own if she is to write fiction; and that, as you will see, leaves the great problem of the true nature of woman and the true nature of fiction unsolved.

Virginia Woolf

Eunice, professora, intelectual do seu tempo e estudiosa dos saberes pedagógicos em voga, seguiu o percurso antes desenvolvido por Nísia Floresta e Anália Franco, dentre outras. Era de seu interesse tocar a alma de meninas-moças através da ficção didática e contribuir com a educação de futuras esposas e mães brasileiras. Nesse sentido, citamos Foucault, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que e pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (2006, p. 10).

Dentro deste contexto, não somente feminino, escrever livros didáticos e obras pedagógicas passou a ser um “filão” editorial no início do século XX e, mais precisamente, com o advento do escolanovismo no Brasil, nos anos 20 (FARIA FILHO apud VIDAL, 2004, p. 31). Segundo Nagle (1976, p. 245), essa nova pedagogia definia sua orientação através do viés metodológico, ao difundir o “método intuitivo” nas disciplinas primárias e ao modificar o processo de ensinar-aprender, reestruturando os novos saberes para cada ano cursado. Para essa inovação do ensino surtir efeito foram introduzidas novas disciplinas no ensino de formação de professores; outras foram desmembradas ou desenvolvidas, dando origem ao que atualmente se denomina “ciências da educação”. Neste quadro, a psicologia tem fundamental relevância, cunhando caráter científico aos conteúdos das disciplinas.

Nos anos 1920 e 1930 a leitura destacava-se na formação dos alunos. O movimento escolanovista privilegiava a importância do livro, assim como da organização da biblioteca que ganhou o seu lugar na escola (VIDAL, 1999, p. 343). Então, “a literatura escolar passa a ser protagonista da história da leitura no Brasil, por ser considerada, além de outras implicações, a grande fonte de renda das empresas editoriais” (OLIVEIRA e SOUZA apud VIDAL, 2004, p. 29).

Nesse contexto, Eunice editou seus livros. Se nossa autora aproveitou a “onda de entusiasmo pedagógico” para lucrar e obter independência financeira, não sabemos. O fato é que, como Diana Vidal havia primeiramente questionado a incursão de Júlia Lopes no meio

educacional, nossa escritora, objeto da questão, sabia sobre o que escrevia, abalizada em teóricos renomados, como ela mesma afirma na abertura de sua trilogia sobre educação. Assim como a obra euníciana, as temáticas narrativas de Nísia Floresta, Anália Franco e Júlia Lopes de Almeida

[...] destacavam a importância da virtude, da solidariedade, da caridade, do amor filial e maternal, enaltecendo o despojamento dos bens materiais, o cuidado com pobres e desvalidos (enfermos, cegos e surdos), a modéstia, o labor e a “alma pura”, e condenando a inveja, a vaidade, os maus hábitos (como a bebida), a ganância e o interesse pessoal (VIDAL, 2004, p. 34).

A literatura infantil foi criada com objetivo pedagógico, pois era “formadora por excelência do intelecto e da moral da criança, que é considerada inocente, frágil e totalmente dependente do adulto” (CALDIN, 2008, p. 2). Enquanto educadora, Eunice dedicou-se a cumprir com o papel pedagógico, escrevendo romances didáticos. Ao assumir seu compromisso enquanto “missionária do progresso”, iniciou uma trilogia literária em 1907 dedicada à educação doméstica, concluída seis anos depois: **Scenas Domesticas (1907)**, **Instituto Maria Braz (1912)** e **Inezilha Braz (1914)**. Na edição do primeiro volume, Eunice anuncia uma quarta publicação intitulada “O manuscrito de Maria”. Esta obra não é mencionada no último volume da série, o que nos leva a crer na possibilidade de Eunice ter desistido da idéia ou agregado seu conteúdo a “Inezilha Braz”, que contém algumas cartas de Maria Braz à personagem título. A educadora assim descreve os objetivos da trilogia, na abertura da primeira parte, “Scenas domesticas”:

Neste pequeno volume, inicio apenas, a serie de trabalhos que tenho organizado sob o thema – EDUCAÇÃO DOMESTICA.

Procurei dar a fôrma de narração, aos meus trabalhos de observação e estudo sobre a educação das creanças, somente por entender que assim tornava a leitura mais suave e proveitosa aos que por ventura se interessarem por essa questão. Nas minhas criticas não viso absolutamente personalidades, mas estabeleço unicamente quadros comparativos, necessarios ás considerações e emendas que ainda nos cumpre fazer sob esse ponto de vista.

Não levo tambem, neste meu empenho, nenhuma convicção de saber ou doutrinar.

Limito-me apenas, a auxiliar as mães de família, com minha observação de alguns annos, com a minha pequena pratica profissional e com a leitura assídua de autores abalisados na matéria. [...]

Não sabemos o alcance dessa trilogia nos lares brasileiros; entretanto, a obra “Inezilha Braz” foi aprovada pelo governo do estado de São Paulo para leitura suplementar nas escolas.

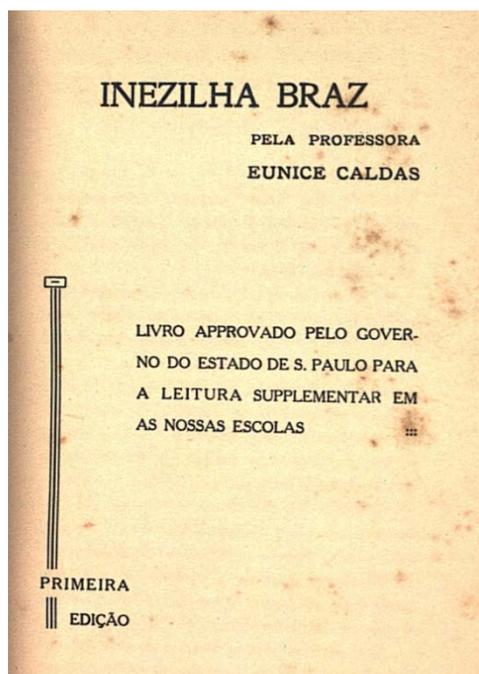


Fig. 35 – Página 9 do romance educativo “Inezilha Braz”.

Os governos estaduais eram responsáveis por autorizar o uso e a adoção dos livros didáticos nas escolas públicas, fosse para homogeneizar o ensino, ou porque legislavam sobre programas e currículos ou, ainda, porque se tornaram os principais compradores do produto.

Como nos traz à luz, Márcia Razzini (2008, p. 3):

Interessante notar que entre os livros recomendados “para leituras suplementares e auxiliares”, em 1918, aparecem, pela primeira vez, obras de valor mais estético e menos didático, como os pequenos e coloridos volumes da Biblioteca Infantil, organizada e adaptada por Arnaldo de Oliveira Barreto, para a Weiszflog Irmãos, a partir de 1915. O Patinho Feio, O Soldadinho de Chumbo, O Velocino de Ouro, O Isqueiro Encantado, Os Cisnes Selvagens, Viagens Maravilhosas de Sindbad, A Rosa Mágica, O Califa na Pele de Stork, Memórias de um Burro, O filho do Pescador, As Três Cabeças de Ouro são os títulos da Biblioteca Infantil que vinham estreitar os laços da literatura infantil com a leitura escolar.

Seguindo esses dados e, tendo “Inezilha” como um livro aprovado em 1915, podemos inferir que, para ser eleito pelo Estado, seu teor pedagógico tenha se sobressaído ao valor estético, muito embora Eunice apresentasse erudição e talento suficientes para satisfazer o segundo elemento. A recomendação dessa obra narrativa, pelo Inspetor Escolar Mariano D’Oliveira ao Diretor Geral da Instrução Pública, encontra-se escrita nas primeiras páginas da obra:

Exmo. Sr. Dr. Director Geral da Instrução Pública

Confiou-me Sua Excelencia submetendo a parecer, a mimosa e tocante Novella – “Inezilha Braz” da lavra da ilustrada professora dona Eunice Caldas.

O plano do livro foi bem concebido, sua urdidura é natural e consequente, o fim climado é nobre: - promover a educação moral da mulher, como mãe, esposa e filha.

Funda a autora a uniformização com a sorte, a tolerancia, a candura, a felicidade na vida, no sentimento religioso. Não se olvida, porém, da necessidade indeclinavel da instrução, da conveniência imperiosa do fortalecer a vontade. O desconhecimento dos são princípios do cristianismo, os maus exemplos que observa no lar, cujo chefe, embora instruído, voluntarioso, inconsequente e mau se descomede a cada instante com a esposa ignorante e dissimulada, levam Inezilha ao desespero e á revolta.

[...] Há no livro trechos belíssimos, páginas tocantes e mimosas. Sua leitura é recomendável, pelos bons sentimentos que desperta, pelos são princípios que inocula no espírito. Pena é que o trabalho tipográfico, a deficiência de acurada revisão, enxertassem erros, deslocções, transposições que á competencia da autora não podem ser atribuidos. Apesar disso, o livro deve ser approved. Prestará relevantes serviços á educação das meninas das classes adiantadas de nossos institutos escolares. É um belo prêmio ás boas, uma excellent lição ás descomedidas.

[...] Meus aplausos á autora, meus parabens ás meninas paulistas que se irão deleitar e comover com a leitura das páginas da “Inezilha Braz”.

É o meu parecer.

S. Paulo, 3 de fevereiro de 1915.

MARIANO D’OLIVEIRA

Inspector Escolar

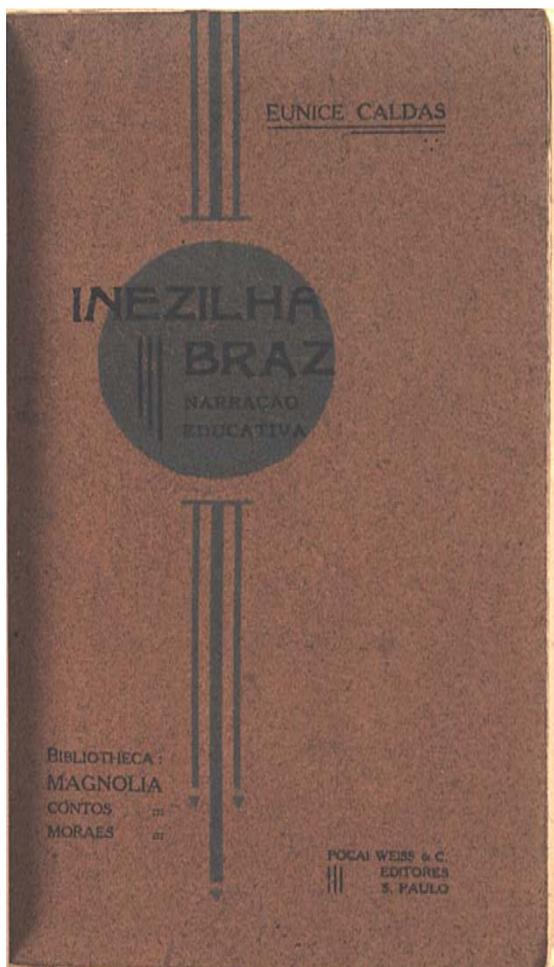


Fig. 36 – Capa de “Inezilha Braz”. Acervo do IEB – USP.

algumas coincidências com a vida real de Eunice, e destacamos esta de “Inezilha Braz”:

“Georgina, é a que está com o filhinho muito fraco, pelas febres que apanhou em Santos. Seu marido é engenheiro e trabalha naquela cidade” (p. 60). Baseando-se na genealogia de Vital Brazil, podemos perceber que se trata de Iracema Presgrave, irmã mais velha de Eunice e casada com o engenheiro carioca Miguel Frederico Presgrave; eles residiam em Santos e tiveram duas filhas: Fileta e Helena.

Complementando essa reflexão, temos visões diametralmente opostas dos teóricos na questão da autobiografia, como as de Philippe Lejeune e Jean Starobinski. Sobre o primeiro,

⁴⁷ Por narrador-participante entende-se aquele que “é um *eu* que vê *de dentro* os sucessos relatados, por ser também personagem desses sucessos” (COELHO, 1982, p. 51). O foco narrativo interno objetivo é uma das personagens da ação. “É *objeto* porque ele assiste aos acontecimentos e à ação das demais personagens e registra tudo objetivamente (sem mergulhos na zona psicológica). É um foco em 1ª pessoa, que tenta assumir a posição de narrador onisciente” (ibid., p. 55). Grifos da autora.

⁴⁸ In: MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Anália Franco**: a grande dama da educação brasileira. São Paulo: Madras, 2004.

nos diz Verena Alberti (1991, p. 10): “Para P. Lejeune (1975)⁴⁹, o que caracteriza a autobiografia é a identidade entre narrador e autor, expressada através do *pacto autobiográfico* estabelecido com o leitor, espécie de declaração do tipo ‘isto é autobiografia’. Como em nossa interpretação, Eunice não se faz tão explícita e declarada, ficamos com a perspectiva de Jean Starobinski que, conforme nos diz Teixeira,

situa um amplo espaço autobiográfico, caracterizado pelo estilo em que narrador é o próprio objeto da narração, ou seja, a narrativa tem valor auto-referencial, mesmo que esse seja implícito, sem o óbvio da auto-referência. Ele define seu estilo pela relação que se constrói, no percurso da escrita, entre aquele que é o autor e o seu passado e também pelo projeto de “dar-se a conhecer” pelo outro. Há, em Starobinski, uma ênfase maior no aspecto ficcional que o discurso autobiográfico contém, em diferentes graus, do que na preocupação de fidelidade factual a partir da memória do autor, sendo a autobiografia um texto misto de “discurso-história” (2007, p. 5).

Conforme a afirmação de Starobinski, “eu sou a minha busca de mim mesmo” (1991, p. 205), talvez tivesse Eunice empreendido uma busca pela reconciliação com seu passado e com Anália Franco, de modo que pudesse conferir, ao seu discurso imbricado na trilogia educativa, certo tom de autenticidade aos acontecimentos decorridos em 1903⁵⁰. Sobre isso, ele diz (ibid., p. 205):

A lei da autenticidade não proíbe nada, mas jamais está satisfeita. Não exige que a palavra *reproduza* uma realidade prévia, mas que *produza* a sua verdade em um desenvolvimento livre e ininterrupto. Admite, ordena até que o escritor, renunciando a procurar seu “verdadeiro eu” em um passado cristalizado, o constitua ao escrever. Ela dá, assim, um valor de verdade ao ato que a moral rigorosa poderia condenar por ser uma ficção, uma invenção incontrolável (grifo do autor).

Para uma compreensão mais profunda do pensamento pedagógico de Eunice, vamos nos ater em “Scenas domesticas” e “Inezilha Braz”, o início e o fim da trilogia. A narradora-participante é a opção de Eunice desde o livro de abertura: “Eram seis as creanças que me

⁴⁹ LEJEUNE, Phillipe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

⁵⁰ Cf. p. 67 desta dissertação.

prendiam a atenção e que me distrahiram imenso durante todo o tempo que passei na Rua da Liberdade.⁵¹, em casa de minha velha tia” (p. 11). A escolha de Eunice por essa atitude narrativa tem razão de ser, pois “revela segurança por parte do narrador, em relação à confiança e atenção que lhe serão dadas pelo provável leitor; e, também, em relação ao seu próprio conhecimento da matéria narrada” (COELHO, 1982, p. 51). Tudo o que podemos concluir sobre a narradora, após a leitura do texto inaugural, é de que se trata de uma educadora, interessada e preocupada com a formação das crianças de sua época.

Em “Scenas domesticas”, ela observa e se relaciona com seus vizinhos na rua da Liberdade. São três núcleos familiares (pais e filhos) exercendo papéis antagônicos no romance: dois representando a educação ideal e o terceiro simbolizando os erros freqüentemente cometidos pelos pais. Para tanto, destaca-se a descrição das crianças nas páginas 11, 12 e 13:

A filha do abastado negociante Alencar, a meiga e terna Julieta com a sua physionomia angelica e doce, a falar-me de seus sonhos e ideaes, dos seus muitos pobres e do entusiasmo com que partilhava sempre das obras de caridade.

O Armando, primo de Julieta e protegido de seu pai, rapaz moreno e forte, decidido e franco, que apesar de muito humilde e pobre, impunha-se junto á todos pelo seu proceder correcto e maneiras joviaes. Tinha a mania de citar preceitos de bôa educação e elogiar seus mestres, principalmente o que lhe ensinava Moral, Religião e Educação civica.

Marianna.⁵² e Maria, duas creanças lindas que habitavam um chalét em frente á casa de minha tia e que recebiam primorosa educação de seus pais, attrahindo a atenção geral pelo muito que sabiam. São filhas de um medico, o Dr. Mauro Alves, que occupa o cargo de Inspector da Hygiene Publica.

Finalmente o José e a Carmem, filhos de um capitalista formado em direito, que se dedica muito á politica; homem pouco amante da mulher, pedante, e máo educador.

O menino indisciplinado, vivo, barulhento e falador, desagradava sempre com suas maneiras bruscas e estouvadas.

A Carmem, esbelta e graciosa, conhecida em toda a Liberdade como a flor do bairro, fazia-me deveras muita pena, por viver assim tão desoccupada e inútil, só pensando em adornos e prazeres.

⁵¹ Embora o romance tenha sido anterior à fundação do Colégio Eunice Caldas, este também se deu na Rua da Liberdade em São Paulo. Teria Eunice relações de longa data com essa vizinhança?

⁵² Marianna, nome real da mãe de Eunice.

Entretanto, em “Inezilha Braz”, a personagem-título que se regenera e se transforma num modelo de mulher a ser seguido, é descrita como “uma jovem loura de feições descompostas e olhar desvairado, afflictiva, visivelmente angustiada como que allucinada mesmo, tal era a abstracção com que caminhava” (p. 29). É nítida a ênfase que nossa autora presta à descrição das qualidades morais (meiguice, ternura, franqueza, indisciplina) em detrimento da descrição física e estética dos personagens. Aliás, Carmem, a mais bela jovem do romance, é também a mais frívola, enquanto o jovem humilde e pobre apresenta os valores impetrados pelos ideais da Primeira República. É de Armando que parte a exaltação aos novos saberes escolanovistas: moral, religião e educação cívica. E será através da personagem de Inezilha, a jovem descomposta, que Eunice provará os benefícios da educação consciente.

Esse dualismo pedagógico – a virtude, o dever e a caridade em contraste com o vício, a frivolidade e o excesso de mimos – converteu-se em debate recorrente nos textos posteriores da trilogia. Um resquício, provavelmente, da literatura infantil europeia do século XVII, em que, segundo Clarice Caldin,

o maniqueísmo está sempre presente como ensinamento moral e a ordem/desordem permeiam toda a narrativa. A ordem se configura como o belo e o bem e a desordem, com o feio e o mal. Às personagens que incorporam o mal, restam dois caminhos: ou se arrependem e se regeneram ou são castigadas com a tortura e ou a morte (2008, p. 2).

Divulgar determinados valores e códigos morais é uma das principais características da literatura infantil destinada à circulação escolar. Eunice criou as personagens de Armando, Julieta e Inezilha segundo esses códigos, símbolo máximo da educação ideal que os jovens cidadãos deveriam ter. Marisa Lajolo (1982, p. 15) afirma que

tradicionalmente o enfoque da literatura na escola brasileira tende a assumir a função de educação pela literatura. O carácter de modelo e exemplo do texto literário é constante na apresentação de manuais escolares de qualquer época. Isso acaba identificando literatura com preleções morais, cívicas e familiares. O texto literário torna-se privilegiado não pela sua dimensão

estética, mas pela dimensão retórica e persuasiva, de veículo convincente de certos valores que cumpre à escola transmitir, fortalecer e gerar.

Sendo assim, a personagem de Armando é responsável pelas frases de efeito da trama doméstica, como por exemplo: “A casa do infurtunio (sic) fica contigua á da estupidez!” (p. 42). Também, através da reflexão de Armando sobre a condição da mulher frívola, representada pela sua colega Carmem, podemos delinear o pensamento de Eunice: “Como arrancar-te desse desvanecimento em que te achas pelas futilidades da vida, como libertar-te dessa incomprehensível loucura por bailes e espectáculos, si tua mãe desde o berço te seduzio a isso e te industriou na falsa vida de prazeres?” (p. 38).

Tanto neste quanto nos outros dois livros da trilogia, Eunice demonstra sua erudição e patrimônio intelectual ao transcrever, nas falas de seus personagens, frases de filósofos e educadores renomados (Cícero, Tocqueville, Bright e Sócrates, entre outros). Assim como Armando critica sua amiga Carmem e tenta mostrar-lhe um bom caminho, em “Inezilha Braz” é Maria Braz a grande incentivadora da personagem principal, como observamos no diálogo na p. 65:

[...] - Por que estás triste? – Respondi-lhe [Inezilha] com lagrimas. Ella então me disse: “Feliz destino é o de todos que trabalham, quer com o espírito quer com o corpo.” diz-nos o Bispo Hall.⁵³ Precisas trabalhar, Inezilha, ganhar dinheiro e teres interesses próprios; já havia compreendido essa necessidade e esperava apenas a occasiao propicia de te provar isso mesmo e de te offerecer a esplendida collocação que ha já oito dias arranjei em casa da senhora Chaves, onde tens ao teu dispor um logar de professora, que te occupará das 10 ás 15 horas. Aceitas o offerecimento?

Por unica resposta, abracei a minha protectora; estava comovidissima.

Talvez, porque tantas preleções fossem empregadas nesta obra, o governo do Estado endossou sua recomendação para as escolas, a fim de que o livro contribuísse com a missão

⁵³ Bispo Joseph Hall (1574 – 1656), chamado de “Sêneca inglês”, teólogo, escreveu obras satíricas e religiosas, dentre elas *Characters of Virtues and Vices* (1608) e *The Olde Religion: A treatise* (1628).

educativa, civilizatória e social pregada na Primeira República. Um panorama da educação moral e cívica do período nos é dado através do diálogo de “Scenas Domésticas”, entre Armando e seu tio:

[Armando] - *Um homem notavel disse em certa ocasião que aquelles que sabem esperar, são justamente os que conseguem os seus desejos e depois que eu soube disso, fiquei paciente, calmo e mais trabalhador.*

[...]

- *O Armando com seus celebres preceitos, consegue tudo, diz o Sr. Alencar visivelmente surprehendido pela transformação do José. [...] Decididamente o nosso Armando está um menino de juízo; não pensei de o ouvir assim com tanta clareza, se expressar. Diz-me agora. Quem te ensina esses taes preceitos de bôa educação que continuamente citas com tanto entusiasmo?*

- *Isso foi ha tempos uma boa professora, que nos fez decorar. Tínhamos aula de educação civica e moral, tres vezes por semana e ella tomava sempre por thema dessas aulas, um preceito, que nos fazia escrever, interpretar, exemplificar e recitar depois (p. 127 a 129).*

Sopesando as duas obras, a personagem de Inezilha também sofreu influência de duas leituras importantes durante sua convivência no fictício Instituto Maria Braz: “Coração”, de Edmondo De Amicis⁵⁴, e “O poder da vontade” de Samuel Smiles⁵⁵. Segundo suas palavras, pode-se entrever a opinião de Eunice, nas páginas 68 a 71:

[...] *comecei a ler – Coração – de Edmundo de Amicis – essa joia de pureza e de candura que tanta vez tive em mãos, mas que me passou sempre despercebida, tão impias eram as convicções em que me achava. [...] Um tal conjuncto de idéas e expressões pareceu-me, narcotizou-me, alliviou-me, invadio-me a alma, tal como succederia se tivesse tido um sonho phantastico e formoso. [...] Mas, não estava curada; passavam-se os dias e eu lia De Amicis como quem busca um lenitivo para a dor, mas ainda na convicção firme de que o meu mal era sem cura, e que deveria em breve ter um desenlace fatal. Li e reli esse livro, do qual já tinha ouvido se decantar as bellezas, mas que hoje assevero ser realmente adoravel. Um dia essa leitura fatigou-me e busquei outra que me pudesse proporcionar igual conforto. Foi então que procurei conscientemente – O poder da vontade – de Samuel Smiles, esperando achar ahí alguma cousa capaz de me alentar o espírito [...] Esse livro teve o poder de restituir-me crenças, illusões, esperanças, que sei? foi a minha salvação enfim. [...] O primeiro pensamento com que*

⁵⁴ Edmondo De Amicis (1846 - 1908). Escritor italiano. Segundo BASTOS (2008, p.1) suas obras expressam uma centralidade em três focos: a pátria, os jovens na fase de escolarização e a população pobre.

⁵⁵ Samuel Smiles (1812 - 1904) foi escritor e reformador do Parlamento britânico. Smiles é conhecido sobretudo por ter escrito livros que exaltam as virtudes da "auto-ajuda" e biografias enaltecendo os feitos de engenheiros heróicos. Uma das frases de efeito de Smiles aparece em “Inezilha Braz”: “respeitar-me e aperfeiçoar-me, tal é nesta vida o meu verdadeiro dever” (p. 119).

deparei nesse livro, pareceu-me ter sido formulado especialmente para mim, tão directamente se aplicou ao meu caso. É uma citação de Aleixo de Toqueville e diz assim: “A vida não é um prazer, nem uma dôr, mas um negocio grave de que estamos encarregados e que devemos tratar e terminar de modo honroso para nós.” (“Inezilha Braz”)

Sobre a obra do autor italiano De Amicis, podemos dizer que foi um clássico da literatura infanto-juvenil e sucesso editorial da Francisco Alves, que o publicou sistematicamente de 1891 até 1968. De acordo com Bastos (2008, p.2):

O discurso da obra De Amicis seduz as elites brasileiras que acreditavam que pela instrução – moral e cívica – do povo, atingir-se-ia a regeneração do país, condição essencial para a construção de um ethos capitalista moderno. A manutenção da ordem dar-se-ia, em grande parte, através da moral e da educação.

“Coração” ocupava o primeiro lugar como romance de formação na literatura brasileira. As leituras de formação são aquelas em que “as instituições sociais como a família, a escola, a igreja, o hospital, pelas quais transita o herói da obra, procuram influenciá-lo, moldá-lo, direcioná-lo, segundo seus valores e normas específicas” (FREITAG, 1994, p. 68). Nesse sentido, podemos dizer que as obras educativas de Eunice encaixam-se nessa categoria, muito embora, em “Scenas domesticas”, esteja claro que o intuito de nossa autora era o de “auxiliar as mães de família”.

Mas o que seria, na visão de Eunice, a boa educação?

Nas duas histórias escolhidas para esta análise, a boa educação é simbolizada pela personagem de Maria Braz, educadora e idealizadora do fictício Instituto que levou seu nome. Foi preceptora de dois jovens da Rua da Liberdade, onde também morava sua filha Vitalina⁵⁶ Braz que, por sua vez, é mãe das duas meninas, Marianna e Maria, de exemplar conduta em “Scenas Domesticas”. Nesse enredo inaugural, a narradora debruça-se sobre as irmãs,

⁵⁶ Vale lembrar que Vitalina é o nome da sobrinha de Eunice, na vida real.

observando-lhes os hábitos cotidianos, que denotam total autonomia: elas tomam banho, arrumam o quarto, fazem exercícios físicos espontaneamente, sendo observadas pela mãe.

A narradora (Eunice) cita o Dr. Ch. Vermeulen (sic) e sua obra “Educação do crescimento”, para ratificar e justificar a importância da ginástica pedagógica. A educação “formal” doméstica de Marianna e Maria incluía também aulas de música, línguas, ciências e trabalhos manuais, como o ensino tradicional no lar do período imperial brasileiro. A educação doméstica feminina dos fins do século XIX, realizada por preceptoras estrangeiras, reunia um conjunto de saberes comuns já mencionados, mas que não constituíam um ensino fixo e regular, já que acompanhava o ciclo e a rotina familiares de viagens de férias, colheitas na fazenda etc. (MARINO, 2005).

Instruir a mulher dentro do enfoque positivista é um viés importante da educação, porque se buscavam os valores da nacionalidade que não eram incutidos pelas educadoras estrangeiras. Esse ideário aparece claramente em “Scenas domesticas”: “[...] *a verdadeira felicidade do lar depende da mulher e seu valor moral; de que a educação da mulher precisa ser real e sólida para que seu desempenho na missão de mãe de família, seja satisfatório*” (p. 77).

Sob esse ponto de vista, é plausível inferir que a educação feminina pregada por Eunice alinhava-se com outras educadoras da época, entre elas, Nísia Floresta, que afirmou, em seu “Opúsculo Humanitário”: “Bem educada e suficientemente instruída para dirigir a educação de sua filha, obterá sempre maiores vantagens, aplicando-se com terna solícitude a inspirar-lhe como emulação o sentimento da própria dignidade [...]” (1989, p. 91). Para Constância Duarte (2000, p. 300), Nísia:

aproxima-se tanto dos positivistas – que defendiam ao mesmo tempo uma ampla educação para a mulher e a limitação de sua atuação nos domínios do doméstico – quanto dos higienistas, que só julgavam necessária a instrução feminina para aplicação junto aos filhos.

Podemos dizer, entretanto, que Eunice também apoiava a instrução feminina de forma que ela pudesse exercer o magistério e ter seu próprio sustento, como a personagem de Inezilha. Eunice não era contra a profissionalização da mulher, pelo contrário. Era certo, na época, que as meninas órfãs, quando não conseguissem um bom casamento, tinham de se sustentar por conta própria. Uma personagem de “Instituto Maria Braz” manifesta-se como epítome da mulher profissional: D. Nair, que se formou educadora e dirigiu um grande colégio em São Paulo. Ela dialoga com a narradora sobre os percalços que as mulheres enfrentavam naquele momento, para obter respeito e aceitação profissional: “Não me impediram de adquirir um diploma mas negam-me hostilmente a liberdade de exercer a minha profissão e reccusam-me o apoio que necessito para proseguir em minha carreira” (p. 60).

Para a educadora Eunice, a mulher vivia distraída com as futilidades da vida. A rotina a enfraquecia, muito embora fosse considerada única responsável pela formação do caráter dos seus filhos. Ela ainda não possuía consciência da condição de sua existência e não fazia uso da liberdade e independência de pensamentos, tornando-se demasiado passiva ao poder dos homens, únicos a guiar os destinos femininos. A mulher que tomasse consciência de seu papel e valor poderia mudar a sociedade através da educação dos filhos, ensinando-os a respeitar as leis, inculcando-lhes noções de moral e fortalecendo-os para não se deixarem levar pelos vícios.

O ideal de educação feminina, para Eunice, vai se delineando também nas páginas de “Instituto Maria Braz”. O principal destaque é para a máxima “instruir não é educar” (p. 54), tomando-se por base os conceitos clássicos de instrução como transmissão de conhecimentos, ao passo que a educação seria a capacidade de dar a alguém todas as condições necessárias ao pleno desenvolvimento de sua personalidade. Eunice explica: “[...] *educar significa estudar, conhecer e dirigir, de acordo com as idéias modernas de igualdade e fraternidade, ao espírito que pretendemos tornar apto a viver feliz*” e “*educar é uma sciencia complexa e della*

depende, me parece, a completa eliminação dos males moraes, inda existentes em a nossa sociedade” (p. 49). Como se nota na p. 36, “*não é bastante que a mulher se instrua, que adquira essa superficial ilustração dos nossos tempos. [...] É preciso que se eduque, que receba ensinamentos próprios a torná-la boa filha, boa esposa e boa mãe*”. E é na fala da personagem de Inezilha Braz, filha adotiva de Maria Braz, que percebemos a finalidade básica do casamento como sendo a constituição familiar e o papel procriador da mulher:

A mulher que não sente dentro o peito a sensibilidade extrema da mãe carinhosa; quenão (sic) pode encontrar encantos na sciencia de ser mãe ou que sente antes vocação pronunciada pela política, pela mathematica, construção de aquedutos, etc., considere-se anormal ao sexo e abraçe, por conveniência geral, o celibato (p. 55).

Eis aí uma visão que confirma não somente a divisão sexual do trabalho mas também com a separação dos currículos escolares nos saberes designados às meninas e aos meninos. A coexistência de diferentes idéias sobre o papel da mulher nesse período fez com que Eunice ensaiasse alguns passos além daqueles pregados por Nísia Floresta - no que concerne à autonomia feminina perante a dominação masculina. Entretanto, ela não vai ao encontro de militantes feministas como Maria Lacerda, Josefina Álvares de Azevedo e a própria Anna Galheto, que lutavam a favor da participação política da mulher e do divórcio.

Ainda, sobre a missão santificada da mulher e sua capacidade intelectual, diz Eunice na voz de Inezilha:

A missão da mulher é tão bella, tão nobre e tão importante, educando seu filho para tornal-o um dia, um elemento activo na sociedade, que Deus creou-a com certeza por isso e para isso, não com capacidade intellectual inferior a do homem, mas com uma capacidade moral muito superior pela pratica constante em que é forçada a viver, da paciencia, da delicadeza, do heroísmo affectuoso e da complacencia abnegada e meiga (p. 183).

A idéia de uma instituição que se responsabilize pela educação e instrução de crianças desvalidas é semeada e discutida entre as famílias de boa conduta e a narradora, ao final de “Scenas Domesticas”. É o indicativo da seqüência da trilogia, o “Instituto Maria Braz”, em

que a mesma narradora engaja-se na Associação que tanto lhe despertou a atenção, gerando inclusive crise de consciência::

Senti-me pequenina, comparando-me naquella instante a almas generosas e grandes que se me apresentava (sic) como salvadoras dos infelizes; espiritos justos que viviam a esclarecer os incultos, corações abnegados que sabiam sempre amar e proteger (p. 18).

O propósito iluminista que invocava a necessidade da educação universal faz parte do ideário euniciano. A preocupação com as camadas menos favorecidas da sociedade e a caridade pública para regeneração do povo transparecem também em “Scenas domesticas”. O diálogo entre Armando e Carmem é esclarecedor, nesse sentido:

[...] O essencial era que essa pobre gente tivesse recolhimentos adquadros (sic) ás suas condições e necessidades e que nessas casas recebessem a educação que lhes é necessaria para o sustento de suas próprias existências, sem recorrerem a esses actos miseraveis que estamos vendo todos os dias.

- Mas quem havia de sustentar esses collegios, que os pobres não podem pagar?

- A caridade publica.

- E o que elles haviam de aprender?

- A serem bons creados, a terem boa moral, bons princípios de educação, boas noções de seus direitos e religião emfim.

- Mas para que?

- Para que? Primeiramente para que não fossem tão desgraçados e miseráveis como realmente são; segundo para que tivéssemos bons empregados, remunerando-os de accordo com o gráo de aperfeiçoamento a que tivessem chegado [...]

O projeto de caridade era calcado em princípios do liberalismo, onde a criada deve ser educada para ser uma boa criada e as mães de família para serem boas mães. A narradora (Eunice), que ouviu e apreciou a conversa dos jovens na trama, parecia apoiar o rapaz de pensamentos tão nobres:

[...] A tua ideia é louvavel e mesmo digna de nota pela precocidade com que se manifesta e isso me alegra muito. Dia a dia eu vejo que não semearam em terreno estéril e que te vais tornar um homem util á sociedade, tal como entendo, devemos ser todos nós. Essa especie de passividade egoísta em que

cahem em maioria os homens, causa-me verdadeiro pezar. É preciso que a imaginação trabalhe e não somente em beneficio proprio mas tambem em proveito dos nossos semelhantes. Já começa a pensar no bem estar do teu proximo e começa cedo; proseguindo nesse caminho do bem e da justiça, unico que nos pode levar á felicidade verdadeira, terás um dia a suave recompensa de Deus (p. 145).

Mesmo sendo o segundo volume dedicado a um Instituto e sua educação formal, Eunice não abandona os preceitos de educação no lar, destacados em “Scenas Domesticas”. Reflete nossa educadora, em “Instituto Maria Braz” sobre a incoerência existente entre a evolução progressista, que vem das academias, escolas e sociedades científicas do exterior, e o atraso doméstico de hábitos tradicionais: “É educação moral o que nos falta; bons exemplos, compenetração e dedicação dos nossos pais” (p. 37). Por haver pais incapazes de julgar o comportamento dos filhos, que perdoam suas inúmeras incorreções, é que se justifica a idéia de que, junto aos pais, o filho dificilmente se educará e a narradora clama às mães:

A educação doméstica, bem feita, é difficil e pertence quasi que em absoluto ás mães. Ora, essas, muita vez não se julgam obrigadas a esta tão grande massada e empurram-n'a a outros menos competentes e interessados (p. 50).

E, na voz de Inezilha, vai além: “A pancada não educa [...] e o pae, que bate no filho, obedece mais ao máo humor que ao desejo sincero de corrigil-o” (p. 56).

Eunice, através de sua narradora em “Scenas Domesticas”, esboça uma crítica à educação formal, tão presente nos questionamentos atuais sobre a finalidade do ensino:

[...] inquestionavelmente grande parte dos nossos males provem da nossa ignorancia sobre factos bem intimamente relacionados a nossa vida e seria bem dispensavel estafarmos uma pobre creança com conhecimentos que lhe não inspiram interesse, taes como definições scientificas, regras grammaticaes, etc. De maior interesse talvez nos fosse, na primeira phase escolar, algumas explicações sobre o porque da vida, os deveres e interesses de nossos superiores, as vantagens de uma boa applicação, a necessidade de procedermos bem, de trabalharmos, sermos úteis, etc... (p. 10-11).

Nota-se, nestes trechos, aspectos rousseauianos e a comunhão de idéias com o pedagogo suíço João Henrique Pestalozzi (1746-1827), fundador da Pedagogia Social ou

Neo-Humanista Social, em que a educação elementar é o desenvolvimento natural, espontâneo e harmônico das disposições humanas mais originais e essenciais; capacidades que se revelam na tríplice atividade da cabeça, do coração e das mãos, isto é, na vida intelectual, moral e artística ou técnica (LARROYO, 1974, p. 583). Além disso, percebe-se o arrojo da autora ao pregar a necessidade de se explicar o porquê da vida para os pequenos, idéia pioneira de filosofia para crianças, que só apareceria difundida nas últimas décadas do século XX e perseverando nos debates educacionais atuais.

Podemos perceber, ainda, qual seria o importante papel da escola, para nossa escritora, através da fala de Inezilha, Diretora de Instrução, na obra “Instituto Maria Braz”:

[...] não se vai a escola aprender unicamente a leitura, o calculo, a geographia. Vai-se tambem lá colher os conhecimentos básicos de uma boa educação. Recebe-se na escola a noção exacta da ordem – quando a disciplina é bem feita. Aprende-se na escola a moral social, sociabilidade, confraternisação e justiça – si o mestre é igualitario e nobre. [...] (p. 47).

A harmonia entre a educação formal e a doméstica é o ponto principal da obra euniciana: “O ensino coletivo – quando bem ministrado – é indispensável ao completo desenvolvimento de um caráter, ao aperfeiçoamento de um espírito, mas não dispensa a educação doméstica que só pode ser ministrada pelos pais” (p. 47). Constantemente, em “Instituto Maria Braz”, Eunice exalta o papel do educador na formação da sociedade, através de trechos como: “A educação é a medicina do espírito” (p.131). O educador em si é mais importante do que o próprio médico, necessitando estar bem preparado para exercer tal função. Portanto, o papel do mestre também mereceu destaque em sua obra, em consonância com o espírito republicano, onde os professores ganharam *status* de apóstolos da civilização ao abraçar uma carreira vista como sacerdócio.

O mestre seria um guia espiritual e moral na primeira fase da vida da criança. “Ao educador cumpre conhecer bem a índole do educando, como ao médico cabe conhecer a moléstia que tem a combater” (p. 56).

Inezilha define a tarefa do educador através do sondar, observar, refletir e adaptar a natureza das crianças aos meios que lhes facilitem e auxiliem no desenvolvimento natural de suas inclinações:

O educador tratará da hygiene dalma, do espírito, do character, do intimo da creança, assim como o medico dirige o bem estar do corpo, a saúde, a hygiene physica. Nós educadores precisamos ser também physiologistas, psicologistas, até mesmo anatomistas e muito principalmente observadores conscienciosos e práticos, para que, sem exageros, sem excessos de gênio, observemos os espíritos confiados a nossa direcção e os apropriemos tanto quanto possível ao que se destinam na sociedade, pelas suas próprias qualidades moraes e intellectuaes. (p. 65-66).

“Inezilha Braz” é uma obra que desvela a triste infância da personagem-título até sua regeneração enquanto filha adotiva de Maria Braz, após abrigar-se no Instituto. Outrossim, a trajetória de vida desta última e seus ideais enquanto educadora são revelados ao longo da trama. Os valores morais difundidos no período e a evolução espiritual e intelectual da protagonista aparecem pulverizados nas correspondências emocionantes entre Inezilha, sua família e Maria Braz.

Muito embora o ensino laico fosse divulgado no Brasil da Primeira República, nossa autora, de forma não confessional, evoca a importância da religião, como neste trecho de “Inezilha”, em que ela lembra Pestalozzi: “A educação intelectual, quando isolada, é pernicioso; o saber deve estribar-se e haurir forças em uma vontade sujeita ao império da religião” (p. 109).

A religião é um aspecto abordado juntamente da ética filosófica, nas palavras de Inezilha: “*Não fazer mal a ninguém e, portanto fazer sempre o bem; perdoar a todos, julgar bem de todos e amparar aos necessitados. Eis a minha religião*” (p. 141); ou ainda: “*O verdadeiro religioso não é o que mora nas igrejas nem o que ostenta as suas crenças e idéias, mas sim aquele que não tem inimigos, não tem queixas, não guarda ódios, não desdenha, não censura e não persegue*” (p. 142). No pensamento religioso, as forças representativas do bem

e do mal, aparecem também no discurso de nosso personagem pródigo das cenas domésticas, Armando:

- [...] Os pobres não são em nada diferente dos ricos; todos são filhos de Deus. O que ha é o seguinte: Deus quer experimentar os homens e sujeital-os a provas para poder um dia julgal-os e ver quaes são os seus filhos verdadeiros e quaes os de Satanaz muito dignos do fogo do inferno. Ora, si não houvesse essa disiguldade de condições e de recursos, não seria possivel uma prova real dos caracteres e dos corações humanos; foi pois esse o meio por Elle adoptado para nos ficar conhecendo. E não sei o que será mais difficil! Si o pobre mostrar-se sempre temente á Deus, no meio da sua miseria, das suas dores, não tendo nenhum acto de desespero, nenhuma revolta, nenhuma impiedade ou si o rico não incorrer nunca no desagrado de Deus, mostrando-se sempre humanitário, trabalhador e consciente dos seus deveres, apezar dos recursos de que dispõe para ser um despota, um preguiçoso e um egoista. Olha, tia Vicência, quer saber duma cousa? Eu temo mais pelos poderosos do que pelos humildes, e Jesus mesmo disse: “É mais facil um camelo passar pelo fundo de uma agulha que um rico ganhar o reino dos Céos” (p. 103-104).

O discurso euniciano de evocar a fé, sem proferir uma religião determinada com dogmas (Rousseau), pode ter sido influência de três eventos: o fato de inicialmente trabalhar com Anália Franco, declaradamente espírita; o ideário republicano de separação entre Igreja e Estado e a filosofia positivista; a origem protestante da própria Eunice.

Em toda a trilogia euniciano o final é sempre feliz. Especialmente, nas duas tramas “Scenas domesticas” e “Inezilha Braz”, o desfecho é redentor. Nesse maniqueísmo pedagógico prevalece o grupo do bem, da moral, da virtude que, a partir de seus esforços, consegue transformar e regenerar os personagens do lado indisciplinado, rebelde e ignorante. Não haveria de ser diferente na ficção didática, cujo objetivo é doutrinar e inculcar valores. No caso do enredo primeiro, Carmem e José sofrem a influência de Armando e Julieta, como modelos a serem imitados. A evolução da personagem feminina, sobre a qual se debruçou Eunice, observa-se nesses trechos:

A pobre menina estava visivelmente preocupada e triste; talvez comprehendesse que nunca conseguiria assemelhar-se á Julieta, embora já trabalhasse sinceramente para isso. O gênio frívolo de sua mãe e as seducções de que se via rodeada para o que é fútil e improveitoso estorvava-

lhe muito o desejo que tinha de se tornar uma menina modesta, trabalhadora e caridosa (p. 137-138).

Elle [Armando] a amava [Carmem] apesar de tudo, via-se bem, e ia conseguindo modificar-lhe o gênio (p. 145).

Era seu amor por Armando que a ia tornando insensivelmente bondosa e meiga, tolerante e boa. Tinha promettido a si mesma tornar-se igual á Julieta porque Julieta inspirava-lhe crueis ciumes. Ella tinha certeza de que a outra, com sua virtude e simplicidade seria muito mais capaz de dominar o moço e lhe inspirar sincero amor do que ella com sua belleza e naturaes encantos (p. 153).

Não sabemos os destinos das personagens principais, além do propósito de transformação do caráter, pois o término do livro consiste na conversa entre a narradora e sua tia, que recrimina os modos do pai de Carmem, dessa forma:

- Numa ou noutra hypothese é um inconsciente, respondeu-me ella, e continuou: Igual á elle ha desgraçadamente ainda muitos!

Era sempre severa nos seus juízos, a minha adoravel titia. (p. 154).

Assim como na obra adotada para leitura escolar, Inezilha é regenerada pela instituição de Maria Braz. Apesar de ter tentando retornar à casa dos pais, não sentiu ali segurança e voltou para o convívio no Instituto. Na carta para sua mãe, transcritos abaixo, é que percebemos a evolução da personagem:

Hoje felizmente sinto dentro em mim o raio de luz que bem se poderá chamar – Graça de Deus – e com elle, acho que conquistei um passo para a verdadeira sabedoria. [...] Eu era sincera no desejo de proceder bem, de ser generosa e leal para com meus semelhantes, mas o que me faltava era essa clareza intima que hoje me leva a comprehender tão bem o que realmente sou, o que realmente devo ser e o que posso esperar dos meus semelhantes. [...] Esses vultos que me serviram de espelho, esses caracteres acima do vulgar que conseguiram dominar a nossa epocha, infelizmente enfraquecida no que de mais caro possuímos – a força intima – o sentimento – o ardor da fé – esses caracteres como dizia eu, embora realmente bem constituidos e bem fortificados em relação aos demais, não eram entretanto isentos de graves erros e de pequeninas faltas, que somadas poderão constituir um terço ou mais de seus intimos, desorganizando assim a harmonia que deve existir no ser humano para que elle possa ser realmente bom, realmente justo e realmente sabio.

A ostentação, a altivez, o domínio material são inimigos de Deus e porisso arrastam quasi sempre o individuo para o caminho errado da crença de que é superior até mesmo ao grande Creador, a quem começa desde logo a

desdenhar e a se desprezar de pedir protecção; eis porque os grandes, embora realmente sabios, grandemente inteligentes e positivamente superiores, podem acabar por se tornarem pequeninos e ignorantes na accepção exacta da palavra e porisso perigosos exemplos e atrozes dominadores.

A vaidade humana não tem limites e para refreal-a constantemente só há um poder sobrenatural que é Deus

[...] Os homens por melhores que realmente sejam, mostram-se ás vezes perversos por fraquezas com que são impotentes; os perversos tem tambem os seus momentos de bondade inexcedível, desde que se lhes toque lá, a sensibilidade do intimo. Portanto, convençamo-nos de que a humanidade não é positivamente má ou boa, como se pretende crêr, mas sim que é positivamente fraca e mais ou menos sujeita ás influencias e tentações; hajam os bons exemplos, existam esses dominadores realmente justos, puros e nobres e o meio em que elles se movem, se purificará também. (p. 122-123).

Para o desfecho da trama, o pai de Inezilha, à beira da morte, reconcilia-se com ela e com Maria Braz. Inezilha se casa com o filho de sua protetora, Dr. Jorge Braz, e viajam para a Europa em lua-de-mel. A narradora, interessada na história de vida que acabou de contar, assim conclui:

Si a achava triste antes de conhecer a sua historia, muito mais dolorosa me seria com toda certeza agora, a impressão daquelle olhar suave e doce, como que a protestar contra a eterna injustiça do destino, atirando-a tão sensível e meiga, num mundo tão rude e tão cruel. (p. 189).

A ficção didática de Eunice coloca em cheque um dos principais dilemas da humanidade: *ser* ou *parecer*? Seus personagens de caráter mais fraco se vêem confrontados pelos bons exemplos, e se deixam influenciar pelos valores éticos e morais que contrapõem a frivolidade do apenas parecer. As personagens Carmem, José e Inezilha praticamente ressuscitam na obra e a “luz” divina somada à instrução bem feita talvez surtissessem o efeito platônico do estratagema da caverna.

Lembrando o estilo de Rousseau, através do formato de romance, essas três obras trazem, para o leitor atento, um apanhado de idéias sobre educação que concretizam o anelo

de Eunice. Através de sua experiência na vida real, ela recriou cenários e personalidades condizentes com seu mundo ideal. Nesse imaginário euniciano, despontam-se os milagres que uma educação bem elaborada e consciente pode realizar por um espírito disperso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eunice Caldas foi, certamente, uma intelectual comprometida com a Educação na Primeira República brasileira (1889 – 1930). Esse período da História do Brasil representou um leque de idéias e teorias com vistas a organizar a nação e guiá-la ao seu progresso e desenvolvimento. Entre elas, a que ampliou as possibilidades de educação para todos, inclusive às mulheres, abrindo-lhes um outro campo profissional: o magistério. Com a paulatina abertura de escolas e, posteriormente, com a criação dos grupos escolares, tornou-se necessário formar cada vez mais professores e era aceitável para as mulheres exercerem uma profissão com características extensivas do lar: a educação dos filhos.

A mulher, assim como os professores “apóstolos da civilização”, passou a ser, então, reverenciada e depositária das esperanças de elevar os futuros cidadãos ao pleno desenvolvimento de seus caracteres e habilidades, através da Educação. Tamanho poder e responsabilidade fizeram com que essas mulheres instruídas – a maioria delas oriundas da elite econômica e do magistério –, exercessem a atividade da escrita em prol de sua emancipação. Surgiu a imprensa feminina e, com ela, uma gama de novas idéias sobre a condição feminina no início do século XX. Entre poemas, artigos sobre educação dos filhos, administração doméstica e moda, alguns desses jornais eram responsáveis por dar voz aos anseios femininos mais arrojados, fosse pela sua emancipação e acesso à cultura, fosse pelo direito ao voto e ao divórcio.

É nesse plano de fundo que se desenvolveu o pensamento de nossa educadora. Convivendo no seio de uma família de irmãos empreendedores e pioneiros (Vital Brazil, Iracema e Oscar Americano), Eunice não poderia ser diferente. Formou-se pela Escola Normal em 1900, ícone do ensino de excelência, e dois anos depois assumiu a direção do primeiro grupo escolar de Santos “Dr. Cesário Bastos”. Enquanto professora, queria “crer na bondade deste mundo” (CALDAS, 1924, p. 52) e se uniu aos ideais de Anália Franco,

fundando uma escola, agora centenária em Santos, para educação dos desvalidos e formação de professoras. Se ela deixou a escola realmente pelo acúmulo de cargos não foi possível comprovar. Sua relação com Anália Franco também não pôde ser esclarecida por completo, mas é provável que esta servisse de inspiração e acesso de Eunice ao círculo literário.

E ao buscar, no exercício de escrever de Eunice, as suas idéias sobre educação e condição da mulher, deparamo-nos com seu movimento “Espírito Feminino” (1915), criado para elevação cultural da mulher e para criar bibliotecas femininas e escolas, sobre o qual não tivemos qualquer informação além das obtidas no jornal e na peça teatral. Isso faz de Eunice um perfil feminino entremeado nas mulheres letradas desse período, tais como Júlia Lopes e Presciliana Duarte de Almeida. Perfil este, aliás, que muito se aproxima de Maria Guilhermina Loureiro, por ser de origem mineira e ter-se tornado protestante, professora e fundadora de escolas, escritora e tradutora de livros, tal como nossa educadora, objeto desse estudo.

Com a confluência de idéias sobre os diferentes papéis da mulher nessa sociedade moderna – o casamento e a família como realização e destino, a luta pelo direito ao voto, pelo direito ao divórcio, o celibato – foi-nos difícil categorizar Eunice como feminista militante da causa. Algumas contradições apontadas em seu pensamento, e até mesmo em sua trajetória de vida devem ser consideradas dentro desse contexto plural sobre a identidade feminina. Prisioneira de uma visão mais tradicional positivista sobre a instrução feminina destinada ao âmbito doméstico, Eunice esboçava alguns passos libertadores, rumo à atuação pública, criando associações e escolas. Ela lutou a favor da tomada de consciência da mulher e de seu papel social, para bem educar os filhos, sendo a educação doméstica jamais substituída pela educação formal escolar. Ao que tudo indica, a benemerência das escolas para crianças órfãs era necessária e urgente, já que as mesmas ficariam privadas de um lar. Outro ponto importante é a visão conservadora da professora Eunice Caldas, no que concerne ao celibato

feminino. Aptidões para a política, a matemática ou engenharia eram consideradas por Eunice como características masculinas, portanto, mulheres que desejavam exercer tais ofícios, deveriam abraçar o celibato. Talvez porque ela fosse da opinião de que a mulher não poderia conciliar a família com profissões desse porte?

Eunice, por sua própria história, foi celibatária: solteira e sem filhos. Acompanhou de perto a formação de sua sobrinha Vitalina, por quem tinha grande estima e parece ter ficado sob o arrimo familiar bastante tempo, ora no Butantã, com Vital Brazil, ora em Santos, com Iracema e seu pai. Não sabemos de seus passos pelo interior de São Paulo, conforme afirmou seu prontuário médico. De qualquer forma, Eunice optou por transgredir no âmbito privado e familiar, ao romper dois noivados que contrariaram seus pais. Podemos até supor que ela tenha sofrido alguma desilusão amorosa, por conta dos versos a seguir (CALDAS, 1924, p. 16 e 17):

*Possuiste, porém, uma outra amante,
Mui terna e delicada, palpitante,
Que te sabia amar.
[...]
Deste-me o seu anel, relíquia imensa,
Pedindo-me com carinho, pensa, oh! Pensa,
Que o teu é o seu olhar.*

Se essas desventuras emocionais a levaram em busca de uma opção sexual alternativa, também não podemos afirmar. Era mais fácil para essas mulheres rebelarem-se em seu próprio meio, não aos olhos do público, como no caso de Virginia Woolf e Gertrude Stein. Pode-se considerar, de fato, que a convivência com a amiga Anna Galheto parece ter sido um lenitivo para Eunice, que em seus poemas, de forma bastante subjetiva, se coloca em situação de martírio, sofrimento e traição, mas que conheceu a felicidade, o amor e a bondade a partir de alguém misterioso (ibid., p. 31):

*Como Job perdi o que amava,
Chorando nessas ruínas do amor.
Como Job fiel ao meu Senhor,
Perdi da vida o sonho que embalava:*

*De subito, porém, alguém se chega;
E que imagem seraphica, divina!
Tem a voz maviosa, crystalina,
E nas faces o bem que não se nega.*

Os ares paulistanos também trouxeram para Eunice um círculo de relações com intelectuais e literatos do princípio do XX. Podemos inferir que seu período fértil de produção literária conhecida (1912 a 1926) se deu justamente a partir da data de exercício de preceptoria em casa de Anna Galheto. Provavelmente, conciliando a preceptoria com a escola noturna no Butantã, pôde também observar de perto a educação realizada no lar e na instituição, refletindo sobre os caminhos do bem educar e da condução de caracteres que culminaram em modelos de filosofia da educação através de sua trilogia literária. Inculcar valores, orientar caracteres e desenvolver habilidades para a vida: todas as carências reclamadas para a Educação no entresséculos sobre as quais Eunice refletiu, tornaram-se ainda mais emergentes, assunto constantemente debatido pela mídia e pelos interessados diretos na formação humana, nessa virada do XX para o XXI. Atualmente, o dilema do *ser* ou *parecer*, recorrente na literatura eunicianiana, configurou-se em *ser* ou *ter*.

A complexidade de ser mulher nesse período legou-nos certa dificuldade em classificar Eunice dentro de uma única categoria. As suas múltiplas atividades – professora, escritora, tradutora, diretora e criadora de escolas – fazem dela mais uma dentre tantas outras que se destacaram no comprometimento com o progresso da nação e com a questão feminina. Eunice gozou de certa projeção pública ao ter um livro adotado pelo governo de São Paulo e também pelas correspondências que divulgou em suas obras. No entanto, o que nos inquietou durante o presente estudo, foi o seu alienamento, aí se entendendo ambos os sentidos de internação e de desaparecimento na História da Educação, da Mulher e da Literatura. Podemos observar que Eunice vivenciou três fases distintas em sua vida. A primeira fase, pública, é da militância e atuação prática no meio social e educacional em seu início de carreira no magistério. Em seguida, Eunice torna-se uma “mulher de gabinete” em que

convive com Anna Galheto, com o meio intelectual paulista e publica seus livros – ela não é mais uma figura pública, mas seus escritos o são. Por fim, a terceira fase é de total reclusão, em que é isolada do convívio social no sanatório em São Paulo e deixa de publicar suas obras. Seus problemas psicológicos talvez fossem responsáveis por torná-la uma pessoa hiperativa, o que justifica a abertura e fechamento de escolas e a pouca permanência de Eunice em seus empreendimentos. Também podemos supor que uma irmã doente e de opção afetiva não convencional limitassem o higienista Vital Brazil a projetá-la mais no círculo público. Não sabemos, por exemplo, se sua viagem pela ABE aos Estados Unidos (e até mesmo aquelas acompanhando Vitalina) era oriunda de um real desejo de aprimoramento pedagógico ou simples “mudança de ares” por conta de suas crises emocionais.

Ainda, documentos esparsos, relatos, fotografias no fundo de uma caixa, uma menção perdida ao seu nome, os livros publicados e uma iniciativa centenária em Santos compõem parte do cenário que clamou nossa atenção para a necessidade de dar “voz” a Eunice Caldas e suas idéias. É provável que, por conta disso, algumas lacunas de sua história de vida não puderam ser completadas nem todas as questões levantadas, respondidas.

Podemos concluir que Eunice era uma mulher de *espírito feminino* e, sobretudo, *humano*, no sentido compassivo do termo, preocupada em disseminar a caridade e a bondade, como ela mesma versou (CALDAS, 1924, p. 53):

*Sorrio a uma criança que saltita;
Acaricio o enfermo que padece;
Beijo as mãos do ancião com que deparo
E em tudo minha alma em amor se aquece.*

Longe de realizar um culto à sua personalidade, a presente dissertação tentou delinear os traços de uma mulher intelectual e ouvir a voz silenciada de Eunice, no início da República no Brasil. Sua trajetória vital (em alguns aspectos, semelhante a outras mulheres da elite urbana), embasada por seus pensamentos sobre a condição humana e a educação, pode refletir uma centelha de luz para outras pesquisas na História da Educação e dos estudos de Gênero,

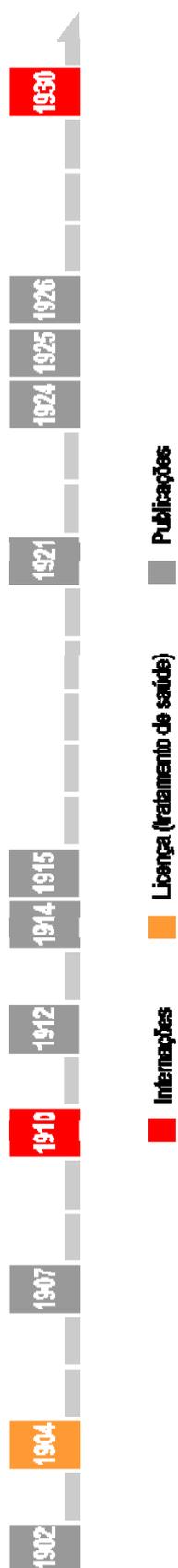
possibilitando talvez, traçar um panorama da atuação feminina nesse período do entresséculos até as primeiras décadas do século XX.

APÉNDICES

Apêndice 1 - Cronologia de Eunice Caldas

1865	Nasce o irmão Vital Brazil Mineiro da Campanha.
1869	Nasce a irmã Maria Gabriela do Vale do Sapucaí.
1870	Nasce a irmã Iracema Ema do Vale do Sapucaí.
1873	Nasce a irmã Judith Parasita de Caldas (Sinhá).
1874	Nasce a irmã Acácia Sensitiva Indígena de Caldas (Vidinha).
1875	Nasce o irmão Oscar Americano de Caldas.
1878	Nasce a irmã Fileta Camponesa de Caldas.
*1879	Nasce Eunice Peregrina de Caldas (15/11 - Lael) ou (13/11 – matrícula curso normal).
1880	Família é expulsa de Guaxupé – MG. Vão para São Paulo.
1887	Família muda-se para o Rio de Janeiro.
1892	Vital Brazil retorna a SP (Eunice o acompanha, segundo Lael).
1893	Iracema casa-se no RJ com o engenheiro Miguel Frederico Presgrave.
1894	Nasce Vitalina Vital Brazil, sobrinha a quem era muito apegada.
1899	Matricula-se no 4º ano do Curso Normal da Escola Caetano de Campos – SP.
1900	Nomeada diretora do 1º grupo escolar de Santos “Dr. Cesário Bastos”.
1901	Filia-se à Associação Feminina Beneficente de Instrução de Anália Franco. Vital Brazil é nomeado diretor do Instituto Butantã.
1902	Funda em Santos a Associação Feminina Santista, ligada à Associação de SP.
1903	Pede desligamento da Associação de SP.
1904	13/10 – pede demissão do cargo de Diretora-Geral de Instrução da Assoc. Fem. Santista por acúmulo de função com o grupo escolar.
1907	Publica “Scenas domesticas” – 1ª parte de uma trilogia sobre educação no lar (seria 1ª obra?).
1908	É nomeada professora normalista de turma mista na Escola Isolada Noturna do Butantã, criada por Vital Brazil.
1910	É internada no Hospital Psiquiátrico de Juquery, de janeiro a abril.
1912	Viagem à Europa (com Vitalina?). Em Berlim é publicado “Instituto Maria Braz” – 2ª parte da trilogia. Preceptora de Flávia Galheto, neta da sufragista Anna Amália de VillaLobos Galheto, sua grande amiga.
1913	Morre Mariana Carolina, sua mãe em 24/01. Em 08/03 morre a mãe de Vitalina, sua cunhada.
1914	Termina a trilogia com “Inezilha Braz”.
1915	Publica “As moças da moda” (peça educativa).
1916	Abre inscrições para o Collegio Eunice Caldas, em SP.
1918	O Colégio E. C. passa a se chamar Collegio Esmeralda.
1919	Deixa a escola isolada do Butantã.
1921	Publica “A pequena Sensitiva” (livro infantil).
1921	Concorre a prêmio na ABL com monografia sobre o ensino no Brasil.
1924	Publica “Amphitrite” (antologia poética). Passagem por Águas Virtuosas.
1925	Publica “Paiz Fulgurante” (contos). Está no RJ em 7/9.
1926	Publica “Brazil”. Foto em Santos com Anna Galheto.
1927	Um cartão postal de Paris de posse da família de Anna Galheto pode demonstrar que ainda permanecia com a família.
1930	Participa da comitiva da ABE (14/01) para os Estados Unidos.
1930	21/02 – Deu entrada no Sanatório Pinel de Pirituba. Segundo Lael, estava acompanhada do sobrinho, desembarca no Brasil em fevereiro, amarrada em camisa de força.
1931	Morre em Santos seu pai, José Manoel (13/05).
1944	É transferida do Pinel, pelo seu fechamento, ao sanatório Bela Vista, em São Paulo – Capital.
1947	Morre a irmã Iracema, em SP.
+1967	Eunice morre no Sanatório Bela Vista, em 31 de julho.

Apêndice 2 – Linha do tempo relacionando as publicações e os períodos de internação de Eunice



ANEXOS

Anexo 1 – Carta de Eunice Caldas confirmando o afastamento da Associação Feminina Santista (5 de novembro de 1904).

Em 5 de Novembro de 1904.

Ca. ^{mas} 4.^o

Respondendo ao vosso officio de 4 de corrente, em que me communicas as honrosas deliberações da illustrada Congregação a meu respeito tomadas, devida-se vos surprehendida me achar com o facto, visto em minha causa a reunião de 3, ter patenteados o desejo de não me alhar este anno aos julgamentos e trabalhos do Lyceu Feminino Santista.

Confirmando o que vos disse em minha carta, peço que vos digeis communicar a M. D. Directora Geral que continuo na intenção firme de me excluir em absoluto, pelo menos temporariamente de todo e qualquer intervenção nos destinos da Associação Feminina.

Se o tempo me poderá dictar uma conduta mais definida relativamente ao maior ou menor interesse com que deya me dedicar a causa.

Esperemos pois e esperando permittam-me este retratamento. Eis o que vos peço transmitir a Presidente e Membros da Congregação de que sois minha digna Secretária.

Saude e Fraternidade

Ca. ^{mas} 4.^o D.^{ca} Lucy Pinheiro
D. D. Secretária do Lyceu Feminino Santista
A. Proprietária
Eunice Caldas

Anexo 2 – Carta de afastamento da professora Adelaide Britto da Associação Feminina Santista (13 de outubro de 1904)

Emras
x- S^{as}
 m-

Sabeendo a digna Directoria da Associação Feminina a uniao de ideias que existe entre mim e a Directora Geral, hoy desligada dessa buemrita instituicao, não pode absolutamente esperar que continue eu a prestar o meu concurso, por ter sido elle até hoy um sacrificio a que me obrigava mais o sentimento de uniao e affecto - que a illuzão de aspirações bem compensadas.

Considero-me pois, exonerada e junto a essa exoneracao o mais ardente voto de progresso, a Associação Feminina.

Saude e Fraternidade
Santos, 13 de Outubro, de 1904

A^s Em^{as} S^{as} Directoras da Associação Feminina Santista.
Adelaide Britto

Arquivo do Liceu Santista

Anexo 3 – Documento de apoio da maçonaria

GR. OR. DO ESTADO DE S. PAULO



Sob os Ausp. do Gr. Or. e
Sup. Cons. do Brasil

Secretaria da Loja Braz Cubas, em Santos,

12 de Novembro de 1902

N. 49.

Com.ª Sua.

Cumprindo a promessa feita no officio que vos dirigi em 24 do mto p. passado, accusando o recebimento do vosso, venho dar-vos conhecimento da resolução tomada por minha Loja a proposito da communicação que lhe fizestes.

Sendo o intuito da generosa Associação de que sois digna presidente nesta cidade tambem um dos da Maçonaria, a nossa Loja não podia deixar de acolher com o maximo interesse as vossas justas solicitações.

Cumpre-me pois, admitir-vos que podeis contar com todo o apoio possível da minha Loja que embora não podendo fazer, actualmente outra coisa pela vossa sobre instituições concede-lhe a sala da rua Floriano n. 4, onde funciona a sua Escola, afim de que tambem, durante o dia possam nella funcionar as aulas da Associação Feminina.

Queria V. Ex.ª aceitar os meus protestos de alta veneração.

A' Com.ª Sua. D. Eunice Caldas, M. D. Presidente
da "Associação Feminina e Instructora"

M. Pompilio dos Santos
Secretario

Anexo 4 – Ata da Assembléia Geral da Associação Feminina Santista
(13 de maio de 1903)

Ata da Assembléia Geral
da Associação Feminina, em 13
de Maio de 1903.
Presidencia da Com. Dir.^a Sr.^a Eunice Caldas.

Noz 13 dias do mez de Maio de mil novecentos e
trez em a sede da Associação Feminina em pre-
sença dos membros do Conselho administrativo rea-
lisou-se a Assembléia Geral onde foram discutidas
as bases principaes para organisação de novos
Estatutos.

Ficou deliberado a nomeação de uma Commissão
para esse fim, que ficou composta dos benefite-
res que tiveram parte na discussão a saber:
Sr. Adolpho P. Assis, Sr. Vicente de Carvalho, Sr.
Montz-sohn, Sr. Abiquil Prograve, Adolpho Milton,
João Vicente Maranhões.

Nada mais havendo a tratar se levantou-se
a sessão.

Santos, Sede da Associação, 13 de Maio de
1903.

A Presidente Eunice Caldas
A Secretaria - Adelaide Brito
Tracema Prograve

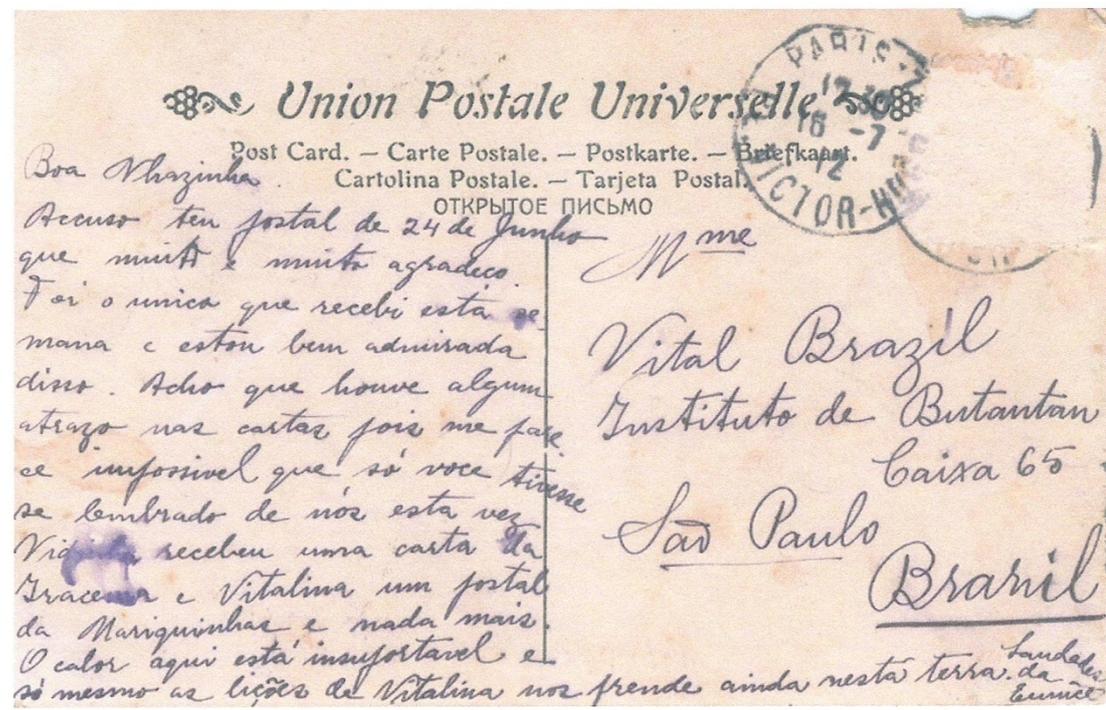
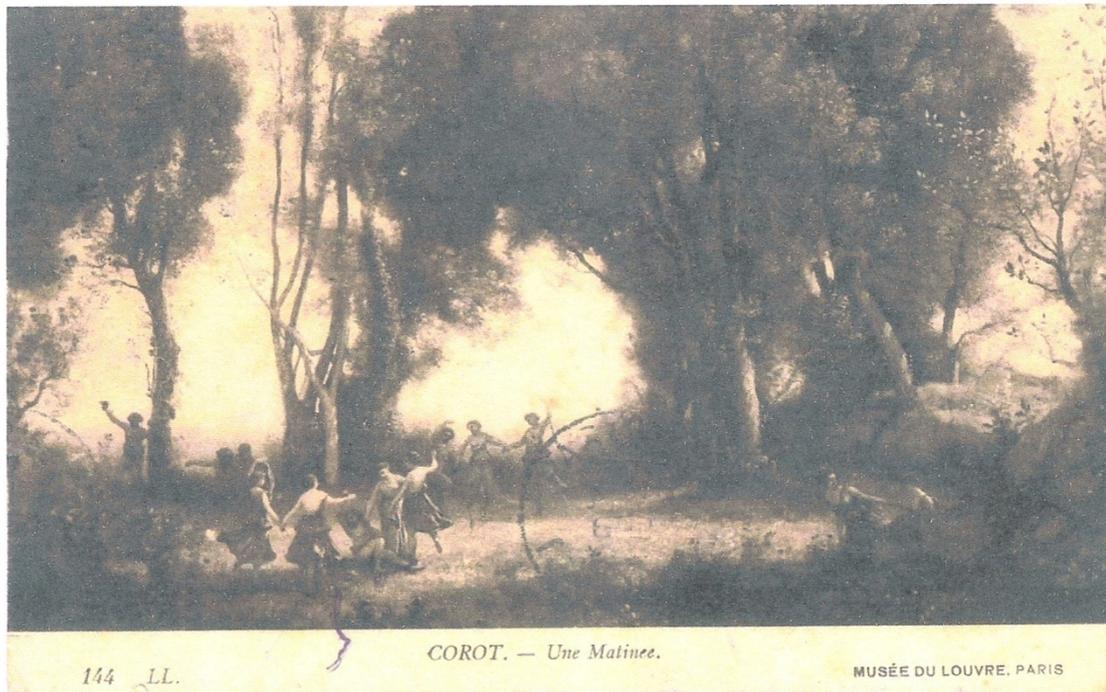
Arquivo do Liceu Santista

Anexo 5 – Eunice Caldas em 1910



Foto dedicada às sobrinhas Alvarina e Vitalina, em 2 de abril de 1910. Reproduzida em pintura, o quadro consta do acervo do Liceu Santista. Arquivo de Rosa Esteves.

Anexo 6 – Cartão Postal de Paris



Cartão Postal de Eunice à esposa de Vital Brasil, postado em 16 de julho de 1912.
 Acervo de Rosa Esteves.

Anexo 7 – Cartão de visita de Vital Brazil



Cartão de Vital Brazil à sua irmã Eunice, de 9 de março de 1924.
Acervo de Anna Glória.

Anexo 8 – Eunice Caldas em 1921



Acervo do Museu Vital Brazil, Campanha, MG.

Anexo 9 – Eunice e Anna Galheto



Eunice e Anna Galheto no Rio de Janeiro, 1924. Acervo de Anna Gloria.

Anexo 10 – Fotomontagem cronológica de Eunice



Realizada por Rosa Esteves.

Anexo 11 – Carta de Anna Galheto a Ana Osório

Pálidas sombras desenham-se como espectros, surgindo avassaladoras, irriquietas, do cenário multiforme e inquisitorial onde se agitam e debatem tempestades horríveis: - todas as manifestações sórdidas do orgulho, da soberba, do ódio e das ambições mal sofreadas por temperamentos que se amalgamam na luta cotidiana, que vilmente lhe proporciona tudo quanto falta aos humildes, aos bons que são ainda as vítimas indefesas, imoladas no lodaçal de todas as prepotências ignóbeis!

Pálidas sombras se agitam e rodeiam o meu leito: leito vazio de afectos onde a viuvez apenas encontra o vácuo das grandes desilusões!

Os esgares e ameaças que em surdina proferem não me aterrorizam, porque a minha consciência, tranquila e calma, está na posse da mais segura resistência.

Eu não tolero a mulher egoísta, cheia de pretensões e vaidade: eu não tolero a supremacia de seus defeitos, prefiro estar só lamentando a ignorância que não pode conquistar foros de inteligência: que não pode como a pedra bruta, submeter-se do camartelo da civilização. Finalmente, eu não tolero estes seres que se julgam superabundantemente instruídos - humilhando com a sua sapiência aqueles que não se deram a conhecer, para não ir de encontro a sua modéstia - a única virtude que sublima e faz realçar o merecimento de quem a possui.

É noite! Minh'alma ascende aos páramos inifinitos onde a mentira não tem foros de sapiência, e a verdade esplende em toda a plenitude de seu poder soberano.

Tudo é enigmático neste ambiente toldado de nuvens tão acanhado para as irradiações do verdadeiro sentimento que por si só realizaria os ideais mais puros e capazes de revolucionar o mundo condignamente, se não existisse a má vontade dos homens que nem sempre pode ser repelida...

Tudo para mim é degradante quando não há ajuste a um molde que sirva de paradigma a todos sem exceção, porque em geral, o descontentamento provém da desigualdade que impera despoticamente como a maior das tiranias.

... Mas os paroxismos de meu espírito não se confundem com os da gente torpe, nem são vulgares, tem o anseio das nobres aspirações e exaltam-se em demasia de novos prismas, em harmonia com o meu pensar e sentir.

Acervo de Anna Gloria.

Anexo 12

Amphitrite (1924)

Poesias soltas

Visita

*Estava eu sangrenta, lamuriosa,
Com a alma desfeita em mil pedaços.
Meus sentidos semelham-se a palhaços
Que choram e que riem em voz dolosa.*

*Tinha a alma perdida na incerteza
De uma vida que não gozei outr'ora.
Uma vida perdida a cada hora
Por Destino cruel a que fui preza.*

*Soffria desenganos de matar.
Não tinha já mais crenças; esvaira
A amizade fiel que me traira,
Num enlevo dulçuroso de encantar.*

*Sem amigos, sem fé, sem esperança,
Calcava aos pés o meu nobre castello.
Castello de mil sonhos, sonho bello,
Que edifiquei real, como creança,*

*Que não prevê os ventos, os arrepios
De víboras satanicas do mal.
Construio-o na areia e afinal
Eil-o que desmorona em atavios.*

*Fui traída, na Sorte maltratada,
E chorava a cruel desolação.
Tinha tido de Job igual lição
E seria talvez tão despojada.*

*Como Job perdi o que amava,
Chorando nessas ruínas do amor.
Como Job fiel ao meu Senhor,
Perdi da vida o sonho que embalava:*

*De súbito, porém, alguém se chega;
E que imagem seraphica, divina!
Tem a voz maviosa, crystalina,
E nas faces o bem que não se nega.*

*Acaricia-me, affaga-me, consola,
Dá-me o calor que não sentia então:
Dá-me tudo que tem em profusão.
Dá-me de um affecto grande, a grande
esmola.*

*É uma visão seraphica, divina,
Que tem pruridos de rempção.
Mas, infeliz, perdido o coração,
Entreguei-me da dor á triste sina.*

*Repelli a visão grata e gentil,
Não comprehendendo o seu celeste
império
Tratei-a com rancor, ó anjo etherio,
Que morreu na amargura tão subtil.*

*Vendo-a cahida, exangue, por meu braço,
Reconheci a imagem do Amor.
Era tarde, porém, tão grande dor
Cravara-lhe um punhal em terno abraço.*

*Consumida na morte desse Amor,
Figura graciosa que sonhei,
Com paciência sómente alcançarei
A purificação na propria dor.*

*Eu viverei humilde e dedicada
Aos que soffrem e choram sem saber,
Que teremos um dia de vencer
Essa trajectoria por Deus traçada.*

*Temos também de reflorir no Céu.
Puras, felizes, divinaes até!
É que só o Amor e a grande Fé
Romperão do mysterio o denso véo.*

Caprichos

*Eu quizera vestir-te qual boneca,
Cobrindo-te de sedas e velludo,
E depois, sobretudo,
Amar-te, amar-te, amar-te.*

*Eu quizera fazer o teu retrato
Sobre fundo dormente de setim.
E depois, oh! emfim,
Mirar-te e remirar-te.*

*Eu quizera fazer o teu seio meu,
Crival-o de broqueis, extravagancia,
E depois com abundancia,
Beijar-te e mais beijar-te.*

*Quizera construir o meu castello
De finas arcarias de crystal,
E só para meu mal,
Encerrar-te, encerrar-te.*

*Quizera que meus olhos dulçurosos
Fossem fontes perennes de ventura,
E nelles, ó creatura,
Afogar-te, afogar-te.*

p. 34 a 35.

A Duvida

*A duvida é visão que te acompanha
Infatigavel, má, destruidora.
E toma em ti uma proporção tamanha,
Que a vida de supplicios enthesoura.*

*Essa imagem fugaz de negras vestes,
Que virtudes simula ao teu olhar,
Vejo-a perfeitamente quando despes
O manto que te envolve nesse mar*

*De agonias, desprezos e revoltas,
Que tanto, tanto te provocam dor.
Reconheço-te da tormenta ás portas,
Simplesmente porque descrês do Amor.*

*E é ella, essa sombra traiçoeira,
Que te adelgaça o animo viril.
E infelizmente a dor, a pegureira
Te tornará assim vida senil.*

*Arfando o seio em brandas, tentadoras
Caricias de uma vibora mordaz,
Reveste-te o peito em traidoras
Mentiras que te canta o Satanaz.*

*O mundo é só um antro de miserias;
Os homens tentadores crocodilos;
As crenças perigosas panaceias,
De dores que pesam como kilos*

*De pedras, afogando as alegrias.
E não queres que eu viva temerosa!
Que as desillusões assim tão frias
Te ensanguentem a alma desditosa.*

*É visão que abomino essa da Duvida.
Quizera ver distante do teu vulto.*

*Rosto risonho, folgazã, que duvida,
E entregue do Amor ao terno culto.*

*Si rio pensas logo que é de ti;
Si durmo é que detesto o teu amor;
Si penso, penso só no que soffri;
Si calo, estou repleta de amargor.*

*Nunca a esperança te visita a alma;
Jamais alguma fé te seduzio.
É ella, que te rouba essa calma
Que meu amor por ti introduzio.*

*Mata essa duvida que te atormenta
E crê na realidade da alma pura;
Na fé nossa alma se aviventa;
Podemos ser felizes, creatura.*

*Que gozemos, emfim, de um grande amor,
Serenas, confiantes e tranquillias;
Que eu não veja jamais com tanta dor
A duvida cravada em tuas pupillas.*

*De rosa e manacás será a vida,
Hymno de gloria ao excelso e livre Amor.
Não há nada para mim tão preferida
Como a historia que nos conta a linda flor.*

*Nasce botão, fechada, mysteriosa.
Abre-se aos beijos calidos do Sol.
Depois ridente, meiga, pressurosa,
Desfaz-se como aurífero crysol.*

*Da pela vida o fructo que gerou
E evola-se feliz no Firmamento.
Essência que subtil se transformou,
Sem um suspiro, um ai, sem um lamento.*

Confissão

*Eu nunca pude ser feliz.
Previendo embora, a felicidade,
Naquella doce e pura idade
Em que o futuro tem matiz.*

*Eu era simples, simples creança,
Tendo no seio a crença pura
De que a humana creatura
Tem nesta vida uma bonança.*

*Cri piedosa em recompensas,
Porque o bom Deus quer á Virtude
E na penumbra do ataude
A luz refulge com differenças*

*Para os que passam deste mundo.
Pensando assim eu encerrava
Todos meus actos, tudo que amava,
Num só anhelos, o bem profundo.*

*Desejo vivo e mui sincero
O de agradecer ao Creador,
Prá que do sonho, a minha flor,
Do Céu fruisse o reverbero.*

*Oh! coitadinha! que historia tão dorida
É a da Virtude no intangível hausto
Em que repelle o gozo, todo o fausto,
E só procura a dor, qual preferida.*

*Suppõe que os homens todos sabem disso
E que a lição do bem, bem comprehendem.
Que á magna Virtude surpreendem
No exemplo salutar que nos deu Christo.*

*É illusão, tudo illusão; um sonho
Que se apaga mordente no scenario.
E lentamente se avista o campanario
Onde paira o espectro desse sonho.*

*É o profundo abysmo, é a cisterna
Em que vomitam chufas e impropérios.
Porque galgar dos céos os são imperios
Em vez dos gozos numa ancía eterna,*

*Tentarmos desfructar em toda a vida?
Então começa a analyse de si proprio;
E a alma soffredora em cornucópia*

Derrama como flores, commovida,

*As dores de um passado tenebroso,
Analysando, emfim, bem comprehende
E de tudo a grã razão surprehende
Num esto de triumpho portentoso.*

*É a conquista da dor sobre o prazer;
É o triumpho da fé no coração;
O passado é apenas a lição
Que viemos ao mundo receber.*

*Tudo que é gozo é simples artifício,
Illusão para incautos prmitivos
E desta vida aos intrincados crivos
Não se faça do tempo um desperdício.*

*Hoje que faço clara a revisão,
Vejo que a dor é o que mais nos alegra,
Pois coragem ao intimo segrega.
E da-nos da experiencia são razão.*

*Ser bom é um prazer; e no soffrer
Talvez que unica ventura existe.
Verdadeira alegria só consiste
Em dar ao nosso próximo um prazer.*

*Devemos dar e dar abertamemte,
Sem cautelas, sem sustos nem pezares;
Viver despreocupada, com vagares,
De quem em Deus confia realmente.*

*Sonhar, sonhar porem de um outro modo;
Não castellos e fadas portentosas;
Prever no céo espheras mysteriosas
Que nos libertem deste mundo lodo.*

*Em miséria, em dores, apparencias,
A carne não nos deixa ver a luz,
Aquella que benefica produz
Doçuras que alma sente, sem exigencias.*

*Da materia que implica o sacrificio.
Amigos, vede a vida diferente.
E não julgueis que é alma impertinente
Que vos mostra da vida o sacrificio.*

p. 42 a 45

Anexo 13 – As moças da moda (1915)



BIBLIOTHECA MAGNOLIA
::: CONTOS INFANTIS :::

AS MOÇAS DA MODA

POR
EUNICE GALOAS
ORGANISADORA DO
"ESPIRITO FEMININO"

1915
POCAL WEISS & C.
S. PAULO

SCENA I

*Uma sala de visitas.
Um criado de espanador
em baixo do braço, de
mão no queixo.*

*Uma senhorita gentil e
esperta arranjando as flô-
res em uma jarra e mo-
nologando.*

Que vida! nesta azafama.

Que correria sem fim.

Arrumo salas e cama.

Nada aqui se faz sem mim.

Que vida! que burlandeira!

Ser senhorita gentil

Não é uma brincadeira.

Tenho deveres e mil.

"O ESPIRITO FEMININO"



ASSOCIAÇÃO QUE TEM POR FIM CON-
GREGAR TODAS AQUELAS QUE SE IN-
TERESSAM PELO PROBLEMA SOCIAL —
A EDUCAÇÃO FEMININA E OS DIREITOS
DA MULHER NA SOCIEDADE

E si houvessem creados!
 Mas qual, são só paspalhões.
 Vêm para pagar pecados.
 Ah! vivem aos empurrões.
 A tudo tenho de vêr,
 Pois elles de nada entendem.
 E' um viver a correr,
 Porque não me comprehendem.
 São tratantes, mandriões,
 De nada querem saber.
 P'ra comer — espartalhões!
 P'ra dormir — é só poder.
 E quando falo zangada,
 Logo lampreiros — Senhora

O CREADO

Minha senhora
 ELLA
 Massada!
 E' Senhora a toda hora!
 Não te preciso, trabalha
 , Espana os moveis direito.
 O CREADO
 E ralha, ralha, que ralha,
 Quer um creado perfeito!

ELLA

Tive grande trabalhadeira
 Com o arranjo desta festa!
 Crêr em creados, asneira.
 Isto é gente que não presta.
 Quem lhes deu intelligencia?
 Ninguem, nem Deus pensou nelles.
 E' fazermos diligencia
 Por suprir a falta delles.
 Uma joven como eu sou,
 Gabada em todas as rodas,
 Que nunca de figurar deixou,
 Nas folhas e rigor das modas,
 Não ha de se deixar ficar
 Relaxada, si tem gosto.
 O remedio é trabalhar
 Mesmo com certo desgosto.
 Si ha copos mal lavados
 Ou camas mal arrumadas
 Ou vidros embaciados.
 Dizem logo (almas damnadas!)
 Rosinha não se envergonha...
 Que horror se falar assim!

Rosinha não se envergonha!!
Oh! que horror, pobre de mim.

Ao Cirado

Vamos! acaba o asseio.
Lá dentro ha muito a fazer.

O CREADO

Senhora, quebrar receio
Porisso não vou correr.

ELLA

E' proza e razões de sempre.
E eu que corra, não é?
E' uma esplendida trempe!
O Dú, a Suzã e o Zé.

*Voltando se para a sua
arranjanção de flôres.*

Estas flôres, que primor!
E serão arranjadinhas
Com todo o esmero. A flôr,
Oh! galantes amiguinhas,

Tem valor particular.
Bellas, vivas, ou cheirosas,
Quero a todas colocar
Mostrando que são formosas.

Com elegancia e bom gosto,
Sou chic, todos confessam.
Trago tudo bem disposto,
Caprichos não me contestam.

Nem podem imaginar
Como aprecio a elegancia!
E si me querem julgar...
Confesso-lhes que a distancia...

*Oltar malicioso. Escru-
tando.*

Mas ouço que chega alguém.
O meu doutor, com certeza.
Como elle não ha ninguém,
Para chegar de surpresa.

Alla

Quem é? Quem ali está?
Não me responde ninguém?
Vou espiar, já e já.
Oh! oh! quem é? quem é? quem?

*Valta trazendo pela mão
uma sua amiguinha que
chega acompanhada pelo
irmão. Reparando-lhe mi-
to na toilette chic e ele-
gant.*

A VISITANTE

Um abraço então não dás?

ROSINHA

Oh! que faceira que estás!
E' gentil a figurinha.

A VISITANTE

Pois minha cara amiguinha
A vida minha é feliz.

ROSINHA

Que linda quando assim diz.
E está assim tão bem!

A VISITANTE

Expansões de quem não tem
Razões p'ra gabos me dar.

ROSINHA

Mas pode alguém não gabar?
Si te aprecia assim tanto!

A VISITANTE

Ora, ora, que encanto!
Das faceiras tenho horror.

ROSINHA

Oh! não diga, minha flôr.

A VISITANTE

E' certo, vou te contar.

ROSINHA (á parte)

Que irá ella me falar!?

Fim da primeira scena

SCENA II

A visitante se levanta e começa a falar. Rosinha sentada, tem só umas exclamações de espanto e no olhar ves-se-lhe a admiração.

O rapaz é convencido e comico.

A VISITANTE

Sou senhorita de bom gosto,
Sou moderníssima amiguinha.
Não tenho da vida, desgosto,
Sou livre como uma avesinha.

ROSINHA

Da liberdade tens o dom?

O IRMÃO

Tem! e veja como é tão bom!

A VISITANTE

Sei respirar com plenitude,
Trago fortíssimo o coração.
Preciosa é a minha saúde,
Sei evitar a commoção.

ROSINHA

A tua hygiene é do actual bom tom?

O IRMÃO

E' sim, e isto é muito bom!

A VISITANTE

Muito cedinho me levanto.
E ao campo corro á procura
De bons ares; e é um encanto
Que encontro ali, oh! creatura.

ROSINHA

Ser forte e bella é o teu dom!

O IRMÃO

Pois ir ao campo é muito bom!

A VISITANTE

Tambem nado num rio proximo
E depois me vem o appetite.
Ao almoço se faz acressimo
Todos os dias — acredite.

ROSINHA

Da actividade tens o dom.

O IRMÃO

O seu trabalho é muito bom!

A VISITANTE

Passar a cavallo, um regalo!
Sou agil, forte e decidida.
Desses passeios, nem te falo.
Goso realmente esta vida!

ROSINHA

São as diversões do bom tom?

O IRMÃO

De certo, passear é tão bom!

A VISITANTE

A fome? Nem tu imaginas
Com que appetite regresso.
E ganho umas côres divinas!
Que não são de falso processo.

ROSINHA

Como as do antigo bom tom.

O IRMÃO

Pinturas não é mesmo bom!

A VISITANTE

Movimentos com o corpo faço.
Braços, pernas, move-se tudo.
Com presteza um circulo traço,
E sou robusta sobre tudo,

ROSINHA

A robustez é bello dom.

O IRMÃO

E tudo isso é muito bom!

A VISITANTE

Aspiro o ar completamente,
Exercitando o meu pulmão.
Compreendo perfeitamente
A completa respiração.

ROSINHA

Quero conhecer o bom tom.

O IRMÃO

Saber é sempre muito bom!

A VISITANTE

Sou forte, comprehendo a vida,
Sei ter saude e actividade.
Si queres, segue-me querida,
Terás na vida a felicidade.

ROSINHA

Com essa hygiene de bom tom?

O IRMÃO

Então!? é tudo muito bom!

A VISITANTE

Dos orgãos o funcionamento
Comprehendo, alcançará
Na vida um aperfeiçoamento,
Tal, que jamais enfermarás.

ROSINHA

Terrei da saude o bom tom?

O IRMÃO

De certo, e isto é muito bom!

A VISITANTE

Caminharás correctamente.
Sabendo o bem e o mal que faz.
Vestirás hygienicamente.
De abusos, não serás capaz.

ROSINHA

Como tantas do antigo tom!

O IRMÃO

Pisar direito é muito bom!

Fim da segunda scena

SCENA III

Rosinha acorria a amiga.

Estão em pé.

*Entra um joven des-
percebidamente e intra-as
com curiosidade*

*Não é apercebido pelas
moçinhas.*

ROSINHA

Recitas tambem amiguinha?

A VISITANTE

Sim, eu sei tambem recitar.

Piano sei tocar, Rosinha.

ELLA

Oh! sabes piano tocar?

O JOVEN

á parte

Psiu! que bella! assim coradinha

Está mesmo de captivar!

ROSINHA

Eu sou então moça moderna,
Piano também sei tocar.

A VISITANTE

Hoje em tudo ha uma luta eterna!
Busquemos progresso alcançar.

O RAPAZ

á parte

E' que agora a mulher moderna,
Quer por força nos emitir!

A VISITANTE

Com que então vaes já tocar?

ROSINHA

Si descjas irás primeiro.

A VISITANTE

sorrindo

Não, não, irei finalizar.

ROSINHA

mui terna

Tens um arsinho zombeteiro!

O RAPAZ

Zomba, não ha o que duvidar.
Assim captiva o mundo inteiro.

Rosinha senta-se e executa uma peça.

A visitante dá com os olhos no recém-vindo que se põe a narra-la e mostra-se a principio surpresa, depois esquivar.

O irmão escuta attento a musica. Nada vê.

Rosinha levanta-se do piano com modestia.

ROSINHA

Bem ves, não sei executar.

A VISITANTE

Oh! vaes muito bem, amiguinha.

Só precisas te comportar

Mais garbosamente, Rosinha.

O RAPAZ

á parte

Oh! oh! como sabe falar!

Tem tão agradável vosinha!

ROSINHA

bateudo no hombro da amiguinha.

E agora chegou a tua vez.

A VISITANTE

Por certo que não fugirei.

Embora aqui esteja um freguez
Que critico é, jurarei.

O RAPAZ

adiantando-se e cumprimentando ás senhoritas, curvo-se á visitante.

Eu vos juro por uma vez.
Um critico, nunca serei.

A visitante vai tocar. Todos ouvem-na attentos.

Fim da terceira scena

SCENA IV

Estão em scena aplaudindo á pianista, quando entra uma pequenina de polheta e puzêis na mão. Vem rindo-se e põe-se a contar aos circumstantes.

Oh! oh! oh! oh! oh! oh!

Que desgraça veio agora

A pintura atrapalhar.

Foi meu bichano Loló

Abraçar-me nesta hora

E quer por força pintar.

Pula-me na tela e záz.

Lá se vão tintas, pinceis.

E o pobre sahe a gritar.

Oh! bichano ferra-braz,

Si te dou os meus paineis

E's capaz de os copiar!

L

A VISITANTE

Oh! sabes então pintar?

A PINTORA

E' certo, sou retratista
Habil caricaturista
Hei de me immortalisar.

A VISITANTE

Oh! pequenina e galante!

A PINTORA

Sou grande na habilidade.
Pinto com facilidade
A figura de um gigante.

A VISITANTE

Toda a arte é de bom tom.

O IRMÃO

E tudo isto é muito bom

A pintora zombando do rapaz.

Tudo isso é muito bom!?

Oh! oh! oh! oh! oh! oh!
Que tratante que tu és!

Diz-me assim com *sans façon*.
Que é bom que o meu Loló
Sobre as tintas metta os pés!

A pintora começa a cantar e dançar.

Sou faceira, ligeirinha.
Sou galante, faceirinha.
Sei mover minha sainha,
Sei mexer tambem com os pés.

Gargalhando

Oh! que tolo que tu és!
Oh! que tolo que tu és!

Sei pintar com inspiração.
Sei dançar com perfeição.
Sei estudar minha lição,
Sei contar até os dez.

Gargalhando

Oh! que tolo que tu és!
Oh! que tolo que tu és!

Nesta walsa não me ganhas.
Nestes pulos não me apanhas.
Estas voltas não acompanhas,
Ligeirinhos tenho os pés.

Gargalhando

Oh! que tolo que tu és!
Oh! que tolo que tu és!

Tudo isto é muito bom!
Tudo isto é muito bom!
Diz-me assim com *sans façon*,
Que Loló me metta o pés
Oh! que tolo que tu és!
Oh! que tolo que tu és!

Fim da quarta scena

SCENA V

O doutor toma a palavra.

Rapaz que se preza de elegante, de intelligente, de sabio.

Quer ser gentil. Fala com emphase.

A mulher é o aroma subtil,
Que emana da rica natureza,
Que lhe dá encanto e alegria.
A mulher é o ente mais gentil,
Que por immensa graça e belleza,
Completa os esplendores do dia.

Oh! encantadoras amiguinhas,
Quero muito vos certificar,
Que pela vossa propria fraqueza,
Sois do Creador mais queridinhas,
Dominaes aos homens sem cessar,
Com prodigiosa subtileza.

A PINTORA

Não gosto de ouvir falar assim!

ROSINHA

Pois quer fazer-nos acreditar
Em nossa infelicidade!?

A PINTORA

E a arte!?

A VISITANTE

Deixem a solução para mim.
Ao doutor saberei demonstrar,
Que o que está dizendo é disparate.

O DOUTOR

Disparate! é isso que me diz!
Quer passar-se ao sexo masculino,
Nossa rival então ha de ser?

A VISITANTE

Quero saber si tenho nariz.
Defender o Espírito Feminino,
Direitos na Sociedade têm.

O DOUTOR

Oh! bello, vão ser umas doutoras!
Defenderão causas femininas,
Aos homens hão de aborrecer.

A VISITANTE

Não senhor, umas reformadoras.
Melhorando as cousas pequeninas,
Vão o porvir, de flores, guarnecer.

O DOUTOR

Bem, vejamos então, seréis justas!
Podereis a justiça entender?
Libertar-vos-eis do coração?

A VISITANTE

Não seremos assim tão estultas!
Necessidade havemos de ver,
Da nossa perfeita correção.

O DOUTOR

Podereis penetrar a sciencia?
O direito, o caminho seguro,
Do livre e do justo proceder!?

A VISITANTE

Si trouxemos pura a consciencia,
Quando nos impunham esse tão duro
Osso, que ninguém pode roer!

O DOUTOR

a sós

Oh! vão a partida ganhar!
Eu devo alguma cousa ceder,
E este coração conquistar.

A' ellas

Amiguinhas, está decidido.
Havemos de bemprehender,
A luta do direito exigido.

A VISITANTE

batendo palmas

E' um pacto que se vae firmar!

Juntam as mãos solenemente.

*Entre um creado, comi-
cemente, abraçado um
puchado de flores.*

O CREADO

As flores que a dona encommendou!
Deliciosissimas a cheirar.

ROSINHA

Oh! bem, comecemos nossa festa.

A VISITANTE

eo dantor

A nossa discussão se acabou?
Os nossos direitos já não contesta?

O DOUTOR

Oh! isto é que não; podeis agir.
Serei o primeiro a defender,
Os vossos direitos no porvir.

O CREADO

Senhora! estas flores vão murchar!

ROSINHA

Uma saudação vamos fazer.
Andemos á jovem festejar.

*Formose-se em linha,
cada um com uma flor
na mão e abrem clamando.*

Vivas, vivas te enviamos
Senhorita tão gentil.
E aos ventos proclamamos
Tuas graças mais de mil.

Vivas, vivas nós te damos,
Oh! rainha das bondosas.
Com estas flores te enviamos,
Saudações cariciosas.

Oh! que flores, que alegria,
Exulta o dia, exulta o dia.

FIM

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

ASSOCIAÇÃO FEMININA SANTISTA:

Livro de Atas de Assembléia (1902 a 1904).

Livro de Ofícios e comunicados internos (1902 a 1904).

Associação Feminina Santista. Liceu Feminino Santista (1902-1972). São Vicente: Danúbio, 1972.

FERREIRA, Durwal. **Associação Feminina Santista:** Compilação de artigos de A Tribuna de 1902 (datilografados).

ANUÁRIOS DE ENSINO do Estado de São Paulo 1909-1910 (p. 302) / 1911-1912 (p. 126) / 1913 (p. 66) / 1914 (p. 134) / 1915 (p. 87) / 1916 (p. 94) / 1917 (v. 1, p. 482-483; v. 2, p. 84).

BASTOS, Anália Franco e CALDAS, Eunice Peregrina de. **Manual para Escolas Maternais**, 1902.

Publicações de Eunice Peregrina de CALDAS:

Amphitrite. Brasil: 1924.

As moças da moda. São Paulo: Pocai-Weiss & C., 1915.

Brasil. São Paulo: Livraria da Liberdade, 1926.

Inezilha Braz. São Paulo: Pocai-Weiss & C., 1914.

Instituto Maria Braz. Berlim: Wilhelmstrasse, 1912.

Paiz Fulgurante. Rio de Janeiro: Paulo Pongetti & Cia, 1925.

Scenas domesticas. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1907.

Documentos avulsos:

Centro de Referência em Educação Mario Covas:

Registro de diploma de Eunice Caldas.

Registro de matrícula de Eunice Caldas.

Instituto de Estudos Brasileiros – USP:

Reportagens sobre a comitiva da ABE aos Estados Unidos.

O GLOBO, Rio de Janeiro, 14 jan. 1930 e 08 mar.1930.

O JORNAL. Rio de Janeiro, 07 mar. 1930.

Hemeroteca Roldão Mendes Rosa – Prefeitura Municipal de Santos:

A TRIBUNA: Reportagens sobre o “Espírito Feminino” e Colégio Eunice Caldas (17 e 21 jul. 1916; 3 nov. 1916), sobre Iracema Presgrave (29 nov. e 06 dez. 1921) e registro da missa de falecimento de Eunice Caldas (31 ago. 1967).

2. Fontes bibliográficas:

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n.7, p. 66-81, 1991.

ALGUMAS notas autobiográficas. **Pinheiros Terapêuticos**, São Paulo, v. 17, n.83, p. 12-19, mar./abr. 1965. (Número comemorativo do Centenário de Vital Brazil).

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: paixão pelo possível**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

_____. **Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século**. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 79, n. 191, p. 31-41, 1999.

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.

AZEVEDO, Francisca L. Nogueira de. Biografia e gênero. In: GUAZELLI, César Augusto Barcelos et al. (orgs.). **Questões da teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 131-146.

BASTOS, Maria Helena Camara. A educação como espetáculo. In: STEPHANOU, Maria e _____ (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. V. II: século XIX. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 116-131.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – Século XIX**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

BESSE, Susan K. **Modernizando as desigualdades**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1999.

BORGES, Wanda Rosa. **A profissionalização feminina**: uma experiência no ensino público. São Paulo: Loyola, 1980.

BRAGANÇA, Aníbal. A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999. p. 451-476.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: São Paulo, 2004.

BRAZIL, Lael Vital. **Vital Brazil Mineiro da Campanha**: uma genealogia brasileira. Rio de Janeiro, 1996.

BURKE, Peter. **Escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.

CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza e SILVA, Vera Lúcia Gaspar da (orgs.). **Feminização do magistério: vestígios do passado que marcam o presente**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

CAMPOS, Maria dos Reis. Educação primária nos Estados Unidos. **Boletim de Educação Pública**, ano I, n. 3, p. 381-393. 1930.

_____. **Escola Moderna: conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.

CAPUTO, Melissa M. S. O "espírito feminino" de Eunice Caldas. **Cadernos do Liceu**, Santos, ano III, n. 4, p. 31-39, fev. 2004.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 11, n.5, p. 173-191, 1991.

_____. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 97-113, 1994.

CHAMON, Carla Simone e FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A educação como problema, a América como destino: a viagem de Maria Guilhermina. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio e GONDRA, José Gonçalves (orgs.). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 39-64.

COELHO, Nelly. **A literatura infantil: história – teoria – análise (das origens orientais ao Brasil de hoje)**. São Paulo: Quiron/Global, 1982.

_____. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. São Paulo: Escrituras, 2002.

COMTE, Augusto. **Catecismo Positivista**. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores, v. XXXIII).

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001. v. 2. p. 403.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Loucura, gênero feminino: internação psiquiátrica de mulheres em São Paulo no início do século XX**. LASA 95 - XIX International congress, Latin American Studies, Espanha, 1995.

_____. **O espelho do mundo**. Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 181-215, 1998.

DE AMICIS, Edmundo. **Coração**. Trad. de João Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1967.

DUARTE, Constância L. (Org.). **Direitos das mulheres e injustiça dos homens: Nísia Floresta**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. A ficção didática de Nísia Floresta. In: LOPES, Eliane Marta T., FARIA Fº, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia G. (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 291 -324.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever nos entresséculos (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

_____. O lugar da emancipação da mulher no periodismo paulista (1888-1930). **Revista Iberoamericana**, Estados Unidos, v. LXX, n. 208-209, p. 653 - 663, jul. - dez. 2004.

ESTEVEES, Rosa Maria. **Uma fotobiografia de Vital Brazil**. 1984. 2 v. Dissertação (mestrado em Museologia). Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A tradução como negócio: Rui Barbosa, tradutor do livro “Lições de coisas”, de N. A. Calkins. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999. p. 595-61.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

FREITAG, Barbara. **O indivíduo em formação**. São Paulo: Cortez, 1994.

FOUCAULT, Michel. **A mulher/os rapazes: da história da sexualidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **A ordem do discurso**. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 2006.

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

KENSKI, Vani Moreira. Memória e Ensino. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 90, p. 45-51, ago. 1994.

HILSDORF, Maria Lúcia. **Tempos de Escola**: fontes para a presença feminina na Educação. São Paulo - século XX. São Paulo: Plêiade, 1999.

HOLANDA, Heloisa Buarque de. Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira avaliação. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 54-92.

KUHLMANN JR., Moysés. A educação infantil no século XIX. In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. V. II: século XIX. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 68-77.

LAJOLO, Marisa. A modernidade em Monteiro Lobato. **Letras de Hoje**, v. 15, p. 15-22, 1982.

_____ e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. História & Histórias. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

LARROYO, Francisco. **História Geral da Educação e da Pedagogia**. São Paulo: Mestre Jou, 1974. v. 2.

LEITE, Miriam L. Moreira. **Outra face do feminismo**: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

_____. A documentação de Maria Lacerda de Moura. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Ed. Unijuí, v. 17, n. 33, p. 238-250. 1997.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Viver a vida e contá-la: Hannah Arendt. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Pensadores sociais e História da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. O Decreto de Leôncio de Carvalho e os Pareceres de Rui Barbosa em debate – A criação da escola para o povo no Brasil no século XIX. In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. V. II: século XIX. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 91-103.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. 16. ed. Trad. De Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Nacional, 1985.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483-505, set./dez. 2005.

MARINO, Denise. **Educação na sala de visitas: testemunhos de uma educadora alemã em São Paulo, no século XIX**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica de Santos.

MARTINELLI, Eliana. **Aprender a ensinar ensinando: a formação do professor do ensino primário em São Paulo (1890 a 1920)**. 2003. Dissertação (mestrado em Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MAXIMO, Antonio Carlos. **Os Intelectuais e a Educação das Massas**. Campinas: Autores Associados, 2000.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **A grande dama da educação brasileira**. São Paulo: Madras, 2004.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1976.

_____. A educação na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: Difel, 1985. V. II. T. III.

NUNES, Clarice. Dilemas da modernidade latinoamericana: autoria feminina e discurso pedagógico. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Eliane de Christo. **Anália Franco e a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva**: idéias e práticas educativas para a criança e para a mulher (1870-1920). 2007. Dissertação (mestrado em Educação) Universidade São Francisco, Bragança Paulista, SP.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. **Santos nos caminhos da educação popular**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. Liceu Santista e a elite de missionários do progresso. **Cadernos do Liceu Santista**, Santos, v. IV, n. 6, p. 31-39, mar. 2005.

PESCUMA, Derna e CASTILHO, Antonio. **Referências bibliográficas**: um guia para documentar suas pesquisas incluindo Internet, CD-Rom, multimeios. 3.ed. São Paulo: Olho d'água, 2003.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. Livros e leitura na escola brasileira do século XX. In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. V. III: século XX. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 100-113.

REIS, Maria Cândida Delgado. **Tessitura de destinos**: mulher e educação – São Paulo 1910/20/30. São Paulo: EDUC, 1993.

_____. Guardiãs do Futuro: imagens do magistério de 1895 a 1920 em São Paulo. In: BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bila (orgs.). **Novos olhares**: Mulheres e Relações de Gênero no Brasil. São Paulo: Marco Zero/ Fundação Carlos Chagas, 1994. p. 111-132.

REIS FILHO, Casemiro dos. **A Educação e a Ilusão liberal**. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1981.

RODRIGUES, Leda Maria Pereira. **A instrução feminina em São Paulo**: subsídios para sua história até a Proclamação da República. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1962.

SAMARA, Eni de Mesquita, SOIHET, Rachel e MATOS, Maria Izilda de S. **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

SCHELBAUER, Anaete Regina. O método intuitivo e lições de coisas no Brasil do século XIX. In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. V. II: século XIX. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 132-149.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul. – dez. 1990.

_____. Igualdade *versus* diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. **Debate Feminista**. São Paulo: Melhoramentos, Edição Especial (Cidadania e Feminismo), p. 203-222, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA SOBRINHO, Costa e. **Santos noutros tempos**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1953.

SOARES, Leôncio e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Uma história da alfabetização de adultos no Brasil. In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. V. III: século XX. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 257-277.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.

STAROBINSKI, Jean. Os problemas da autobiografia. In: _____. **Jean-Jacques Rousseau**: a transparência e o obstáculo seguido de sete ensaios sobre Rousseau. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 187-207.

STEPHANOU, Maria. Discursos médicos e a educação sanitária na escola brasileira. In: _____ e BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. V. III: século XX. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 142-164.

TANURI, Leonor Maria. **O ensino normal no estado de São Paulo: 1890 - 1930.** São Paulo: FEUSP, 1979.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República.** Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971).** Campinas: Mercado de Letras, 2006.

_____. Júlia Lopes de Almeida e a educação brasileira no fim do século XIX: um estudo sobre o livro escolar Contos Infantis. **Revista Portuguesa de Educação**, Minho, v. 1, n. 17, p. 29-45, 2004.

_____. Livros por toda parte: o ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura.** Campinas: Mercado de Letras, 1999. p. 335-355.

_____. Escola pública e método intuitivo: aspectos de uma história conectada. In: LOMBARDI, José Claudinei, SAVIANI, Dermeval e NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs.). **A escola pública no Brasil: história e historiografia.** Campinas: Autores Associados, 2005. p. 143-158.

VIDAL, Diana e CARVALHO, Marília P. de. Mulheres e Magistério Primário: Tensões, Ambigüidades e Deslocamentos. In: VIDAL, Diana e HILSDORF, Maria Lúcia S. **Brasil 500 anos: tópicos em História da Educação.** São Paulo: EDUSP, 2001. p. 205-224.

_____ e FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2005.

VIEIRA, Carlos Eduardo. *Intelligentsia* e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a História Intelectual. **Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação.** Goiânia, 2006.

VITA, Luís Washington. **Alberto Salles: ideólogo da República.** São Paulo: Nacional, 1965.

XAVIER, Regina Célia Lima. O desafio do trabalho biográfico. In: GUAZELLI, César Augusto Barcelos et al. (orgs.). **Questões da teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 161-173.

ZIMMERMAN, Tânia Regina e MEDEIROS, Márcia Maria de. Biografia e gênero: repensando o feminino. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 9, p. 31-44, 2005.

3. Meio eletrônico:

BASTOS, Maria Helena Câmara. **Leituras de formação**. Coração, de Edmundo De Amicis (1886). Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/mariahelenacoracao.pdf>. Acesso em 02/04/2008.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A leitura como função pedagógica**: o literário na escola. Revista ACB, Brasília, DF, 7.1, 25.08.2005. Disponível em <http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/viewarticle.php?id=130>. Acesso em 20/03/2008.

COELHO, Nelly Novaes. **A emancipação da Mulher e a Imprensa Feminina** (séc. XIX – séc. XX). Disponível em: <http://kplus.cosmo.com.br>. Acesso em 10/10/2003.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 10/10/2003.

GENS, Rosa Maria de Carvalho. **Mulheres escrevem para crianças** (1890-1930). Disponível em: http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_rosa.htm. Acesso em 15/09/2003.

GOTLIB, Nádya Battella. **A literatura feita por mulheres no Brasil**. ANPOLL, 2002. Disponível em: http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_Nadia_Gotlib.htm. Acesso em 15/09/2003.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Where's the canon?** Notes on feminist literary historiography in Brazil. Disponível em: <http://acd.ufrj.br/pacc/paper3.html>. Acesso em 10/10/2003.

MOREIRA, Nadilza M. de B. **Da margem para o centro:** a autoria feminina e o discurso feminista do século XIX. Disponível em: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/9nadilzabh.html>. Acesso em 15/09/2003.

PAULILO, André Luiz. **O cosmopolitismo beligerante:** a reconstrução educacional na capital do Brasil entre 1922 e 1935. (enviado pelo autor via endereço eletrônico).

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. **Leitura escolar em São Paulo na Primeira República:** as Bibliotecas Infantis. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais16/sem07pdf/sm07ss03_04.pdf. Acesso em 20/03/2008.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. **Escrita autobiográfica e construção subjetiva.** Disponível em: <http://scielo.br/>. Acesso em 13/03/2007.

TREVISAN, Thabatha Aline. **Um estudo sobre os textos biográficos da galeria dos patronos de escolas por Antônio D'Ávila (1980-1989).** Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo02/Thabatha%20Aline%20Trevisan%20-%20Texto.pdf>. Acesso em 20/03/2008.

4. Entrevistas:

- Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Franco PEREIRA:
em Santos, 11/08/2000; 20/03/2001; 15/05/2003; 20/08/2003; 07/10/2003.

- Prof.^a Maria Aparecida Esteves MARTINS:
em Santos a 22 set. 2003.

- Dr. Catulo César P. B. MAGALHÃES:
em Santos a 24 out. 2001.

- Lael Vital BRAZIL:
em São Paulo a 10 de novembro de 2001.

- Déa Vilella PECKOLT:
em Santos a 22 de setembro de 2000 e por via telefônica em várias datas de 2007.

- Ana Glória Thereza Teixeira de Carvalho Nogueira SANTOS:
em Santos, 16 de março de 2007 e 31 de março de 2008.

- Rosa Maria Esteves MIGOTTO:
entrevistas e conversas informais, realizadas por meio eletrônico, telefone e internet.